

ESSE

IRRESISTÍVEL

DESEJO

FEMININO



NELSON COELHO

Esse irresistível desejo feminino

Nelson Coelho

www.nelsoncoeholiteratura.com.br

Digitalização: João Guilherme Caldas Steinstraesser

Escritores que opinaram sobre a ficção de Nelson Coelho: Clarice Lispector, Sérgio Milliet, Autran Dourado, Cassiano Ricardo, Salim Miguel, Hélio Pólvora, Reynaldo Jardim, Jorge Mautner, Luis Carlos Lisboa, Lygia Fagundes Telles, Fábio Lucas, Wilson Martins, Adolfo Casais Monteiro, Dalton Trevisan, Aníbal Machado, Paulo Bonfim, Patrícia Galvão, Décio de Almeida Prado, Ignácio Loyola Brandão, Antônio Houaiss.

Nelson Coelho tem 14 livros publicados. Coursou por dois anos Literatura Comparada na New York University.

“Sedução é o melhor antídoto para a solidão. Não se pode ser sedutor e solitário ao mesmo tempo.”

Ruan Sedut

“As mulheres aprendem a odiar, quando desaprendem a seduzir.”

Nietzsche

Para Aycilma, charmante

Arte da sedução e amor-ódio

Como se sabe, mulheres adoram ser seduzidas. Principalmente para confirmar seu maravilhoso poder de sedução. Adoram filhos em primeiro e mais alto lugar. Em seguida, no mesmo plano, amam a si mesmas e aos sedutores. Agora, quanto aos maridos, sempre sentiram escondido prazer em desprezá-los. Evidente, sempre souberam que marido foi, é e será sempre calado enterro da sedução e antes de mais nada é preciso deixar bem claro que meu nome talvez seja Ruan Sedut. E também que o duque da Aquitânia de número nove na seqüência dos Guilhermes disse, muitas vezes, para quem quisesse ouvir, que se eu não existisse, seria preciso inventar-me. Bem, mas esse Guilherme que foi um trovador, gostava muito de inventar coisas: criou um famoso código dedicado à teoria e prática da sedução amorosa que iria alterar por séculos os valores e costumes da nobre arte de amar. O duque Guilherme IX da Aquitânia é o codificador do amor cortês. Ele condena com ênfase a maneira antiga e grosseira de conquistar a mulher, maneira ainda muito próxima do rapto, da violação, do amor de estrebaria, um amor sem arte, sem delicadezas, nenhum respeito ou afeição poetizada, um amor sem encantamento, etc. Mas também não concorda com o outro extremo: o amor espiritualizado, a divinização da mulher que já estava em moda na Andaluzia sob a influência do neoplatonismo árabe. É verdade que para a criação de seu código, tomou emprestadas muitas práticas gentis usadas nesse tipo de idealismo afetivo, como por exemplo a atitude de submissão diante da dama a ser seduzida, ao contrário de simplesmente tomá-la com a arrogância de quem se julga senhor absoluto, etc. Só que para o trovador Guilherme, isso não deveria ser levado ao pé da letra e sim ser

uma hábil estratégia para amaciar o coração da amada. Mas não é Guilherme IX, que bebe um Bordeaux com o mesmo gozo sério do ritual sagrado e perigoso de seduzir uma dama, não é ele que inventa o insubstituível Ruan Sedut mesmo porque isso é impossível e esse duque da Aquitânia que também é conde de Poitiers e um dos mais antigos poetas da língua românica insiste muito no fato de o amor cavalheiresco ou cortês ser antes de tudo um desafio de honra, uma séria prova de fogo, sendo que isso quer dizer: do mesmo modo que a vida de um verdadeiro cavaleiro é sempre pontuada de desafios que sua honra e valor devem vencer, a conquista da mulher mais desejada e mais inatingível não é coisa para qualquer um e jamais sem perigos fatais! Certo esse Guilherme era mesmo um mestre na arte do amor, mas nem por isso poderia me inventar. Não se pode inventar uma pessoa. Ou será que se pode? Pelo menos uma vez já lemos ou ouvimos alguém afirmar que Deus não existe, que Deus é apenas uma invenção do homem para aplacar seu infinito medo do nada, etc. Ora, se se espera que nós humanos possamos criar algo tão importante como Deus, e Descartes fez isso usando apenas a força de seu pensamento, porque diabo nos faltaria valor para dar à luz um simples mortal? Ou competência para o duque Guilherme inventar um mortal não tão simples como Ruan Sedut? Mas mais importante do que se alguém me inventou ou não, é o fato de o caminho que leva ao coração da dama ser povoado de terríveis obstáculos: um pai bravo e possessivo, um marido vingativo e ciumento, um rival imbatível e ambicioso e sobretudo a inexpugnável virtude e as ambigüidades escorregadias da mulher desejada. Mas teria o conde de Poitiers realmente criado Ruan Sedut? Bem, é melhor ficarmos com os pés bem no chão porque afinal de contas e ao que se saiba, Guilherme IX da Aquitânia vive a totalidade de seus quarenta e

um anos entre 1.086 e 1.127, o que deixa criador e criatura muito distanciados no tempo.

Desde os dezoito anos sua única preocupação e ação concentram-se no desejo e ideal de fazer do jogo amoroso, da sedução, uma arte tão nobre, bela e corajosa como as competições, as justas e lições entre os cavaleiros mais destemidos ou os heroísmos no campo de batalha. Isso sem deixar um minuto de combater o erotismo ultra espiritualista em moda mais abaixo de seu ducado na espanhola Andaluzia onde a nobreza já rezava pelos cânones trazidos da Alexandria com ênfase nas idéias e práticas místicas talvez mais hinduístas que platônicas de Plotino falando de experiências visionárias que levam ao ponto luminoso originário onde contemplamos a própria luz, onde nos tornamos essa luz o que é o divino bem para o qual tende o desejo e que quando a alma conhece a beleza é tocada por uma admiração que a conduz purificada para o alto e chega então a pertencer ao divino onde reside a origem da beleza, etc. O Neoplatonismo é um essencialismo rigoroso que só poderia direcionar o desejo carnal para os rumos do amor descarnado, para a sublimação do corpo ou de utilizar o desejo sexual como alavanca para a ascensão espiritual com semelhanças às propostas do Tantrismo, etc.

Evidente que essa aversão ao chamado amor platônico nada tem a ver com o fato ou não do duque Guilherme me inventar e isso certamente tem pouquíssima importância para o sensual conde de Poitiers, pelo menos em comparação às deturpações que os novos trovadores das próximas décadas ali na vizinha Provença iriam fazer de seu código de sedução. Para esses deturpadores, o amante perfeito deveria chegar ao ponto ideal de apenas desejar o que sua amada desejasse, ou seja, a submissão plena e com um sorriso de felicidade, de

seus desejos e prazeres aos caprichos totais, aos gozos plenos e unilaterais que a dama quisesse ter, um servilismo tão devotado, uma escravização tão prazerosa que surpreenderia, sem dúvida, o extremado Sacher Masoch. O trovador Guilherme realmente não poderia mesmo sequer imaginar que ali mesmo no Languedoc e pelos próximos duzentos anos um cavalheiro pudesse resistir a um longo, muito longo tempo ao crescimento contínuo de seu desejo ao lado da dama nua, para só mais tarde abraçá-la, beijá-la inteira, excitá-la da ponta dos pés à penugem da nuca e depois penetrá-la mas sem jamais atingir o próprio orgasmo para que ela e somente ela tenha o bom prazer. O coito interrompido, para esses deturpadores do belo código do duque Guilherme IX, é o máximo da prova de devoção amorosa e também de força de caráter, de disciplina do desejo, etc. E é claro que em todos os séculos anteriores e posteriores a essas práticas, não seja encontrada mulher que possa sinceramente chamar isso de deturpação, claro. Só que os tais deturpadores exageraram tanto sua devoção submissa à mulher amada a ponto de a confundirem com a Virgem Maria: como o amor provençal insistia na sublimação platônica, estava assim a um passo da passagem do amor homem-mulher para o amor homem-Virgem Maria. O culto à Maria, o "deus-mãe", instituído no século treze, foi logo difundido nas classes populares pelos dominicanos e pelos franciscanos. Um século antes, São Bernardo já opunha com veemência a mística do amor divino ao pecaminoso amor cortês. Mas dizem que num país da América do Norte colonizado por puritanos bem intencionados, até o fim do século vinte as mulheres só recebem do homem a veneração e um certo medo cheio de culpa devidos a uma santa ou então o estupro e demais violências estúpidas merecidas pelo animal peçonhento que seduziu o bonzinho, o ingênuo

Adão. De qualquer maneira, esse amor devocional propicia um ganho extra além do prazer do sofrimento: a sublimação do desejo, a transcendência dos corpos faz com que as almas dos amantes sejam eternamente uma só e ainda por cima, Deus é encontrado através desse amor. Não é realização pequena! Morrer por isso até que se explica. Mas Ruan Sedut não gosta de morrer por amor nem por qualquer outra causa. Ruan Sedut gosta, adora ficar vivo. Mas compreende que a mulher peça sacrifícios do homem pois da mais feinha à belíssima, da muito rica à pobrinha, das feministas às femininas, todas nascem princesas e assim o que mais temem é suspeitar que seu escolhido possa não estar à sua altura. Aquele que escolhe para amar precisa merecer seu amor, deve ser alguém muito especial e provar que é através de grandes feitos e altos sacrifícios. A mulher prefere ser traída por um sedutor de prestígio do que adorada por um homem que nenhuma outra deseja. Mas é claro que morrer por amor e depois ir viver para sempre com o ser amado, morrer por amor e irem os dois morar no reino de Deus, não é exatamente igual a ser perseguido mortalmente por uma mulher desprezada. Será mesmo que todas as mulheres preferem ser rejeitadas por um homem que as outras desejam, do que ser amada por um boboca qualquer? Uma mulher chamada Marta Morguen no momento e já há algum tempo vem fazendo tudo que está a seu alcance para que Ruan Sedut não mais permaneça entre nós, mas se permanecer terá que ser de maneira precária, sofrida. Ruan Sedut insiste que o seduzido encontra nos olhos de quem o seduz, encontra nesses olhos de espelho do sedutor ou da sedutora, encontra ali o principal objeto de sua fascinação que é sua própria imagem idealizada, encantada, sua imagem despida do cotidiano banalizante e vestida do mito maravilhoso de si mesma, mas Marta Morguen bela mulher de

trinta e oito anos, ao mesmo tempo realista e romântica, não consegue se ver assim adorável e muito menos desejável nas últimas vezes que os olhos de Ruan Sedut encontraram os seus. Aliás quanto mais olhava nos meus olhos mais via que ela não estava nos meus olhos e de nada adiantou as amigas mostrarem solidariedade ou explicarem como professoras da arte do amor, explicarem como costumam fazer homens e mulheres quando o problema não é inteiramente deles, afirmando que mesmo tendo sido um jogo sujo, um golpe baixo, típico do egoísmo masculino, o melhor era esquecer e que o caminho mais rápido para o fim desse tipo de sofrimento sempre será substituir um objeto de amor por outro etc., mas acontece que Marta Morguen já havia encontrada uma alternativa tão comum como as demais: é aquela de transformar amor em ódio e assim continuar ligadíssima ao mesmo objeto afetivo. Para que a dor de perder um e procurar outro se com Ruan Sedut mesmo poderia continuar jogando de maneira igualmente apaixonada? E foi por isso que Marta Morguen, antes de conhecer as bravas e belas Amazonas que vivem nas vizinhanças do Mar Negro, primeiro tentou me incriminar na morte de seu marido, o banqueiro André Morguen cujo corpo foi encontrado dia 16 de julho, já em decomposição atolado nas areias de uma praia ensolarada de Creta. Ele teria simplesmente caído do deck de seu iate que navegava próximo às costas da ilha quando caminhava na direção primeiro de Chipre e em seguida de Alexandria? Teria sido empurrado? Ou seu corpo já estava sem vida quando jogado ao mar? A hipótese de suicídio também foi muito discutida. Mas Marta Morguen, antes de procurar as Amazonas que vivem perto do Mar Negro, não teve dúvidas: o assassino foi Ruan Sedut! Segundo ela, eu tinha motivo e oportunidade porque estava no iate com seu marido no dia 11 de abril. Ou melhor, navegava em outro

barco pertencente à empresária alemã Petra Schiller, da cadeia de fast-food do mesmo nome. Navega em direção de Chipre e o piloto do barco de seu marido talvez a pedido de Marta Morguen, declarou à polícia em Creta ter recebido insistentes pedidos de ajuda, qualquer coisa ligada a dificuldades com os aparelhos de orientação ou falta de combustível, e por isso houve uma abordagem sendo que, sempre segundo esse depoimento, Ruan Sedut teria subido ao iate do milionário juntamente com ele para prestar socorro e gentileza, etc. Disse também à polícia que enquanto providenciava com um marinheiro seu o reparo de um problema ligado a um curto-circuito que descarregava a bateria principal, estive mais de meia hora a sós com o marido de Marta Morguen no camarote, bebemos vinho, etc. E que teria sido perfeitamente possível, havendo intenção e habilidade, a colocação de algumas gotas de um veneno especial na bebida da vítima, um veneno que produz os sintomas exatos de um enfarto, etc.

Mas acontece que a polícia de Creta não deu maior significado a esse depoimento, nem viu evidências concretas para comprovar a morte por suicídio e muito menos achou plausível a hipótese do corpo ter sido atirado ao mar e ainda vivo por um assassino pois dos que estavam no iate e foram ouvidos, nenhum tinha o menor motivo para matá-lo, etc. Então o caso foi encerrado e Marta Morguen ficou tão deprimida que seus amigos souberam de sua estada por vinte dias num Spa perto de Milão, mas na realidade ela esteve internada por depressão numa clínica próxima de Rapallo, a elegante Villa Marina dirigida pelo professor Luigi Petroni e procurada pela elite européia por ser tão cara quanto discreta. E foi lá em Rapallo que conheceu Hipolita, uma das mulheres mais belas que viu em toda a vida, mas Hipolita não estava internada na Villa Marina. Seu barco, ancorado em Portofino nos

primeiros quinze dias de julho, veio de Burgas. E Burgas, na costa búlgara, é o porto mais próximo da Nação das Amazonas que tem Hipolita como rainha.

Terminados os vinte dias de sonoterapia ou de desintoxicação ou inicialmente doses fortes e depois decrescentes de anti-depressivos ou comprimidos do tipo placebo e muito aconselhamento profissional ou sessões de hipnose ou massagens e banhos em águas sulfurosas ou danças eróticas seguidas de respiração abdominal e dieta de frutas e verduras ou mesmo o velho e sinistro eletrochoque, o fato é que Marta Morguen ficou novinha em folha. Pronta para outra crise de depressão. Resolveu passar uma semana em Santa Margueritta, ali pertinho. O céu estava muito azul, o mar e o sol aquela delícia do verão na Ligúria. Numa tarde gostosa de sexta-feira, foi tomar um drinque e jantar na vizinha Portofino acompanhada do professor Luigi Petroni, da clínica.

Falando um pouco alto mencionou na conversa o nome de Ruan Sedut, que não saiu de sua cabeça mesmo após os rituais anti-depressivos. A bela Hipolita sentada na mesa ao lado no restaurante sorriu para ela de uma maneira discreta mas sedutora. Marta não resistiu, devolveu o sorriso e Hipolita disse polidamente: temos um amigo comum, não é verdade? Hipolita nem se preocupou com a presença do professor Petroni pois percebeu logo não ser ele nem marido, nem amante, nem sequer alguém interessado afetiva ou sexualmente em Marta Morguen. Hipolita foi convidada para a mesa de Marta Morguen e nos próximos cinco dias as duas ficaram íntimas.

Marta Morguen telefona para o hotel Crillon em Paris onde sua filha deveria estar. Pretendia explicar o atraso de alguns dias. Mas Doreen ainda não havia saído da Suíça, de Lausanne, do Lycée St. Mary. Liga para lá, a filha diz estar esperando Ruan Sedut e que iriam

para Saint Tropez e se ela tivesse sangue frio, os três poderiam depois se encontrar em Paris, por que não, mamãe querida...

O barco branco de Hipolita é maior que um iate e menor que um navio, mas sem dúvida o mais elegante e rico entre os ancorados ao largo de Portofino nesse verão. Marta Morguen aceita o convite da rainha Hipolita para uma semana de férias no país das Amazonas, se hospedaria no Palácio Real, viajariam por belos mares e para a viagem de volta prometeu um jatinho que a levaria onde desejasse. Desceram pelo mar Tirreno, passaram entre o bico da bota italiana e a Sicília atingindo o mar Jónico e navegando mais para oeste no sexto dia já estavam no mar de Creta e rumando para o norte em águas verdes e viajando entre as ilhas gregas de costas esbranquiçadas e pontilhadas por casas brancas, dois dias depois passaram pelo estreito de Dardanelos, entraram no Mar de Mármara, saíram desse mar para o Mar Negro naturalmente pelo Bósforo, rumaram a noroeste e logo estavam aportando em Burgas. Dali seguiram numa carruagem dourada como manda o protocolo até a Nação das Amazonas que não fica nem na Bulgária, nem na Turquia, nem na Romênia, nem na Moldávia, e a carruagem não andou mais que uns trinta quilômetros. Ainda no barco quando próximo ao porto de Pireus, Hipolita falou a Marta Morguen que a pouca distância dali, na maravilhosa Atenas hoje não tão linda, mora e reina Teseu que com ela fez amor por apenas uma noite como é tradição em sua raça. Tive um filho, Hipólito, mas não pude ficar com ele como também é de nossa tradição.

Mas como, no seu reino as mulheres não podem ficar com os filhos que geram?

Não, não me expressei direito. Teseu invadiu nossa terra e tomou meu filho. Mas o menino, Hipólito, não iria mesmo ficar em nosso país.

Nós, ou devolvemos os filhos homens aos pais ou então são sacrificados.

O que? Vocês matam os próprios filhos? Eu não acredito! Está brincando, não é?

Não todos, as filhas ficam vivas. E são educadas para a caça e a agricultura, mas sobretudo há um adestramento muito rigoroso e do qual temos especial orgulho pois sempre foi a marca específica de nossa milenar cultura. Todas nossas meninas e até o fim da vida são exímias guerreiras.

Hipólita continua olhando na direção do porto de Pireus. Seu olhar parece ir além e enxergar não em Atenas mas já fora da Ática quando um monstro saído do mar a mando de Poseidon assusta os cavalos do carro de seu filho Hipólito que é jogado para fora mas continua preso nas rédeas e é arrastado por sobre pontas de pedra para morrer esfacelado.

Soube que era um rapaz puro e lindo. Mas meus olhos só viram Hipólito uma única vez. Foi quando saiu de minha barriga. Logo chegou Teseu! Você deve saber que Fedra, a Fedra das tragédias, filha do rei Minos e irmã de Ariadne, casou-se com Teseu. Mas aí, como Teseu passava o tempo todo ou administrando Atenas ou praticando aqueles heroísmos dele nas horas de folga, ela, que gostava muito de homem, não teve dúvida e passou logo a seduzir meu filho Hipólito, enteado dela. Como Hipólito era devoto de Ártemis, a deusa-lua maternal e protetora dos muito jovens e puros, reagiu às investidas de Fedra, é claro. Mas ela não desiste, mulheres assim são totalmente dominadas por seus desejos e após meses de cerco fechado contra o meu menino e vendo no fim que não teria a menor chance, resolve se vingar dele. E sabe o que a megera faz?

Não, mas conta logo que estou morrendo de curiosidade...

Fedra simplesmente procura Teseu em seu gabinete na prefeitura de Atenas e chorando triste e desamparada pede pelo amor de Zeus que o marido a proteja das investidas sexuais do seu filho Hipólito. Claro que Teseu fica uma fera e invoca a vingança de Poseidon contra ele.

Que tragédia, minha querida, que tragédia! Uma verdadeira tragédia grega! Mas uma coisa, querida, eu não consigo entender muito bem.

Pode falar.

É o seguinte: como é que você uma Amazona e mais que isso, sendo a própria rainha das Amazonas, como é possível ser assim tão afetivamente apagada a um filho homem... Se entendi direito, as Amazonas são uma nação de mulheres, só de mulheres e isso, essa política restritiva, deve naturalmente ter causas profundas ou de decepção ou de superação gloriosa com relação ao antigo sexo-forte... não sei se consegui ser clara...

Não, eu entendi bem o sentido de sua dúvida. Mas acontece que para uma mulher, e estou falando com uma, filho é sempre filho, não é verdade? Todas as vidas geradas por nós são uterinamente sagradas, são carne de nossa carne... mesmo que seja homem! Mais eu não saberia dizer... nós Amazonas não especulamos como os filósofos, nós agimos, somos guerreiras!

Depois do navio, depois da carruagem dourada a partir do porto de Burgas, chegam à Nação das Amazonas e já no Palácio Real, Marta Morguen fica um pouco desapontada pois o tal palácio não era suntuoso, nem rico, nem chique como tinham indicado o iate e a carruagem. Era assim uma espécie de tenda, de grande barraca de campanha militar e todas as edificações que pode ver por onde passou

não eram muito diferentes, apenas menores. Mas Hipolita tem um charme incrível, além de bela é cheia de energia e ninguém resiste quando fala sobre qualquer assunto mas seus assuntos preferidos, é claro, são sempre de ordem política, são sempre em favor da libertação feminina, e Marta Morguen logo nem mais se lembrava de sua decepção quanto ao nenhum luxo do Palácio Real onde passaria aqueles dias de férias. Após um banho que Marta Morguen achou relaxante apesar de espartano como de escoteiro em expedição, dormiu algumas horas, numa grossa esteira de palha, jantou com Hipolita numa pequena barraca azul que é a sala de jantar privativa da rainha para receber convidadas especiais e mais tarde se dirigiram para o Fórum de Debates na Agora da cidade-capital que é sem nome como o próprio país, apenas conhecido como Nação das Amazonas. Foram a pé e no caminho Hipolita disse sem mais nem menos:

Sabe o que o Ruan Sedut me disse na noite que me seduziu?

O que?! Ruan Sedut te seduziu? Não é possível!

Pois é. Mas são águas passadas... Naquela noite ele me iludiu direitinho, sua argumentação me pareceu perfeita. Veja só o raciocínio dele: se todas as mulheres e homens fossem sedutores, jamais a história teria conhecido esse espécime abominável chamado machista. E portanto também nunca teriam existido as pobres vítimas indefesas desses exploradores da fraqueza feminina protegidos por leis masculinas. E tampouco as heróicas feministas precisariam estar passando pelos inconfessados conflitos sexuais e afetivos que enfrentam bravamente nesse final de século de mudanças tão profundas nas relações homem-mulher. É muito sério o conflito entre competir com o homem lá fora e ser mãe em casa. Mulheres e homens devem atingir a sabedoria libertadora da prática da sedução.

Marta Morguen sorri com os olhos, gostaria de poder adorar esses argumentos:

É o que você acha também?

Um momento, eu estou apenas reproduzindo o discurso do Ruan Sedut na noite que me seduziu. Uma mulher sedutora, concluiu e me convenceu, jamais será escrava de nenhum homem. A sedutora, mas somente a sedutora sem culpa, poderá ser mãe e profissional competente em qualquer área e com sucesso maior ou igual ao do homem. E ele insistiu muito nisso: mas jamais ela será esposa e o homem sedutor jamais será marido, esposa e marido é que são a desgraça, a origem da exploração e da hipocrisia. Sedução é a bela arte dos namorados e dos amantes. Quando uma mulher e um homem vivem juntos e não se dedicam mais ao prazer de seduzir um ao outro, eles se chamam marido e esposa. O que o marido e esposa fazem freqüentemente na cama nada mais é que estupro consentido. E no geral é aquela famosa única guerra em que inimigos deitam juntos, etc.

É uma noite gostosa e fresca de lua cheia, as duas estão chegando ao Fórum e Marta Morguen ouve as últimas palavras da rainha Hipolita e depois começa a rir, agora com todo o corpo, gostosamente. E Hipolita muito séria:

Você não acha que um homem como esse e com esse discurso é um perigo?

Claro que acho, mas eu estou rindo é dele e não do sentido das palavras desse enganador. Estou rindo porque Ruan Sedut é um homem ridículo, um homem que não tem idéias, que fala sempre as mesmas coisas. Tudo isso que te disse foi o mesmo que me disse e deve agora estar dizendo para uma outra mulher distraída.

O auditório estava completamente lotado, Hipólita foi quem apresentou a conferencista salientando não concordar no todo com a tese que ela ia defender. Acha que o movimento de libertação da mulher frente ao homem ainda está na fase de derrota completa do adversário e muito longe ainda do momento ideal de um novo desenho da boa convivência entre os sexos opostos para um novo perfil civilizatório. Mas de verdade Hipólita tem certeza absoluta de que o homem é inferior e não é construtivo conviver com o diferente quando inferior.

A professora de antropologia, uma canadense de uns trinta anos, muito elegante, sorriso lindo, aberto, culta mas muito retórica começou assim: Durante as últimas décadas intensificamos nossa luta para sermos iguais em direitos e oportunidades aos homens. Em grande parte já conseguimos. Acho que já parece bem mais evidente que podemos assumir funções de chefia, dirigir um ministério, uma prefeitura, ocupar postos na alta hierarquia do poder judiciário, dirigir um país, fazer serviços pesados, podemos ser fortes, eficientes, corajosas e destemidas, tudo igualzinho a eles!

Aí teve que interromper por uns bons minutos até o auditório parar o aplauso entusiasmado. E logo: Agora um ponto tão ou mais importante, prestem bem atenção. Nossas funções especificamente femininas não podem, não devem de maneira alguma atrapalhar nosso desempenho. Essas funções além de nosso patrimônio, são nosso orgulho. É como mulheres, sem jamais deixarmos de ser mulheres, que devemos competir com os homens. Podemos sim, não tenham a menor dúvida, ser mãe, cuidar dos filhos, ficar menstruada, viver nosso espaço particular de emoção juntamente com performances excelentes na vida profissional, na vida pública. Temos todo o direito à diferença, sem culpa e sem perda de posição, porque o masculino praticamente deixou

de ser o padrão, o modelo na direção do qual as mulheres já liberadas ainda lutavam até pouco tempo para se adaptar. Nós mulheres somos sim diferentes dos homens. Mas não por sermos menos, como antigamente, menos inteligentes, menos capazes, menos seguras de si. Somos diferentes dos homens porque no núcleo de nosso ser encontram-se outros valores, valores como uma fina e sensível capacidade de atenção e de cuidado com o outro, valores como a paixão em proteger a vida, a valorização sistemática do afetivo, da intimidade desarmada, ou seja, nós sentimos e praticamos uma interação bem mais humana com os outros. Repito, devemos ter orgulho de nossa diferença. A luta pela igualdade foi a primeira fase. Agora é hora de afirmar nossa diferença. Mas não para negar a igualdade já conquistada e sim para corrigir as distorções que infelizmente levaram muitas de nós a quase virarem homens.

No dia seguinte, enquanto tomavam café da manhã à beira de uma piscina que mais parecia um belo tanque para peixes, aliás haviam algumas carpas vermelhas nadando na tal piscina de águas esverdeadas e onde boiavam algumas flores de lótus e muitas algas, enquanto Marta Morguen elogiava os projetos de educação e desenvolvimento intelectual e ideológico que Hipolita estava implantando na Nação das Amazonas, a rainha achou que era o momento de ir direto a um assunto que lhe parecia no mínimo estranho:

Acho que já posso te fazer uma pergunta talvez um pouco íntima.
Mas claro que pode. Fique completamente à vontade.

Se você se interessa, e vejo que seu interesse é legítimo, pelas questões de política feminista, como é que não consegue esquecer, não consegue superar uma decepção amorosa, um golpe baixo e previsível de um conquistador barato como esse infeliz Ruan Sedut?

Bom, em primeiro lugar Ruan Sedut não é exatamente um conquistador barato, você nem imagina o dinheirão que investi naquele mau caráter... Agora, não sou uma feminista como você, claro que não tenho o seu nível, nem o seu passado de lutas, nem sua cultura nessa área e apesar de admirar sua convicção inabalável, seu heroísmo historicamente reconhecido e o quanto todas as mulheres devemos à sua insubstituível liderança, apesar de tudo isso eu não sou você, não consigo resistir à tentação que alguns homens exercem sobre mim! E as dores do amor, da separação, do abandono são as piores dores que existem... Claro eles precisam aprender, na carne se preciso, que somos iguais ou melhores que eles e nunca, nunca inferiores, nossas conquistas são irreversíveis... O Ruan Sedut me abandonou, entende?

Marta Morguen quando começa a falar de Ruan Sedut só termina se a outra pessoa realmente impede e Hipolita agora faz isso assim:

Minha querida, você acha mesmo que nós precisaríamos fazer qualquer coisa para que ele não só deixe de seduzir mulheres incautas como principalmente pare definitivamente de influenciar mulheres e homens com argumentos de que os homens podem voltar a ser sedutores? O homem agora só serve mesmo é para marido!

Mas claro, mas claro! Ruan Sedut precisa ser castrado!

Tanto assim?

Se necessário, por que não? Mas eu falei castrado no sentido psicológico, precisamos fazer com que se sinta profundamente inferior e acabar com aquela arrogância empinada e vermelha de galo de terreiro! Ele precisa saber de maneira radical que homem é apenas homem e não um herói, um gênio, um sábio, um campeão, um irresistível amante só porque tem um maldito pênis entre as pernas! Acho urgente e fundamental que ele pare de pensar que é o sol no

sentido de que sem sol não há vida, entende? Todo mundo sabe que o mar é o berço da vida, é no mar que nasceu a primeira forma de vida orgânica e o mar é água e a água é mulher. A vida nasce na água, dentro da mulher. Mas Ruan Sedut vive dizendo que a vida só pode existir numa tal de deliciosa dinâmica entre masculino e feminino. Ruan Sedut precisa se tornar um impotente, se possível no plano físico, mas se não conseguirmos isso, pelo menos devemos trabalhar no sentido de sua impotência psicológica, que ele se sinta e exista como um fracassado, um falido como ser humano, um decadente!

Hipolita não estava mais prestando muita atenção às últimas palavras de Marta Morguen porque de repente, sentindo o entusiasmo da hóspede, teve a idéia de canalizar melhor tanta paixão e decidiu seduzi-la para o seu exército.

Marta Morguen, me ocorreu agora que talvez você pudesse pensar na possibilidade de ficar conosco por mais tempo que uma semana, que acha? Veja, a bela Safo que mora aqui pertinho na ilha de Lesbos, ali nas costas da Turquia, será a próxima palestrante. Mas vai dizer apenas alguns de seus deliciosos poemas. Ela é ótima. Que tal?

Ah, eu adoraria, mas é completamente impossível. A minha filha...

Veja, minha querida, eu gostaria de estudar com você algum plano mais detalhado, mais elaborado com relação a, digamos, uma punição exemplar para Ruan Sedut... Quem sabe talvez o envio de um de nossos esquadrões de elite e por que não o próprio grupo F. L.

Não, eu bem que queria, mas infelizmente não posso mesmo... Mas o que é o grupo F. L.?

F. L. é a sigla de Felação Letal.

O que?

Fellare em latim quer dizer mamar, chupar, etc.

Nossa! Eu fico até arrepiada!

Pois é, elas sabem fazer isso com perfeição, nenhum homem resiste e no auge da ereção e já no momento do orgasmo do egoísta, nhak! Elas têm dentes fortíssimos e afiados como uma navalha.

Que loucura, meu Deus! Nunca imaginei que isso pudesse existir. Mas não seria radical demais?

Radical? Bem, se isso te choca poderíamos usar a técnica da fobia induzida, ou seja, Ruan Sedut ficaria sabendo que espalhamos nossas belíssimas castradoras pelos lugares que ele frequenta. Estariam disfarçadas para parecerem as mulheres com quem faz seus jogos de sedução, mas só que na realidade elas nem sequer sairiam daqui, entendeu? O medo que estaria daí por diante dentro dele seria o nosso melhor aliado para, se tivermos sorte, levá-lo a algum tipo de impotência. Mas há também o projeto B. E.

B. E.?

Beijo Envenenado. Nossas especialistas em B. E. vestem a língua com uma película protetora finíssima na ponta da qual há uma minúscula bolsa. Nessa bolsa é colocado um veneno muito forte que mata em apenas seis segundos. A bolsa se rompe facilmente com pequena pressão junto à língua da vítima e nossa profissional sai ileso porque sua língua está o tempo todo protegida pela película... Como é, não quer mesmo repensar sua decisão de não ficar aqui conosco um pouco mais de tempo?

Marta Morguen aceita pelo menos pensar no assunto. No dia seguinte Hipolita manda que uma soldada leve ao quarto de Marta Morguen um delicioso café da manhã: suco de lima com champanhe, café com leite e torradas e caviar e manteiga, etc.

Na bandeja havia também uma estranha flor verde limão de perfume ainda mais estranho que fez Marta Morguen se sentir de repente quase no céu. E mais um bilhete escrito à mão pela própria rainha Hipolita convidando-a para uma reunião meia hora mais tarde numa das salas secretas do palácio-tenda. Marta Morguen foi à tal reunião e aceitou fazer parte do Conselho de Planejamento Operacional Para Casos Pessoais. Após um curso rápido mas intensivo para o conhecimento do Código de Estratégias e Táticas, a rainha lhe entregou o comando da Operação Ruan Sedut.

Proposta de uma psicóloga desse grupo de operação foi aprovada por unanimidade: Se for divulgado de maneira correta e insistente que Ruan Sedut é um obstinado estuprador, em menos de um mês toda a sociedade que frequenta estará contra ele. Mas é básico para o sucesso do plano que sejam forjadas provas irrefutáveis e também que o impacto sobre a emoção das pessoas seja planejado por profissionais em sugestão!

Mãe, filha e amante

No momento Doreen ainda acha que se não me segurar direito, posso voltar para a mãe dela. Eu tinha uns dezesseis anos quando primeiro comecei a perceber que a maioria das garotas preferia sair com um garoto de muitas garotas, do que ser adorada por um que nenhuma outra deseja. E daí por diante comecei a por em dúvida a certeza de que as mulheres escolhem este e não aquele independente do prestígio do escolhido junto às suas concorrentes. Até então eu acreditava que a

decisão era sempre decorrência de o herói ter olhos verdes ou corpo de atleta ou inteligência superior ou porque era riquíssimo ou um artista de grande talento, ou por ter um coração de ouro ou defender causas nobres ou campeões disso ou daquilo ou ainda ter aquele excitante, para elas, ar de desamparo com os olhos tristes e sedentos dos mal desmamados, etc. Embora continue entendendo quase nada sobre o que realmente querem as mulheres, hoje acredito que se não houver uma outra e de preferência uma outra que seja no mínimo atraente, será inútil tentar impressionar apenas com esse tal de charme que elas costumam dizer que tenho. Bom, talvez isso que acabo de afirmar seja demais categórico e muito excludente. Mais correto portanto será dizer que com essa estratégia nunca tive decepção e no caso da bela Doreen com quem no momento estou em Saint Tropez, tive que primeiro seduzir Marta Morguen, a mãe dela. Fiz de tudo para que Doreen me percebesse, mas nunca me senti tão invisível para uma mulher como durante as tentativas inúteis que duraram mais de uma semana. Aí uma noite no restaurante Procope, em Paris, Doreen estava com o pai e a mãe, minha mesa ficava em frente a deles. Fingi ignorar Doreen e procurei olhar Marta Morguen do jeito que mulheres como ela adoram ser olhadas. Percebeu rapidamente nos meus olhos que eu estava de fato fascinado por ela. Mas é claro que também passei a certeza de que minha emoção diante de seu charme era acompanhada do mais correto respeito, etc. Arrisquei esse lance para testar a filha, ainda não sabia que Marta Morguen era qualquer coisa assim como um arquétipo da mulher elegante, madura e fascinante na cabeça de Doreen. Ela tem a mãe como um modelo ideal, sempre quis ser Marta Morguen, que tem um corpo mais sensual e mais bem desenhado que o dela, é expansiva, sabe conduzir uma conversa com leveza e graça e os homens ficam sempre

encantados, se sentindo importantes, etc. Mas como isso às vezes acontece, Doreen quer ser a mãe e não gosta da mãe! Comporta-se como uma rival e para completar esse tipo não muito raro de quadro, mais tarde descobri que havia também um esqueleto escondido no armário da família: se o pai vivia tentando seduzi-la em criança ou se isso é apenas uma fantasia, uma projeção devido a seu desejo inconsciente por ele, etc., não é da minha especialidade opinar. Mas voltando ao assunto, se eu não tivesse colocado Marta Morguen no jogo, acho que até hoje Doreen nem saberia que existo. Bom, é verdade que o preço dessa estratégia não foi exatamente pequeno. Acabei tendo um caso de um mês e pouco com Marta Morguen e hoje ela é talvez a maior inimiga que tive em toda a vida. Quando conheci Marta Morguen, não podia imaginar que fosse uma mulher tão perigosamente obstinada. No começo me pareceu do tipo mãe bonita, suave, mais maternal que sensual, ela tem um corpo maravilhoso, mas tinha a certeza de poder largá-la sem maiores problemas, apenas convencendo-a de que era ela que me abandonava, ou então iria deixá-la para o bem dela, por amá-la muito, essas coisas. Foi meu pior diagnóstico, pensei que fosse do gênero das que gostam de guardar num cantinho da memória os momentos em que foram felizes com um homem. Ainda mais porque tudo indicava querer continuar bem casada, etc. Mas essa coisa de um amor-perfeito perfumado e seco entre folhas de um livro de poemas definitivamente nada tem a ver com Marta Morguen. Ficou apaixonada por mim de maneira tão possessiva e vulcânica como nunca me aconteceu antes com nenhuma outra. Uma coisa incrível! Até hoje ainda não lenho certeza se ela está mesmo inocente com relação à morte do marido banqueiro! Ela é sem dúvida a mulher mais diabolicamente passional que já conheci. A certa altura

meteu na cabeça que eu era o homem mais maravilhoso do mundo. Talvez não tenha conhecido muitos outros. Não é incomum as mulheres gostarem de mim, desde os vinte anos convivo com isso que hoje entendo fazer parte da minha realidade, como a sensibilidade e o talento específico fazem parte da vida do músico, do pintor, do artista em geral. Mas como nas outras artes, existe sempre muito de aprendizado na nobre arte de seduzir. Por exemplo, por mais talentoso que seja e por mais troféus que sua vaidade possa colecionar, qualquer um será sempre apenas cinqüenta por cento sedutor. Os outros cinqüenta por cento são as seduzidas que lhe proporcionam. São qualidades e fascínios que estão muito mais no desejo e na idealização delas que neles. Talvez por isso o ódio e vontade forte de vingança que acontece quando a seduzida é abandonada, ela se sente roubada daqueles cinqüenta por cento de investimento que fez na construção de seu objeto de amor. Em mim Marta Morguen deve ter investido no mínimo oitenta por cento. Nunca vi tanta obsessão por alguém. E quando começou a desconfiar que eu tinha um caso com a filha dela, antes de abrir o jogo, antes de me pedir uma explicação, disse em tom dramático que seu marido, pai de Doreen, não é um homem muito normal, muito equilibrado quando se trata de algum aproveitador que queira fazer sexo com a sua menina, o ciúme que ele tem dela é meio doentio me contou com detalhes um tanto mórbidos sobre o espancamento que o pai banqueiro mandou aplicar num professor de tênis, e olhe que era um jovem muito bonzinho, um ótimo rapaz... Mais tarde vendo que aquilo não tinha me assustado e não tendo mais dúvida de que eu e Doreen já estávamos muito ligados, iniciou um comportamento que esse sim me assustou: inventou uma trama realmente satânica para me implicar na morte do marido! Forjou uma testemunha para depor perante a polícia

de Creta que eu havia estado no iate dele e onde teria oportunidade de envenenar o poderoso banqueiro. Uma mulher da elite empresarial da Europa chamada Petra Schiller, amiga de Marta Morguen, também depôs em Creta contando que eu navegava com ela em seu barco no Mediterrâneo próximo às costas dessa ilha onde o corpo foi encontrado. E que o rádio do iate do banqueiro pediu socorro e ela e eu atendemos imediatamente pois éramos a embarcação mais próxima. Confirmou a versão do tal piloto de que acompanhei o mecânico na ajuda e assim tive oportunidade de tirar a vida do marido de Marta Morguen. Só que essa trama cara e complicada não deu certo. O tal piloto subornado disse que me viu tomando vinho com a vítima quando eu teria colocado veneno em sua bebida, mas não teve coragem de afirmar que me vira jogando o corpo ao mar. Aí, como não havia nenhuma testemunha visual para sustentar essa hipótese me convocaram também para depor. Fui localizado em Paris e após longas discussões sobre se eu ou a justiça grega pagaria minha passagem, resolveram que meu depoimento poderia ser mesmo na embaixada da Grécia. Deixei claro que no dia 11 de abril eu estava aqui mesmo na França, que a última vez que naveguei por aqueles mares foi há uns quinze anos e principalmente que conhecia o nome de Petra Schiller apenas pelas colunas sociais. Agora, uns dois meses depois de toda essa perigosa confusão, parece finalmente que a polícia de Creta encerrou duma vez o caso declarando que o poderoso banqueiro marido de Marta Morguen passava por forte depressão, andou misturando doses elevadas de sedativos com estimulantes e acabou se jogando ao mar, etc. Mas não será improvável que o caso venha a ser reaberto. Essa tese do suicídio deixa muitas perguntas sem resposta. Neste verão a novidade será o casamento da minha bela Doreen com o vice-presidente do banco de seu pai, um homem de

cinquenta e seis anos que ficou viúvo recentemente. Doreen me conta tudo. Ou quase tudo. Disse que pretende deixar sua mãe sem nem um centavo. Também acha que Marta Morguen poderia ter tirado a vida de seu pai quando soube que ele planejava a redação de um novo testamento. Muito apegado a tudo que lhe pertencia ou julgava lhe pertencer, não aceitou o fato da esposa falar em divórcio e principalmente para se casar com um aventureiro inescrupuloso como eu, etc. Ainda segundo Doreen, o testamento lido uma semana após sua morte era o mesmo que fez há uns oito anos atrás. Fora as propriedades, as ações do banco ficaram trinta por cento para Marta Morguen e vinte e um por cento para Doreen. Mas acontece que o vice-presidente veio adquirindo na última década, das mãos dos pequenos acionistas e em nome de cinco empresas fictícias, exatamente trinta por cento do total das ações e assim se somadas com os vinte e um por cento de Doreen, sua mãe perde o controle do banco. Doreen disse nunca ter seduzido um homem com tanta facilidade como esse banqueiro. Bem, ainda não sei se vale a pena decepcioná-la, mas tenho a impressão de que a seduzida foi ela.

Mesmo sendo linda, ambiciosa, com um tipo de charme que me parece ainda um pouco vacilante mas com a vantagem da idade que envaidece um homem de mais de cinquenta anos, e até somando a tudo isso a poderosa motivação do desejo de vingança, continuo achando que o tal banqueiro é mais esperto que ela. Já me enganei mais de uma vez subestimando a capacidade sedutora de mulheres muito jovens ou muito inexperientes ou mesmo feias. Será que é seguro subestimar o apetite de um banqueiro quando o assunto é dinheiro? E que vem trabalhando calado e há tantos anos no projeto de ficar com tudo?

Preciso que você se sinta atraente

Existe em Saint Tropez uma grande praça retangular emoldurada de árvores e de Cafés e pequenos Restaurantes onde de manhã e à tarde os aficionados do jogo de *boule* passam horas de pé na areia firme do chão tentando atirar bolas de ferro o mais próximo possível de uma bolinha também de ferro. Agora Doreen e Ruan Sedut estão nessa praça, Place des Lices, e também jogando *boule* porque ela, de verdade ou para fazer tipo, insiste ser esse o jogo mais emocionante que existe, se estivesse com outro homem não é provável que Ruan Sedut sequer observasse os lances das bolas. Não é uma diversão das mais interessantes para ele, não acha muita graça. Ainda mais que Doreen ganha quase todas as partidas. E os franceses, não os turistas, mas os típicos da região que parecem serem os mesmos e no mesmo lugar desde a Idade-Média, começam a se interessar pela bela Doreen. Um deles, meio camponês de uns sessenta anos, cara vermelha de vinho e forte como um touro disse sério, sem olhar para Doreen, que ela jogava tão bem quanto um homem. Ruan Sedut fingiu ter achado graça no elogio talvez porque sendo Lices o nome da praça e os jogadores tão de outra época, não seria nada impossível que justas e torneios com pesadas lanças pudessem de repente voltar a acontecer ali, naquela liça, entre o velho touro armado até os dentes e ele para ver quem iria ficar com a donzela jogadora de *boule*. Ainda por cima, naquela gostosa tarde de sol Doreen expressando charme e alegria jovem em todos os milímetros do corpo vestido com uma saia curtíssima e uma blusa bem decotada. Ruan Sedut não é exatamente um troglodita que urra mais quando mata os outros machos concorrentes do que quando deita com o troféu da vitória. Longe disso. A sedução da inseduzível ainda é seu

prazer principal. Uma vez, na velha Rio de Janeiro adorou a frase de um malandro dizendo com a cara mais séria para um policial que o acusava de ter começado uma briga: mas o que é isso, autoridade! Eu não sou de briga, meu esporte é carinho! Doreen e Ruan Sedut foram à praia de manhã, ela simplesmente adora o banho de mar na Riviera francesa e italiana por causa do uso tranqüilo do *top-less*, acha seus cios belíssimos, almoçaram no Bistrot de Lices uma Delice de Sole Bonne Femme com uma garrafa de Chablis e depois jogaram *boule* logo em frente e voltaram para o hotel La Mandarine no caminho da praia Tahiti e assim que entraram no quarto sem mais nem menos ela começa a chorar enquanto diz frases cheias de ódio do tipo ela matou meu pai, sei, sei que ela matou, mamãe é um monstro! Uma assassina! ... só porque sabia que ele gostava de mim ... simplesmente não agüenta que alguém possa me amar, isso é uma ofensa pessoal para ela ... o fato de você ter me preferido a ela isso jamais irá perdoar, é um monstro! Uma assassina! Ah, mas eu me vingo, ah se me vingo, ela matou meu pai, não foi? Pois eu vou fazer coisa muito pior para ela, vou deixá-la mais pobre que a mais pobre das mulheres, ela não perde por esperar, aquela megera! Nas últimas frases Doreen já não estava mais chorando, talvez porque a intenção firme de se vingar costuma levantar o ânimo. Ficaram mais uns cinco dias em St. Tropez, depois ela foi para Nova York onde se casaria com o tal banqueiro mais ambicioso do que jovem. Ruan Sedut tem um antigo apartamento não muito grande em Paris, no Boulevard Raspail quase na esquina do Boulevard St. Germain. De St. Tropez seguiu primeiro para Veneza atendendo ao convite de uma amiga que tem uma Villa ali perto, um fim de semana num lugar lindo com vinhos e massas deliciosas mas o filho de dezessete anos dessa sua hostess morreu no dia em que chegou quando

sua moto indo de Verona para Padova, foi atropelada por um caminhão e em seguida esmagada por um ônibus. Logo após o enterro do rapaz na cripta da capela da Villa, Ruan Sedut viajou para Paris. Na realidade, mesmo com sua maneira um tanto cruel de diabinha do amor, Doreen não chegou a entusiasmar muito Ruan Sedut. O tempo todo não pode deixar de ver o quanto ela estava empenhada em seduzir, em parecer sedutora. Não foi exatamente um tédio mas quando finalmente teve certeza de que não iria mesmo parar com aquela bobagem de fazer com que ele se apaixonasse, aí o jogo se aproximou do cansativo e teria sido pior ainda não fosse o fato dela pelo menos gostar muito de sexo, etc. Mas a verdade é que Ruan Sedut talvez não tenha conseguido seduzir Doreen. Não entrou muito fundo no universo afetivo dela, que estava obviamente muito ocupado pela perda do pai e pelo ódio à mãe. Isso poderia aceitar mas com dificuldade pois seu desejo sempre espera que uma mulher esqueça tudo e não tenha outro objeto de afeição além dele. O que não agüentou muito bem foi a ingenuidade pretensiosa dela, chegou alguns momentos até a se irritar quando Doreen dizia coisas como mas o que é isso, bobinho, você está cansado de saber que meu casamento é um lance apenas econômico, político, não vou esquecer você, não precisa ter medo ... Ruan Sedut acredita que o pior já passou, prefere considerar esses poucos meses de envolvimento com essa maldita família, Doreen, Marta Morguen e o ex-marido André Moiguen, como apenas um rápido período de pouca sorte ou erro de julgamento ou problema de pura gula. Quando olhou Doreen pela primeira vez não teve assim tanta vontade de conhecê-la mais fundo, de jogar com ela. Falta do que fazer ou a incontrolável força de hábito? Sei, lá, de vez em quando passo por períodos onde esses casos mal começados ou mal acabados parecem me perseguir, mas é melhor

continuar não vendo neles mais que normais acidentes de percurso ou incentivos para instigar o desejo com relação à nova mulher que vou conhecer. Mas por que será que uma menina convencida como essa Doreen acaba por me aborrecer? Só por ser convencida, pretensiosa? Ou por que não me viu como me vejo? E eu me vejo como o que? Não, não me vejo como um sedutor, longe disso. Acho que os chamados sedutores são mesmo mais um produto do desejo feminino do que da forte necessidade deles de serem amados e assim se sentirem endeusados e protegidos e melhores que os outros, etc. Não, nunca me vi, nem me vejo como um sedutor, mas sei que sou um sedutor desde criança. Sei do mesmo jeito que um menino acaba sabendo que ele é Carlos de tanto que todos o chamam de Carlos e por falar nisso, meu sobrenome herdei de meu pai e ele de meu avô, etc., homens de uma só mulher e que se orgulhavam disso. Acho que do que gosto mesmo é ver uma mulher se sentir bela, atraente e sobretudo desejada, acho o máximo! Me dá um grande prazer. Mas é provável que eu tenha também algum talento para influenciar, mudar idéias, mudar valores, essas coisas que muitas pessoas ou todas dizem detestar que façam com elas mas ao mesmo tempo adoram quando a coisa não vem na forma de estupro e mesmo quando fazem isso com os outros, etc. Talvez eu consiga com algum êxito mudar o rumo dos sentimentos e até o ritmo físico de uma mulher. Talvez a autoconfiança seja uma forma de charme. Talvez o se saber sedutor é que seduz. Talvez o auto-gostar seja contagioso. Acho que tudo começou quando pela primeira vez vi meu rosto no espelho e gostei do que vi. Não que isso tenha acontecido na primeira vez que me olhei no espelho, mas sim na primeira vez que gostei de me ver e daí em diante comecei a perceber que as mulheres, também daí em diante, sempre que olhavam nos meus olhos diziam

com os delas a mesma coisa que os meus me disseram aquela vez no espelho. Antes não era assim e o curioso é que não houve nenhuma mudança objetiva. Talvez esse conflito tão comum e tão penoso do sujeito que olha e do objeto que é olhado e falo no sentido amplo do olhar, quando sujeito e objeto somos nós mesmos e um não gosta do outro e não só no aspecto visual, talvez isso provoque uma espécie de curto-circuito que descarregue alguma força magnética, que anule a imantação, o poder atrativo que um corpo físico pode exercer sobre outro. Não creio também ser o auto-amor que esteja na raiz da criação do chamado Eu. Pode parecer estranho, mas o não se gostar é que estaria na origem dessa usina de angústia conhecida como Si Mesmo, como Eu. Não havendo nenhum tipo de auto-desgosto de onde viria tanta preocupação a ponto de inventarmos uma vítima simbólica, um saco de pancadas situado dentro de nosso corpo para ser culpado de tudo que não dá prazer? E mesmo nos velhos tempos quando esse Eu era meio sagrado por se confundir com a idéia de alma, a coisa não era muito diferente porque sofria-se muito com as impurezas e penosas purificações a que ele estava sujeito. Quando amamos, desaparece a noção de um Eu, porque acaba o conflito que o gerou, o conflito entre um sujeito e um objeto fechado, na mesma pessoa. E aí somos uma força afirmativa, criativa de vida, um fluxo vital que é atraente, sedutor. Sedução é força atrativa. Há um campo gravitacional criado pelo que é atraente e desse campo dificilmente se escapa.

Mas sempre existiu e existe um forte preconceito contra o gostar de si mesmo, dizem ser o auge do egoísmo e os mais sofisticados afirmam que sem o narcisismo não existiria essa coisa conflitante que chamamos de Eu, etc. De fato, Narciso não goza de prestígio desde seus tempos na Grécia antiga. E já em nossa época, Freud chegou a excluí-lo

do universo psicanalítico porque quem investe afeto somente em si mesmo não poderá transferir para o analista o tipo de amor ou amor-ódio edipiano, ou seja a carga afetiva que deveria estar investida, depositada nos pais, etc. No mito, Narciso era um castigado, foi punido por não responder aos desejos de centenas de Ninfas que adoravam sua beleza. Uma delas, de nome Eco e a mais bela de todas, fez de tudo para conquistar Narciso e mesmo tendo fracassado, a ciumenta Hera, mulher de Zeus, cismou que seu sedutor marido andava se engraçando com essa Eco. E Hera, má como gostava de ser, resolveu condená-la a uma pena aparentemente sem importância: "De hoje em diante você terá sempre direito à última palavra, mas em compensação, nenhum poder de falar primeiro." Com isso não pode mais ler a iniciativa de puxar conversa com Narciso. Mas talvez mesmo sem essa punição a coisa não seria diferente porque as outras Ninfas mesmo podendo iniciar diálogo, também nada conseguiam. Até que uma delas resolveu acabar com tanta arrogância e pediu a uma deusa chamada Nemesis, conhecida como protetora dos indignados e esta deusa decretou a famosa desgraça de Narciso: apaixonar-se por sua própria imagem refletida nas águas de um lago profundo e querer tanto possuir aquele reflexo a ponto de entrar em desespero. Não podia deixar de amar a bela imagem, isso era absolutamente inaceitável. E por outro lado, para tentar possuí-la, fatalmente iria morrer afogado naquele mergulho impossível em busca de si mesmo, etc. Muito bem, tanto na recusa técnica de Freud em aceitar Narcisos como pacientes, como no mito grego, parece haver preconceito contra esse personagem, parece haver um forte problema em conseguir lidar de maneira satisfatória com o sentimento de rejeição provocado por sua negação em retribuir amor ao bel prazer de quem solicita, etc. Uma deusa ligada à indignação condena Narciso a

conhecer na própria pele o sofrimento pela "maldade" de não retribuir de maneira amplamente democrática aos desejos de suas adoradoras, ou seja, a sentir fundo o quanto é triste amar sem ser amado. E Freud, em vez de fazer alterações nos princípios e estrutura do seu sistema de terapia ou então dizer simplesmente que o Narciso, digamos, sofre de um problema incurável, não, Freud afirma que Narciso não pode nem sequer ser um paciente psicanalítico! Mas será que quem gosta de si mesmo, precisa necessariamente ficar preso ou em conflito crônico consigo mesmo? Será que não é o contrário? Ao gostar de si mesmo, é mais natural que esse si mesmo desapareça como polaridade, como objeto gostado por um sujeito e ambos sendo a mesma pessoa. Penso que esse grande problema, esse conflito entre sujeito e objeto internos, só passa a existir quando um não gosta do outro. Quando gosto de mim mesmo, esse mim mesmo tende a desaparecer e fica apenas um corpo, um desejo, um fluxo de energia voltado para fora, para o jogo com os outros, com o mundo. Daí minha dúvida sobre o sentido do famoso mito grego. Quem tinha problemas não era Narciso, mas as Ninfas que se apaixonavam por ele, as mulheres incapazes de seduzi-lo. Tanto que serão justamente elas que irão pedir ajuda aos deuses para que castiguem o belo Narciso! Acho mesmo que ao se apaixonar pela própria imagem não tentou perseguir o amor impossível morrendo em consequência nas águas profundas do lago pela loucura de desejar uma quimera, não. Nem procurou esquecer essa paixão absurda. Será que Narciso não experimentou o desaparecimento da briga interna entre o olhar e o olhado? Será que não foi isso que aconteceu porque um aceitou o outro de maneira plena. E como um só desejo, a direção voltou-se para fora, para a relação, para o jogo com os diferentes? E ainda mais sobre o bom Narciso: Quando amo só a mim mesmo e você

também me ama, temos ambos em comum o mesmo objeto de amor que sou eu. Isso é o que nos une. Eu é que nos unimos. Assim o Narciso é sempre ligadíssimo a quem realmente gosta dele. E nunca, como dizem, um monstro de egoísmo fechado em si mesmo, prisioneiro de um mundo exclusivo, doentio. Bem, se isso non é vero, é bene trovato.

É, mas às vezes os tempos são trágicos e tudo isso fica parecendo tão fútil porque os rostos aparecem encaveirados, medonhos, alguns vestindo máscaras brancas, os corpos muito magros mal cobertos por farrapos sujos de um cinza esverdeado, o andar é soturno, sem força, são mulheres e homens se arrastando numa procissão tétrica, alguns carregando com grande dificuldade bandeiras também esfarrapadas e imundas onde conseguimos ler: Ódio ao Amor! Viva a Morte! E baluciam gemidos tristes e fatalistas na forma de cantos religiosos falando que as águas que correm nos veios da terra estão podres como o sangue infectado que pulula nas veias dos homens. Nós somos a peste, somos a comunhão universal da peste! Cada um de nos, cada um de vocês, vivemos apenas para carregar o próprio cadáver que ainda não foi sepultado, nós somos a peste, somos a comunhão universal da peste! Aleluia!

Hoje ou amanhã, meu sangue será o seu sangue, minha morte será sua morte na sagrada comunhão do nada! Sexo é morte. Aleluia!

E mais essa pavorosa procissão de fantasmas atravessa a cidade, a minha cidade, a sua cidade, nunca sabemos bem de onde surgem mas a cada vez tem-se a impressão que o número de participantes é maior e não adianta fechar as janelas nem os olhos, parece que a procissão se arrasta fúnebre pelas vias mais íntimas dos nossos sistemas de circulação. Uns desprezam, odeiam os empesteados, outros temem, outros querem ignorar, outros descobrem como é maravilhoso minorar

o sofrimento dos empesteados. Somos a peste da sedução frustada, da dança imóvel à beira do abismo. Somos a peste do fim do mundo. Somos sempre assim nos tempos de peste.

Dois dias depois estavam casados

Ontem pela manhã Hipólita levou Marta Morguen em sua carruagem dourada até o aeroporto de Burgas, na Bulgária. Ela combinou com a rainha das Amazonas que deveria se ausentar por no máximo dez dias e essa era sinceramente sua intenção. Pretendia apenas acertar os negócios em Nova York, o testamento do marido, talvez trocar o administrador de seus bens por outro mais confiável, iria também vender suas ações do banco, investir em imóveis e em arte e mudar de vez para a nação das Amazonas. Mas já no Aeroporto Kennedy quando pedia a uma recepcionista da companhia aérea que lhe arrumasse um táxi, apareceu o tal vice-presidente do banco de seu marido, Jack Lace. Beijou-lhe a mão, ofereceu carona em sua limousine e quando chegaram à frente de sua casa em Long Island, Marta Morguen insistiu que Jack Lace entrasse para um martini. Dois dias depois estavam casados, ele havia se divorciado um mês antes. Viajaram para Paris logo após a cerimônia do casamento. Doreen havia saído de Saint-Tropez e também rumo a Nova York, dois dias antes de sua mãe deixar o leste europeu. Mas acontece que Jack Lace, seu alvo, sua idéia fixa para o plano de ficar com o banco do pai, não estava na cidade, só chegaria naquele momento que encontrou Marta Morguen, vinha de uma reunião de banqueiros em Toronto. Ele ignorava o projeto de Doreen. Tudo que disse a Ruan Sedut sobre o banqueiro estar apaixonado por ela era invenção, mentirinha. Ele nem de longe podia imaginar que uma mulher tão jovem pudesse se interessar por um cinquentão não bonito, é meio gordo, ruivo e quase careca, não elegante. Tem boa saúde, duas vezes por semana joga tranqüilo três sets de tênis. Não é exatamente um perdedor, tanto que esperava ansioso a

chegada de Marta Morguen da Europa para tentar uma continuação do charme meio primário mas corajoso que iniciou já no enterro do marido dela, fazendo o tempo todo o bom amigo, emprestando o ombro onde a viúva elegante e romântica pudesse descansar um pouco a cabeça para melhor realçar sua tristeza. Até lenço ele ofereceu, como cúmplice carinhoso que diz, olhe, esse gesto do lenço é indispensável nessa difícil situação, etc. E se a viúva não impedisse, teria brigado com um senhor que sussurrou "Assassina", quando os dois já se retiravam. Jack Lace talvez soubesse muito bem quem foi o assassino. Esperava, imediatamente após seu retorno convidá-la para jantar, teatro, etc. O fato de encontrar casualmente no aeroporto o objeto que no momento concentrava toda sua paixão financeira, ele interpretou como um sinal de que estava no caminho certo. Como Marta Morguen também namorava a idéia de usar Jack Lace para ficar com o banco, o casamento acabou selando o encontro da fome com a vontade de comer. De fato, desta vez Doreen não foi a mais esperta.

Adèle D'Anjou e Françoise Mathieu no Deux Magots

Adèle D'Anjou, ex-exposa do Ministro de Cultura francês acaba de chegar ao café Deux Magots com sua amiga Françoise Mathieu numa tarde fresca de outono, elas parecem ter entre quarenta e cinquenta anos. Difícil dizer a idade de mulheres elegantes, principalmente sendo parisienses. Os freqüentadores do Deux Magots raramente ficam ali mais de uns quinze, vinte minutos, a rotatividade dos fregueses não para nunca mas a impressão que se tem é que as pessoas são sempre as mesmas, seja de manhã, à tarde ou à noite, a gente do mundo todo que se sente especial e que gosta de ver e ser vista por gente igual ou, se possível, ainda mais especial. Todos estão ao mesmo tempo no palco e na platéia. Elas esperam que vaguem dois lugares e depois acabam ocupando uma daquelas mesinhas redondas na calçada em frente à igreja Saint Germain, o garçom com gentileza

solene e distante vestido na tradição dos garçons-cantores da belle-époque com aquele avental branco e longo sobre o smoking, serve um copo de Muscadet para uma e cerveja Heineken para a outra. Pareciam muito contentes ou pela tarde estar linda e o café Deux Magots muito alegre ou pelo assunto da conversa. Françoise está louquinha para conhecer Ruan Sedut. A ex-esposa do Ministro já conhece ele e diz que atualmente são apenas bons amigos, etc.

Mas está sozinho em Paris? Quer dizer, voltou sozinho?

Parece que sim. Me telefonou ontem, disse querer me encontrar, mas no momento, e você sabe muito bem porque, não vou poder mesmo brincar com fogo, por isso disse que iria dar uma reunião lá em casa na terça para poucas pessoas...

Mas ...

É claro que você está convidada e mais que isso, já disse a ele coisas lindas sobre a minha melhor amiga.

Pelo amor de Deus, não me mate do coração, eu ainda sou sua amiga, não sou?

Mas claro, meu anjo, mas claro! Com ele é difícil saber, mas tenho a impressão que ficou um pouco interessado.

Um pouco? Mas é claro que você não disse nada sobre a minha família, nada sobre as Usinas Mathieu...

Françoise queria que a amiga tivesse dito que ela é riquíssima.

Não, não disse. Sei que você não gosta. Além do mais me lembro bem o que passou com seu segundo marido e se não me engano com o primeiro também, não foi? Só não te deixaram sem um centavo porque seu pai interferiu.

Os sentimentos de Françoise Mathieu nessa área são mais vulneráveis que o normal entre as mulheres milionárias diante dos homens cheios de charme e vazios de dinheiro. Não é feia, não é deselegante, não tem uma conversa boba, mas sente que não chega a impressionar, a atrair pela cultura nem pela sensibilidade nas observações, nem pela maneira de se vestir e seu rosto e corpo pode-se

dizer no máximo que são normais, não chamam atenção nem por agradar nem por desagradar. Todas as partes nela são corretas e bastariam para formar uma mulher interessante, mas o problema parece estar na combinação dessas partes, o conjunto não é dos mais significativos. Françoise tem consciência excessiva desse fato e, talvez por isso, as partes não formem um conjunto, um campo expressivo. Ela sente um forte desejo de comprar os homens, um desejo próximo do irresistível, gosta de vê-los fracos, com o orgulho ferido à flor da pele, mas o sentimento massacrante de que sem comprar amor ficará sempre e apenas como espectadora das histórias de amor das amigas, o sentimento de que nenhum homem que ela goste poderá gostar dela a não ser por dinheiro, cria um impulso contrário na direção de não ter prazer em comprar os homens. Como Adèle D'Anjou, ela tem mais de quarenta e menos de cinquenta anos, ambas muito ricas, mas Adèle trabalha, adora trabalhar, é empresária. Françoise gosta de dizer que não trabalha por absoluta falta de tempo, sua agenda tem sempre os horários tomados com aulas de todo tipo, desde ginástica e tênis, até literatura comparada e história da arte, além de um curso para roteirista de cinema, isso sem contar as sessões de psicanálise e um curso de jardinagem no sábado de manhã, praticamente não passa um dia sem almoçar ou jantar fora, tudo marcadinho na sua agenda, as exposições de pintura, as estréias de peças, os concertos, realmente não dá mesmo tempo para trabalhar. Adèle tem uma pequena editora, publica uma revistinha mensal com roteiro crítico de tudo que acontece em Paris no mundo das artes e espetáculos, etc. Adèle D'Anjou não se preocupa nem um pouco se os homens gostam dela ou de seu dinheiro, é magra, elegante, sempre agitada, o rosto comprido, os olhos pequenos e rápidos parecem enxergar tudo e estão sempre sorrindo, ninguém fica triste perto dela. Françoise não gosta de se ver, digamos, frívola. Mas fica difícil saber se finge levar a vida a sério para não parecer frívola ou se finge frivolidade para esconder sofrimentos reais.

Minha boa Françoise. Você se preocupa sem necessidade.

Aprendi com meu marido ministro que os políticos são mesmo uma raça diferente, diferente para pior na maioria dos casos, sem dúvida, são cínicos e hipócritas por profissão, nunca falam o que sentem e acho até que não sentem coisa alguma, mas uma coisa podem nos ensinar. É a arte de engolir sapo, a arte de lidar tranqüilamente com as adversidades, com os fracassos, as decepções, ah, nisso eles são mestres. Um político cheio de ressentimentos tem carreira curta. Você parece levar a vida muito a sério, tão a sério que nem consegue perceber que a vida é jogo, só jogo minha querida, às vezes jogo alto e cheio de significado, às vezes jogo sujo, nojento, mas sempre jogo. Jogamos para jogar, só isso.

Adèle chamou o garçom que demorou dez minutos para aparecer e saindo foram à livraria La Hune que fica entre o Deux Magots e o Flore. Françoise queria comprar uma biografia de Ezra Pound que estava sendo lançada naquela semana. Enquanto procuravam o livro, Adèle folheou uma dessas edições coloridas e caras de arte e esta tratava de qualquer coisa como os tesouros da pintura renascentista em coleções particulares, etc.

Veja aqui, Françoise. Está vendo só de quem são esses dois pequenos Masaccio, esse Mantegna, incrível, olhe, desenhos de Rafael e de Leonardo, um Piero delia Francesca... Veja, leia aqui o nome do colecionador.

Mas é o mesmo? Ruan Sedut é colecionador de arte? E desse nível? E você não me contou nada!

Viu só! Ele não vai precisar do seu dinheiro...

Você sabia e não me disse nada. Por que?

É que até hoje não tenho certeza se ele é um colecionador ou um falsificador de obras de arte!

O que?!

Meu marido sempre me dizia haver fortes suspeitas sobre a autenticidade desses quadros...

Ah, mas isso é a coisa mais comum nessa área. Até hoje se discute se os Rembrandt do Louvre ...

Não, você não entendeu. O problema não é se a coleção de renascentistas de Ruan Sedut é autêntica ou falsa.

E você leva a sério esses boatos, eles sempre irão existir, querida!

Bem, meu ex-marido é Ministro da Cultura, as informações que circulam nessa área são sempre bem verificadas... Na realidade há duas versões. Uma delas garante que Ruan Sedut jamais comprou um quadro e toda sua coleção, que aliás nem é tão grande, é cara, mas são poucos quadros e alguns desenhos... Desenhos de Rafael e de Leonardo, quadros de Masaccio, de Mantegna! Pois é, mas esse não é o ponto. Dizem que uma condessa italiana que tinha na família há mais de duzentos anos aquelas peças, se apaixonou por Ruan Sedut. E que talvez fosse arte tão autêntica quanto o amor dele por ela. E ainda nessa versão informa-se que como a vista da condessa não era mais lá essas coisas, ele fotografou os quadros e pagou um pintor desses de escola de belas artes para fazer as cópias que depois foi colando no lugar das verdadeiras e ficando com as autênticas ou então que ela não tinha descendentes e deixou tudo para Ruan Sedut em testamento legítimo, passado em cartório, etc.

Não acredito em nada disso! Se formos examinar com rigor esses outros colecionadores de arte da Renascença que estão nesse livro, você acha mesmo que são todos puros? Que tal esse aqui, olhe só, nós duas conhecemos ele muito bem, não é? Sua família pode ser das mais antigas da França, etc., mas se você estivesse num restaurante, com ele, esqueceria um brinco ou broche valiosos sobre a mesa enquanto fosse ao banheiro? Claro que não, você não é louca, não é verdade? E no entanto nunca vi ninguém dizer que os Botticelli e os Titiano dele fossem falsos.

Está bom, está bom, minha querida. Talvez você tenha razão. Mas existe uma outra história e é dessa que eu gosto mais.

Com toda certeza dizem também que Ruan Sedut assassinou a tal condessa italiana!

Não, não, é coisa mais divertida. Essa outra versão conta que o nosso Ruan Sedut é o maior falsário da Europa. Quando era menino, adorava ficar horas no Louvre vendo aqueles pintores-artezãos fazendo cópias de telas famosas. A coisa no mundo que mais queria era ser um deles, aquilo parecia tão mágico quanto os artistas que imitam a voz e os gestos de uma pessoa a ponto da gente pensar estar diante do original... Aliás, não sei se você sabe, Ruan Sedut consegue se disfarçar em quem ele quiser, é um mestre nessa arte. Mas não se assuste, não, até quanto eu saiba ele só faz isso por brincadeira, Ruan Sedut é uma das pessoas mais bem humoradas que conheço, ama a vida em todos os momentos e quem está com ele acaba sentindo o mesmo, a mesma alegria de viver. Dizem também que mais tarde cursou uma Escola de Belas Artes, aprendeu a pintar retratos, conheceu tudo sobre pigmentos e em seu quase fanatismo chegou ao ponto de produzir, com a ajuda de um amigo químico ou de um restaurador, as mesmas tintas e cores usadas pelos mestres da Renascença. Sem dúvida que é um artista, à sua maneira, um artista do simulacro, talvez não tenha o mesmo prazer quando pinta, o mesmo orgulho que os gênios da Renascença, mas para o apreciador de arte, é difícil garantir que a satisfação não seja a mesma, diante do original ou de uma cópia perfeita que ignora não ser autêntica. Agora uma coisa. Não se esqueça de que tudo isso que acabo de contar não passa de hipótese, são versões, apenas isso, nunca ninguém conseguiu provar nem uma nem a outra. Mas só uma coisa sempre me intrigou. De onde é que Ruan Sedut tira dinheiro para viver como ele vive? Só as viagens...

Muito Simples. De vez em quando vende um desses quadros! É simples.

Mas são tão poucos, já teriam acabado, você não acha? Mesmo sendo tão valiosos...

Ah! E como você sabe se ele tem ou não ações ou renda de alugueis, etc. Mas Adèle, tem uma coisa que você ainda não me disse: qual é a idade dele?

Acho que mais ou menos a nossa...

E aí as duas começaram a rir porque a idade delas é realmente o que existe de mais vago.

Um sedutor não tem idade, você não sabia? É como pintor, escritor, ator, psicólogo, filósofo, político, essa gente é nome e imagem, digamos assim, e não idade, não são medidos por faixa etária, mas por prestígio ou não prestígio, entende? Enquanto realizam bem a performance de sua arte e de seu nome, não importa se tenham vinte ou oitenta anos. Victor Hugo quando tinha oitenta anos...

Ah não, pelo amor de Deus! Não vai me dizer que ...

Mas claro que não. Já disse que tem a nossa idade, talvez menos e o que tem a mais, muito mais, é charme. E é isso que eu falei que não tem idade, charme, poder de fascinar, carisma. Daí o perigo.

Me conta como ele é.

Não entendo, como ele é em que sentido?

Ora, ele é bonito, é grandão, é magro, usa óculos, a voz é gostosa, tem bigode, barba, fuma, gosta de beber, é gentil, pratica esporte, é culto, loiro, moreno, é um homem elegante ou anda de qualquer jeito, é calmo ou do tipo nervoso, é vaidoso...

Eu poderia te dizer que o nariz dele é um pouco grande, não muito, que os lábios são grossos, tem a barba um pouco grisalha como o cabelo, os olhos são verdes, agudos e muito próximos um do outro, parece uma águia. Te olha sempre com interesse te fazendo a pessoa mais importante do mundo, o corpo é magro mas forte e elegante e todo ele parece que deixa a gente deliciosamente à vontade e ao mesmo tempo nos prende como um ímã! Mas isso é o que imagino ser uma descrição dele, talvez não seja bem assim, não sei se me entende... Sedutor não tem esta ou aquela aparência. Sedutor é aquele que seduz. Não existe aparência ideal. Entende?

Mas claro que não entendo. Ele é ou não é como você acaba de falar?

Veja, Françoise. Diante dele a gente fica tão envolvida, tão seduzida que é quase impossível acontecer esse distanciamento frio que possibilita analisar, ver detalhes, enfim saber essas coisas que você quer que eu diga. Depois que conhecer Ruan Sedut vai ver que tenho razão. Ele é realmente um homem incrível! E como esses grandes atores ou grandes atrizes que quando entram no personagem, passam a ilusão de serem altos sendo baixos, convencem como jovens tendo mais de cinquenta anos, etc. Por isso, esqueça minha descrição, você irá ver exatamente aquilo que ele quiser que veja!

Agora você me fez ficar com medo... E é bom que conserve um pouco desse medo. Ruan Sedut não é exatamente um ursinho de pelúcia, mas é um homem especial, muito especial.

Adèle D 'Anjou tem razão. Um sedutor seduz por ser belo, forte, inteligente, riquíssimo? Não. Parece tudo isso porque seduz. Seduz por ser alguém especial? Não. E especial porque seduz. Seduz por ser desejável? Não. É desejável porque seduz.

Uma pele negra de pantera

Marta Morguen acaba de chegar ao reino das Amazonas. O motorista do carro que alugou em Burgas foi logo insistindo que havia avisado sobre tudo que iria ou poderia acontecer.

Eu não disse? A senhora pensou que fosse brincadeira, não é?

Na realidade Marta Morguen estava era entendendo muito pouco do que o tal motorista falava, um francês misturado com búlgaro e por isso sorria a maior parte do tempo só para criar um clima de simpatia, de boa vontade, principalmente a partir do momento que notou um crescente nervosismo da parte dele à medida que se aproximavam da

fronteira da nação das Amazonas. Logo no início já houve um problema que quase não deu para resolver por causa da dificuldade de comunicação naquela língua estranha onde apareciam aqui e ali algumas palavras francesas e assim mesmo ditas como se fossem búlgaras, um inferno! Já estava quase desistindo de tudo quando graças mais à mímica do chofer do que ao seu confuso discurso, começou a entender que ele cobraria dobrado pois teria que ir vestido de mulher, do contrário ou não entraria em território das Amazonas ou se entrasse poderia ser morto, ou coisa pior que isso, "pire que ça, madame, pire que ça, comprenez?" E Marta Morguen, nesse caso, havia entendido o francês, mas como entender o que diabo ele queria dizer com alguma coisa pior que a morte! Concordou em pagar dobrado. Aí então ele demorou um tempo enorme para se vestir de mulher tiveram de ir até sua casa, a mãe não queria emprestar um vestido afirmando aos berros que aquilo só poderia ser alguma sem-vergonhice. Marta Morguen perguntou o que a mãe estava dizendo com tanta emoção, tão brava e ele traduziu, não, não é nada muito importante, está apenas gritando que eu sou um sem-vergonha. Ou coisa pior! E o engraçado, mas fora de hora porque por cima da sensação constante de insegurança e mesmo medo por aquelas estradas abandonadas, perigosas, sem nenhuma chance de socorro, é que o motorista não parava de se arrumar, ficava o tempo todo puxando a saia para cobrir os joelhos, ajeitava uma espécie de touca de vovozinha que ia até o pescoço e cobria parte do rosto ou então às vezes parava o carro só para poder passar um pouco mais de rouge e de batom e sempre com as mãos tremendo e a cara mais séria do mundo.

Eu não disse? Está vendo, ó, pode olhar para todos os lados, está vendo? Não há ninguém, ninguém! Hoje e todos os anos nessa data, isso aqui vira um verdadeiro deserto, elas ficam todas lá longe, lá naquelas montanhas, lá longe, está vendo?

Está bom, está bom, já entendi. Mas então porque todo aquele medo terrível de chegar aqui, mesmo vestido de mulher?

É muito simples. Nunca dá para saber exatamente o tempo que levam esses rituais delas. Tem ano que tudo termina em questão de minutos, mas outras vezes ficam nas montanhas um dia inteiro e mais, nunca se sabe direito a que horas elas partem daqui, entendeu o perigo? Por isso, me desculpe, mas vou deixar a senhora neste mesmo lugar onde estamos agora, daqui até o palácio real é um pulo, pode ir andando, se não se importa de me pagar...

Não, o combinado foi o senhor me levar até a porta do palácio e eu exijo...

Exijo, exijo, exijo, exige coisa nenhuma, diante do meu medo de perder a vida ou coisa bem pior por essas bandas, sou bem capaz de preferir nem receber o dinheiro e voltar correndo nesse momento enquanto ainda estou vivo!

Nada disso, olha aqui o seu dinheiro e vou dar um pouco mais, muito mais, vou dar duas dessas notas grandes mas com a condição não só de me levar até a porta do palácio como também me dizer porque esse silêncio todo, e porque a cidade está completamente deserta.

O motorista estava quase chorando de medo, mas resolveu levá-la até o lugar combinado, perguntou antes se seu vestido e touca estavam bem arrumados, apertou bem os lábios um contra o outro e depois, com o olho no espelho retrovisor, tirou com a ponta do lenço o excesso de batom, e até chegarem à porta do palácio real Marta Morguen ficou sabendo que todos os anos naquela mesma data, as Amazonas se reuniam em sinistro ritual lá nas montanhas para sacrificarem um por um todos filhos homens recém-nascidos.

Assim que motorista e carro somem de vista, Marta Morguen senta-se numa das malas e aí sim tem medo de verdade, o ar parado, nenhuma brisa, nada se move para qualquer lado que olhe, tudo imóvel e o silêncio é total, tem receio até de respirar e se preocupa com o ruído que estão fazendo as batidas do coração. Um lugar absurdo, um país que talvez nem exista, nação das Amazonas, sempre soube que é apenas uma lenda antiquíssima e ela ali nesse fim de mundo sentada numa

mala, completamente só e morrendo de medo como criança perdida dos pais e de tudo, só ela sentada numa mala no meio de uma cidade vazia que tem ruas como as demais só que as casas e o que chamam de edifícios públicos e palácios são tendas, tendas de todos os tamanhos e de todas as cores, seria até uma coisa linda de se ver, como uma feira popular de algum país árabe, quando esteve aqui a primeira vez achou tudo lindo, estranho e um tanto espartano, mas tudo parecendo conto de fada não fosse o forte significado político e belicoso nos costumes e crenças das habitantes. Seu coração de repente está batendo com mais força, as batidas são sem dúvida bem mais fortes, o som é mais alto, fica apavorada que possa aparecer alguém e puni-la por estar perturbando um silêncio que talvez fosse sagrado, fizesse parte do ritual, levou as duas mãos do lado esquerdo do peito querendo abafar aquilo que já parecia mais a cadência de um tambor e ao olhar na direção do fim da avenida onde está o palácio-tenda real, vê que lá começa a aparecer uma carruagem seguida por carros com duas rodas altas puxadas a cavalo como as bigas romanas e tudo num compasso lento de marcha batida e marcada pelo som de um grande tambor. Agora o medo da solidão se transforma em medo daquela procissão militar que pouco a pouco vem se aproximando do palácio. Quando as amazonas já estão a uns cinqüenta metros de Marta Morguen, pode ver bem claro que elas, inclusive sua amiga Hipolita, a rainha, vestem uma pele negra de pantera sendo que a cabeça do animal de boca bem aberta, vermelha e cheia de dentes agudos, fica sobre os cabelos delas como uma espécie de elmo. Há qualquer coisa de selvagem, de sanguinário naquele uniforme. Talvez por isso, assim que Hipolita vê sua visitante começa logo sorrir, pede à cocheira que apresse o passo dos cavalos e quando chega, desce rápido da carruagem e vai logo abraçando e beijando Marta Morguen, procurando passar uma sensação de segurança, de tranqüilidade, mas o coração dela ainda está no compasso solene do tambor. Uma hora depois, banho tomado, mais descansadas e Hipolita vestindo uma longa túnica branca, elas se encontram para o jantar na tal

sala privativa de refeições da rainha, uma tenda azul muito agradável e Hipolita com arte de diplomata mantém os assuntos longe do ritual que presidiu horas atrás, mas ainda lá na entrada do palácio sossegou Marta Morguen dizendo que após o jantar poderia com prazer responder todas as perguntas que quisesse, a coisa toda não é assim tão trágica como parece, minha querida. Marta também se conteve, porque além do susto e da curiosidade um tanto mórbida sobre aquelas práticas, esperava que a nova amiga lhe desse algum conforto em relação ao acidente fatal que seu segundo casamento sofrera em Paris. Ambos os assuntos não eram os mais indicados para acompanhar uma refeição deliciosa com Medaillon de Foie Gras Truffé e Filet de Sole Waleska e o branco Chambertin estava tão gostoso ou necessitado que a rainha pediu uma segunda garrafa. Quando passaram à biblioteca para o café e o licor, Marta Morguen simplesmente foi logo contando que perdeu o marido três dias depois do casamento. Primeiro falou de Jack Lace, o vice-presidente do banco da família, de seu amor por ela, da velocidade e emoção com que decidiram se casar, a coincidência do encontro no aeroporto Kennedy em Nova York, a lua de mel em Paris.

Mas o que aconteceu na lua de mel em Paris? Não é uma cidade ótima para essas coisas? Eu nem sabia que você tinha casado de novo...

No mesmo dia que chegamos, uma hora depois Jack e eu saímos do Plaza Athenée para ir andando até o Champs-Élysée onde iríamos jantar no Fouquefs, estava uma noite agradável, mas assim que atravessamos a Avenida Montaigne, ali mesmo pertinho do hotel veio não sei de onde um carro correndo feito louco e para mim foi só um susto. Para meu novo marido foi a morte.

Ele não era o único amante da condessa

Há uma lenda que afirma ser eu filho do rei Édipo. Sim, aquele mesmo do conflito freudiano e da peça de Sófocles. Jamais acreditei

muito nessa lenda. Ela diz que tenho duas irmãs, Antígona, Ismênia, e dois irmãos, Eteocles, Polineices, e naturalmente uma mãe a famosa Jocasta. Mas Jocasta é minha mãe somente por parte de mãe. Por parte de pai é minha avó! O que é evidente por ter dado à luz a Édipo. Pois muito bem, um belo dia papai vai consultar o Oráculo de Delfos por causa de uma peste que está assolando Tebas e lá fica sabendo que é urgente descobrir quem matou Láio, seu pai e rei anterior, porque a não punição do assassino é que está causando a peste através da ira dos deuses, etc.

Fico sabendo disso e também que seu filho caçula, eu, está planejando matá-lo para poder se casar com a própria avó, que é a mãe de Édipo, mas que esta finge ser apenas sua esposa. Conta a lenda que Ruan Sedut sabia de tudo isso, por ter sido, olhe o tamanho do absurdo, um amante-bebê de uma das pitonizas de Delfos, justamente aquela que havia muitos anos antes previsto que Édipo iria matar seu pai Láio e se casar com a própria mãe. Como Ruan Sedut não sentia desejo sexual nem por sua mãe, nem por sua avó, via o pai como pai e não como rival, assim simplesmente achou engraçada essa nova previsão do Oráculo que por sinal havia sido vocalizada pela mesma pitoniza sua namorada. Ele achou graça, mas Édipo não. Antes de terminar a investigação trágica que o levaria a incriminar a si mesmo, Édipo ordena que o menininho Ruan Sedut seja levado para uma montanha onde será abandonado à sua sorte. Terrível! Mas Édipo sabia desde o início que era filho de Jocasta e por isso talvez até pudesse suportar que Ruan Sedut o traísse com sua esposa, mas jamais com sua mãe. Lá na tal montanha, tive a sorte de encontrar um pastor de cabras que salvou minha vida mas com o tempo foi enchendo minha cabeça de filosofias contrárias à civilização dos homens. Desde os dois anos de idade, quando eu já não sentia interesse sexual nem por minha mãe, nem por minha avó e mesmo assim fui expulso do conforto do lar, desde essa idade até os quinze anos eu praticamente só tomei leite de cabra e ouvi falar de Rousseau, de Thoreau, de Tolstoy, no fim já era um anti-social

diplomado, odiava e temia o homem civilizado com a mesma força que este odeia e teme a espontaneidade e a sabedoria. Mas numa manhã bonita de sol e céu azul e muitas flores e passarinhos cantando, apareceu na entrada da minha gruta uma jovem de longos cabelos de ouro, um corpo e um rosto bem mais atraentes que o corpo e o rosto das cabras que haviam por ali, ela estava cansada, faminta, tinha uma mochila nas costas, botas pesadas que machucavam seus pés, e eu pela primeira vez não senti vontade de atirar pedras ou de fugir e me esconder de gente civilizada, não apenas civilizada mas de gente em geral, o pastor meu mestre já havia morrido há uns cinco anos, eu era então o único humano vivendo naquela imensa montanha. Claro que não posso dizer que aquela loira, uma geóloga holandesa que estava estudando pedras com uma equipe de colegas e se perdeu, claro que não diria ser ela minha primeira seduzida. O seduzido fui eu. Ela tinha fome, frio, e apavorada por se sentir perdida, nessas condições que humano ou animal não faria tudo para seduzir um salvador em potencial? O que prova, pelo menos, que a sedução é um de nossos instintos vitais. Mas, ou essa holandesa de cabelos dourados sabia ser amável, amorável não somente com pedras, ou eu já estava enjoado de ser eremita, o fato é que me levou com ela para a civilização e um mês depois me trocou, não por uma pedra, mas pelo geólogo conservador do museu de pedras de uma universidade. Como eu era ainda mais bom-selvagem, mais não-civilizado que Gaspar Hauser, tragicamente desprotegido contra a ferocidade das contradições morais, acabei sendo captado e protegido por uma instituição benemerita que cuida de menores abandonados, não que eu fosse assim tão menor, tinha quinze anos e era bem grandinho, mas em matéria de valores civilizados, no campo do entendimento das diferenças fatais entre sentimentos bons e sentimentos maus e ações certas e ações erradas, sendo que os tais sentimentos e as tais ações não deveriam coincidir umas com as outras e muito menos com o sentido das palavras usadas para expressar uma outra coisa ainda mais complicada que chamavam de pensamento, etc,

pois bem, não entendendo e nem sabendo jogar esse jogo ultra difícil, como diabo eu poderia ficar solto na sociedade dos civilizados? Antes de sair dessa instituição levado por uma senhora civilizada de setenta anos, portanto muito experiente em civilização, antes de ser adotado por essa senhora, passei cinco longos anos aprendendo tudo sobre valores e sentimentos morais e no meu caso também o ofício de jardineiro. Assim que saímos da instituição, minha nova protetora me deu um puxão de orelha, jamais faça isso outra vez, jamais seja subalterno, humilde, tenha orgulho, rapaz, nunca mais quero ver você beijando a mão de ninguém. Expliquei que era um sinal de agradecimento por tudo que aquelas beneméritas tinham feito por mim, etc. Um mês mais tarde, essa senhora que me adotou para trabalhar na casa dela, me deu um chapéu que foi de seu marido e deveria ter sido moda há uns trinta anos atrás. Falei obrigado, da maneira mais discreta possível, não queria levar outro puxão de orelha. No dia seguinte, ela chamou para me dizer que eu era muito mal agradecido e orgulhoso, você nem sequer está usando o chapéu que lhe dei!

Mas então, eu devo ser orgulhoso ou humilde?

Nem uma coisa, nem outra. Seja você mesmo.

E como saber o que exatamente sou eu mesmo?

Você é impertinente! Quem faz perguntas desse tipo é um impertinente!

Fiquei sem saber se é melhor ser orgulhoso ou humilde, mas pelo menos passei a saber quem era eu, eu era um impertinente! E nessa casa rica onde trabalhei como jardineiro dos vinte aos trinta anos havia entre outros empregados uma copeira lindinha que não perdia uma oportunidade de me mostrar as coxas subindo escadas sempre que eu estava por perto ou se curvando para que eu visse seus belos seios exibidos pelo decote. Aí, criei coragem e uma noite fui ao quarto dela. Mas sabe o que fez? Assim que abri a porta, gritou: Socooooorro! Eu não tinha nem chegado a entrar. As luzes todas se acenderam, criados correram para socorrer a copeirinha e quando chegou a velha senhora

minha protetora, a danadinha ainda estava gritando, socooooorro! socooooorro! esse monstro aí quer me violentar! Então fui devolvido à instituição benemerita, mais confuso do que quando tinha saído. Menos de um ano depois, apareceu lá uma elegante dama italiana procurando jardineiro. As beneméritas em seus vestidos negros explicaram à minha nova protetora que Ruan Sedut era um jovem inteligente mas muito impetuoso com as mulheres e por isso recomendavam o uso constante de salitre para aplacar esse ímpeto, bastava uma colheirinha em cada refeição, misturado na comida, sirvam a ele sempre pratos feitos e aconselho que a senhora pessoalmente ministre esse anti-afrodisíaco porque as empregadas podem ser tentadas a fazer o contrário, sabe como são as mulheres, principalmente quando jovens. Aqui na instituição todos usamos salitre, os rapazes de quem cuidamos e também nós as beneméritas, nunca tivemos problemas. A senhora italiana era uma condessa riquíssima. O conde seu marido que estava meio falido, foi salvo durante a guerra vendendo segredos militares para o país inimigo, ganhou rios de dinheiro, comprou muitas terras onde plantava uva e produzia vinhos excelentes, reformou sua grande casa de campo na Toscana, uma Villa magnífica que estava na família há oito gerações. A condessa não era muito bonita, meio grandona e desajeitada e dizia tudo sem rodeios. Prática, experiente, dizia que o conde não gostava de sexo e mais tarde descobri que de fato não gostava mesmo de sexo. Pelo menos com ela. Suas aventuras nessa área visavam as cantoras de ópera que faziam temporada em Florença. A tal Villa onde agora eu era jardineiro ficava muito longe da cidade, de qualquer cidade e na propriedade inteira não havia uma única mulher, ou melhor, a única era a condessa, todos os criados homens. E como a boa condessa não punha salitre na minha comida como lá na instituição, acabei me tornando seu amante. Ruan Sedut naturalmente não acha que esses tempos tenham sido os mais divertidos de sua vida, mas em compensação aquela mulher lhe ensinou muitas coisas. Era uma leitora

de Maquiavel. Estava sempre me doutrinando: No amor, como na política, o que conta são os resultados.

Não os resultados morais e sim os resultados práticos, concretos, objetivos. Em política, como no amor, os sentimentos, as dúvidas sobre o bem e o mal só servem para atrapalhar. Siga seus desejos e fique sempre atento, durma com um olho fechado e outro aberto. Tudo é bom quando termina bem. Sem vontade de potência nenhuma forma orgânica existiria e nunca se esqueça de que os fins justificam os meios, escolha um objetivo, um fim a ser atingido e faça o que for preciso para conseguir o que deseja, etc.

Ruan Sedut não era o único amante da condessa. Pelo menos mais três criados dividiam com ele o direito de satisfazê-la e de ouvir conselhos com o forte tempero da ética aristocrática. Talvez também Nietzsche fosse seu escritor de cabeceira.

Um ano depois que eu estava lá, o conde teve um enfarte enquanto fazia amor com uma de suas imensas cantoras de ópera. Ele tinha setenta e três anos, a condessa, cinquenta e oito. Voltando do enterro me perguntou de repente se eu queria me casar com ela.

Não estou entendendo... casamento? Mas eu sou um plebeu!

Por isso mesmo. Minha intenção é chocar a família! Há dois séculos atrás uma antepassada minha fez a mesma coisa, casou-se com um pobre coitado que cuidava dos porcos, que passava o dia todo no chiqueiro...

Mas eu sou jardineiro!

E daí? Aceita ou não aceita? Será meu marido com todas as honras e se for bonzinho enquanto eu viver, ainda poderá herdar alguma coisa, que tal?

Ruan Sedut pensou rápido, engoliu a ofensa, lembrou-se do conselho de que os fins justificam os meios e que sem desejo de potência não pode haver organismo vivo e sobretudo que as dúvidas morais não fazem bem à saúde e quinze dias depois estavam casados tendo havido na Villa uma grande festa com a presença inclusive de um

rei, muito vinho, javalis no espeto, fogos de artifício e a sua esposa condessa fazendo questão de contar a todo mundo, na frente dele, que havia se casado com o criado que tratava dos porcos. E todos morriam de rir.

O casamento durou apenas três meses. Uma manhã ela caiu do cavalo bateu a cabeça numa pedra e morreu na hora. Durante a tal guerra, o conde havia comprado por quase nada uma coleção de quadros da Renascença italiana. Foi a minha herança. Uma irmã e alguns sobrinhos questionaram o testamento da condessa e ficaram com setenta por cento do patrimônio, as imensas terras, a Villa, palácios em Florença e Roma, ações de mineradoras na África do Sul, o conde era mesmo muito rico.

O curioso disso tudo, é que Ruan Sedut não se interessou pela nobre arte da sedução movido pelo resultado econômico que esse seu casamento proporcionou. Até porque a sedutora foi a condessa, ele apenas se deixou seduzir e nem estava pensando em dinheiro, pretendia apenas não morrer de fome ou não ter que voltar a comer salitre, etc. Não, a motivação foi outra. Até os trinta e poucos anos sua única companheira tinha sido a solidão. Solidão bem maior que aquela que sentia na montanha entre as cabras. Lá pelo menos sabia como lidar com o vento, com a chuva, sabia falar a língua do perigo e da coragem, da fome e da caça, do trabalho e do descanso, tudo era árido mas tudo podia ser feito diretamente, sem intermediários, sem mentiras, suas mãos tinham valor, seus esforços, suas lutas também. Havia solidão, mas não havia a dúvida, os sentimentos negativos, o medo de viver. Na tal instituição tudo era triste, tudo eram sentimentos piedosos, tudo era empestado pelo niilismo caridoso das beneméritas de roupas negras. Com a áspera condessa aprendi que os tais de bons sentimentos são armas afiadíssimas, venenos que matam pelas costas, a condessa tinha horror aos bons sentimentos, parecia feita de pedra, tinha a mesma aridez pagã e ensolarada das cabras da montanha. E com ela Ruan Sedut descobriu que a sedução é o melhor antídoto contra a solidão.

Seduzido no início, mas no fim eu é que estava seduzindo. Foi a maneira que encontrei de me relacionar com outra pessoa sem precisar padecer com os códigos herméticos do jogo moral, do labirinto dos sentimentos. Isso Ruan Sedut aprendeu com ela. Somente a sedução é que realmente soluciona o problema intrincado e penoso das relações afetivas. Não se pode ser sedutor e solitário ao mesmo tempo.

Bem que ela poderia ser menos amarga

Marta Morguen não consegue encontrar Doreen para que vá ao seu casamento. Doreen estava em Nova York mesmo, escondida no apartamento de um amigo. E agora ela acaba de desembarcar no Charles de Gaulle e me telefona, diz estar muito mudada, sou uma nova mulher, etc. Amanhã, terça-feira, vou jantar na casa de Adèle D'Anjou. Hoje, Doreen irá me encontrar no Deux Magots e conseguirá me convencer que será ótimo ficar alguns dias em minha casa.

Não, não precisa dizer nada. Você pensa que não percebi? Sei muito bem que nos últimos dois dias lá em St. Tropez você já não estava me agüentando. E nem era para menos. Uma bobinha como eu que mal saiu das fraldas querendo passar por "femme fatale", que coisa mais ridícula, só de me lembrar morro de vergonha, nem sai como você não me pôs no colo e me deu uma boas palmadas... Quando não se domina a audácia, usa-se a docilidade, a ternura. Mas acontece que Doreen está linda e fresca num vestido curto e leve de seda estampada, parece exatamente o que quer parecer, uma menina rica e mimada que se arrependeu das travessuras e agora chega macia e carinhosa pedindo colo. Afinal de contas era só isso mesmo que estava me irritando, só essa coisa de querer me seduzir de qualquer jeito! Sem competência, sem arte, porque gostar de deitar com ela bem que gosto, acho Doreen sensual, seu corpo não é de muitas curvas, muita carne, é mais do

gênero gazela, cheia de ângulos, os cabelos loiros bem curtos as maçãs do rosto são salientes, os lábios grossos, os olhos são cinzentos como quando chove no mar e há neles uma profundidade que não combina muito com uma garota que é ou pelo menos parece fazer questão de se mostrar fútil. Hoje estou achando que Doreen é uma mulher mais interessante do que me pareceu lá em St. Tropez. Quando a vi pela primeira vez aqui mesmo em Paris, no restaurante Procope e ela estava com Marta Morguen e o pai, fiquei interessadíssimo. Na mesa ao lado da nossa no Deux Magots, há um senhor que está lendo um jornal. A distância entre esse jornal e os olhos de Doreen é menor que um metro. O senhor vira mais uma página e ela não pode deixar de ler um pequeno título dizendo que um banqueiro americano morre atropelado na Avenida Montaigne. Pede licença, sai correndo, vai até a esquina, volta lendo um jornal que vai logo me mostrando, veja, veja, mamãe ficou viúva pela segunda vez! Ontem no fim da tarde ali perto da avenida Champs Elysées um carro em alta velocidade tirou a vida do Jack Laces, ele está morto, morto, não é incrível? Mas isso é uma loucura, ele tinha acabado de casar com mamãe... agora ela é uma das mulheres mais ricas do mundo, o banco é todo dela... que loucura! E eu é que ia me casar com ele, já imaginou? Nesta hora eu seria uma viúva, nesta idade, com essa cara, viúva!... Veja aqui, ó, a notícia diz que Jack saiu sozinho, mamãe tinha ficado no hotel, teria saído para comprar um presente para ela, pelo menos foi o que Marta declarou à imprensa...

E sobre o motorista do tal carro, o jornal fala alguma coisa?

Fala sim. Diz que está foragido e que a polícia está atenta a todas as saídas da cidade, etc.

Não seria melhor você procurar sua mãe? Talvez esteja precisando de alguém mais íntimo, mais próximo nessa hora... olha aí, eles estavam hospedados no Plaza Athenée.

Ruan Sedut e Doreen vão para a parte interna do café e descem as escadas que dão para o lugar dos telefones, ela não queria telefonar de jeito nenhum, chegou até a dizer que Marta Morguen agora era a

verdadeira viúva-negra, mas ele viu que estava muito emocionada e talvez um encontro com a mãe pudesse ser bom para ambas, se você não telefonar, não te recebo lá em casa... Do hotel informaram que a Madame Jack Lace já havia fechado sua conta e não deixou o próximo endereço.

Mas ela não pode ter saído de Paris, é bem provável que tenha de prestar algum depoimento...

Ah, ótimo, muito bem, que tal você telefonar à polícia para saber dela e em menos de cinco minutos estar envolvido até o pescoço nessa morte? Já se esqueceu que no processo do caso do papai por pouco que você não acabou sendo condenado? Esqueça, vai ver ela já prestou o tal depoimento e nesse momento está em Nova York sorrindo de orelha a orelha sentada na cadeira da Presidência do banco e se lembrando com prazer sádico dos nomes daqueles que no passado não foram bonzinhos com ela, agora tem um poder imenso, é a hora de saborear as vinganças ou você já se esqueceu de quanto a querida mamãe é boazinha, cheia de amor?

Mesmo talvez fatal demais, Marta Morguen merece algum respeito. Como colega de arte, é claro. Não consigo odiá-la. Mas bem que poderia ser menos amarga e menos dona dos outros.

Não saber da própria morte

Ruan Sedut acha que a morte dos outros faz parte da nossa vida. Ela nos afeta na medida que uma ausência definitiva pode alterar o script da história que estamos vivendo ou machucar os sentimentos que estão investidos nos rumos desse roteiro onde o outro era personagem. Isso sem falar na quebra de um campo afetivo entre duas pessoas onde o que sobrevive irá primeiro passar por uma meia morte até que o campo de amor possa ser desativado. Assim, não há dúvida de que a morte de alguém com quem temos algum vínculo significativo, faz necessariamente parte integrante de nossa vida. Mas Ruan Sedut insiste

nessa afirmação de fácil concordância para contrastar com outra, essa sim, um dos pontos forte de sua filosofia: minha morte não faz parte de minha vida! E explica: só faz parte de minha vida aquilo com que posso me relacionar no plano da percepção. Percepção aqui no sentido mais amplo, incluindo semelhanças com o que se costuma chamar de consciência. Ou seja: como pode fazer parte de minha vida aquilo de que não posso ter consciência? Minha morte, insiste refletindo algum eco epicurista, minha morte não pode ser vivenciada por mim, quando ela acontece não há mais a consciência que possa percebê-la e enquanto a percepção está viva, a morte ainda não existe. E Ruan Sedut conclui que pensar na própria morte, preocupar-se com ela, sofrer por algo que não iremos vivenciar, experimentar, é tolice é perda de tempo. Como não tenho controle completo sobre minha vida, não é inteligente a obsessão por esse controle. O velho, o homem maduro e o bebê podem morrer a qualquer hora. Meu tempo de vida não é estatístico, não se mede pela média e quem pensa assim pode perfeitamente morrer no momento em que se sente seguro por estar com trinta anos num país e época em que as pessoas vivem em média setenta anos. O doente pode viver muitos, muitos anos, pode atingir a longevidade sem deixar de ser doente. O sadio pode morrer cedo. Se não temos controle completo (temos muito menos que isso) sobre nossa duração biológica, é melhor investir mais no aqui-agora, mas num aqui-agora afirmativo, bem vivo, mutante e modificador, dinamizado pelo instinto de vida. Se eu e todos os que vivem, já viveram e venham a viver podem morrer a qualquer momento, a morte deixa de ser um problema que eu ou você possamos resolver. Para que um problema seja conhecido como tal, é necessário que traga consigo a semente de uma solução. Problema que não possa ser solucionado não é problema. No caso do animal homem existe a vida, o estar vivendo e existe o pensar sobre a vida. A morte de um outro pode ser vivida por mim porque faz parte da minha vida. Minha própria morte só pode existir no meu pensamento, no medo, jamais na

minha experiência concreta. Pensar na minha morte é pensar sobre pensamento, o que no mínimo é falta de juízo.

Ruan Sedut gosta de relacionar medo da morte com medo da vida. Quem não tem medo da vida, não pensa na morte, quem não tem medo de perder o jogo, quem gosta realmente de jogar, para ele tudo o que acontece não lhe é estranho porque tudo que acontece faz parte do jogo. Por isso Ruan Sedut chama os sentimentos negativos de sentimentos inúteis, desnecessários. Sentimento negativo é sintoma de conflito crônico-introjetado. Os conflitos externos não geram necessariamente sentimentos negativos e quem cultiva sentimentos negativos com relação à sua própria morte, não vive como quem está vivendo, vive como quem está morrendo. Quem alimenta sentimentos negativos com relação a si mesmo não precisa de inimigos. Se tenho uma imagem negativa de mim, estou afirmando minha negação como fazem os que querem acabar comigo. Nada mais absurdo do que um tigre ficar o tempo todo se sentindo e mostrando aos outros o oposto de sua tigretude. Se um tigre começar a se sentir que não é tigre e afirmar sua negação, perdeu a condição de viver. Não fosse o paternalismo niilista tão forte nas sociedades humanas, conosco aconteceria o mesmo.

Foi aí que o telefone tocou e era Fausto, um velho conhecido me convidando para uma orgia na casa dele. Claro que achei estranhíssimo, um pensador quase fanático como Fausto, um homem que já anda praticamente confundindo palavras e complicadas idéias com proteína, com vitaminas e sais minerais e que, sem dúvida, nem consegue mais distinguir entre as seis letras da palavra mulher e a própria em carne e osso, etc., o convite me deixou confuso. Será que ficou louco? Não, talvez seja uma brincadeira. Mas como, se ele nunca teve humor? Louco, não, essa palavra é muito forte, talvez um pequeno e passageiro desequilíbrio, um surto. É, talvez. Coisa muito normal não seria sua voz parece em febre, agitada, fala quase sem respirar engolindo palavras, excitadíssimo. Acabo aceitando o convite. Mais por curiosidade do que

pelo desejo de alguma diversão. Afinal, que diabo de orgia, e ele insistiu muito no termo orgia, poderia criar um velho cansado, deprimido e que passou a vida toda só metido com livros? "Você não pode faltar. Mulheres belíssimas e quentes de desejo estão loucas para te conhecer, iremos beber vinhos deliciosos, dançar como sátiros e amar, amar, amar..."

Fui. As tais mulheres eram prostitutas feias fingindo ostensivamente tudo o que faziam, agitando as línguas entre os lábios, rebolando com aquele tipo de exagero e má vontade que acaba com qualquer erotismo, tudo falso e apenas pornográfico. E meu amigo Fausto ali no meio delas nu e ridículo bebendo vinho direto da garrafa. Fingindo também. Parecia nem um pouco convencido de seu papel de fauno em bacanal. Felizmente dez minutos depois ele caiu de bêbado. As mulheres começaram a se arrumar para ir embora. Uma delas me disse gritando que eu deveria pagar a conta. Já ia tirando a carteira para evitar algum escândalo quando entra na sala um senhor alto, muito elegante e com um sorriso bem aberto, um homem realmente fascinante, as mulheres logo ficaram quietas, ele mesmo se encarregou de pagá-las e, pelo jeito, de maneira generosa dada a alegria que todas demonstraram. Foram rápidas embora e este senhor se apresentou como terapeuta: seu amigo está sob meus cuidados, sou seu psicólogo!

E, parece que ele anda bem desorientado mesmo...

Meu nome é Sig Mefis, doutor em psicologia. O senhor é...

E eu então disse que era Ruan Sedut, colecionador de arte, de tudo que é belo e também artista, em certo sentido.

Ah, um artista, um artista, que coisa maravilhosa, o que seria do mundo se não existissem artistas!

Esse Dr. Sig Mefís está me parecendo ter charme, mas um charme muito convencional ou discretamente irônico.

Ah! Os artistas são pessoas que vendem sua alma à arte e por isso talvez sofram tanto nesse nosso mundo pequeno onde só o dinheiro é rei, não é mesmo?

Acho que ele está apenas me testando. Seus olhos têm um brilho que brinca e atrai profundamente.

O senhor então é amigo de Dr. Fausto? Sabe que ele me vendeu a alma?

Aí eu naturalmente fiquei sem saber o que falar, poderia ser um tipo de brincadeira, o danado tinha o tempo todo um sorrisinho aberto, simpático, mas no fundo, bem no fundo dava para ver que era um sorriso entre sábio e satânico. E para resumir, enquanto preparava um copo com uma mistura de várias ervas adoçadas com mel que deu para meu amigo beber, começa a me explicar sem mais nem menos em que consiste e como se processa o princípio da Transferência entre Paciente e Psicanalista.

Veja, é muito parecido com aquilo em que se acreditava na Idade Média, aquilo de alguém que quer uma vida maravilhosa em tudo diferente da atual vida desgraçada em que vive, e esse alguém então invoca o diabo e este aparece já com o contrato de venda da alma redigido só faltando a assinatura do interessado, etc. Transferência é mais ou menos isso...

Agora não havia mais dúvida, minha suspeita até que estava na direção certa, o Dr. Sig Mefis é ele mesmo, o próprio comprador de almas e que meu amigo Fausto invocou para que fosse salvo da angústia da falta de vida, do medo do fim dos prazeres e Mefistófeles se oferece como guia para um outro mundo onde a sabedoria será infinita e principalmente onde desejos e a satisfação dos desejos sejam uma só e mesma realidade. Nada de inibições, sem culpas, sem castigos, sem rejeições, o prazer absoluto da euforia do amor e isso sem contar a capacidade de controlar os próprios sentimentos e com isso também os sentimentos dos outros! E aí me dá para ler o contrato que meu amigo assinou.

Veja, é uma coisa simples, uma formalidade boba, sem maior importância, ainda mais para pessoas como o senhor que tenho certeza nem acredita que exista essa coisa chamada alma, não é verdade?

O danado estava louquinho para que eu também fizesse negócio com ele. Veja, é isso que chamamos de Transferência. Sua psique está confusa, fragmentada, está dividida, está valendo praticamente nada, e no fundo o que pessoas assim mais anseiam é mesmo ficar livre dessa psique estragada, quase inútil e que só serve mesmo para trazer sofrimentos.

E esse traste que você irá me vender e eu ainda pago por essa porcaria que quer jogar no lixo... Mas aí eu disse para ele que talvez estivesse fazendo uma certa confusão porque da pouca coisa que já li sobre o assunto tenho a impressão de que Transferência é algo bem diferente, é qualquer coisa assim como o processo pelo qual o paciente deposita, transfere para o analista sentimentos, idéias que estavam investidas em figuras significativas do passado como o pai, a mãe, etc. E ele: exatamente, é a mesma coisa, veja, quando alguém ama a mãe ou o pai ou um irmão, ou um deus ou o diabo ou um artista ou um líder, a namorada, etc., quando alguém através do amor, do investimento afetivo, fica vulnerável à influência de um outro, esse alguém deixa, como um glorioso Narciso, de ter a si mesmo como objeto afetivo e daí por diante fará tudo para o bem de um outro mais que para o seu bem, ou seja, ele perdeu a alma, deu a alma para um outro, sua alma antes estava nas mãos do pai ou da mãe simplesmente porque era uma alma meio fraca, pouco útil para ele e por isso mais tarde não custa muito tirar essa alma da mãe, por exemplo, e transferir para a esposa ou para o marido ou para o psicanalista, entende? Veja, os psicanalistas são mesmo geniais, não só pegam sua alma e ainda você tem que pagar para que fiquem com ela! Claro, é uma alma complicada, absurda, suja e que ninguém quer mesmo ficar com ela! Isso precisa ser dito em favor dos analistas. Como eles, também acredito que o desejo sexual é o princípio vital, etc. No meu caso que sou um psicanalista muito, muito especial, eu não só fico com a alma como ainda por cima pago e pago uma boa soma por ela, que tal? E aí tirou uma caneta dourada do bolso e foi enfiando entre meus dedos, veja, é só assinar aqui!

Não, não, um momento, ainda não me decidi, claro que acho tudo isso muito, muito... mas acontece que eu realmente não tenho alma, entende? Por isso seria desonesto assinar um contrato que não possa ser honrado!

Aí então esse persuasivo Dr. Sig Mefis achou melhor mostrar desinteresse e mudou de assunto, é verdade que de maneira bastante medíocre:

Sabia que esse meu amigo aí caindo de bêbado é na realidade o famoso Goethe? Claro, só após essa palhaçada patética que chamou de orgia que irei levá-lo aos grandes prazeres... Ele é apenas um pseudônimo do grande poeta, tudo para disfarçar seus desejos de poder absoluto, sua vontade maluca de ser deus, como se deus fosse coisa assim tão importante, sua ânsia de vida eterna, de prazer sem fim, essas coisas que costumam acontecer com os velhos que envelhecem na idade mas continuam mais famintos de vida do que quando jovens, Goethe é um desses, julga-se um deus, um fora do tempo! Veja, para esse poeta o fato de uma jovem chamada Bettina Brentano, neta de uma antiga namorada sua, apaixonar-se por ele quando já com oitenta anos, nada tem de estranho! Por que diabo um homem genial como ele não poderia despertar o amor de uma bela garota só porque tem idade para ser avô dela? Aliás, ontem, quando convenci o velho Goethe a assinar comigo, desconfio que o argumento decisivo tenha sido uma historinha que lhe contei: um homem de oitenta anos diz a seu médico que está simplesmente deslumbrado por uma menina belíssima de dezessete anos, ela é mesmo uma diabinha maravilhosa, etc. E mais, conta que o relacionamento sexual dos dois é simplesmente divino. Então o médico fecha a cara e diz muito sério: tome cuidado, não brinque com essas coisas, você deve saber que tem oitenta anos e ela apenas dezessete! Pelo menos queria que você estivesse preparado para doenças ou até um enfarto! Mas para surpresa do médico, seu cliente responde: está certo, está certo, não sou nenhum sonhador romântico, gosto de viver dentro da realidade, sei perfeitamente que ela pode ter doenças, pode

morrer, etc., mas isso poderia acontecer com outras mulheres, não somente com ela, claro!

Agora, falando sério: o senhor sabia que os psicanalistas e nós os sedutores temos pelo menos um ponto em comum? Nós não podemos ser seduzidos. Isso seria o perigo fatal que eles chamam de contra-transferência. Nós somos sempre desejados, amados mesmo. Mas se nos apaixonamos, corremos o risco de perder o charme, de ficar sem nosso invejado poder de sedução, etc.

Bem, isso é verdade.

Claro, mas veja, um dos maiores gênios de todos os tempos assinou um contrato comigo e não se arrependeu, tanto que escreveu um longo poema ou uma peça, sei lá, onde não apareço exatamente como vilão. Que tal, já se convenceu?

Mais tarde, quem sabe? Quando eu tiver oitenta anos... Sabe, acho ridícula essa coisa de que o maior prazer da conquista, da sedução está em desencaminhar uma vítima: Tirar vantagem de medos, de conflitos entre pureza e pecado, bem e mal, deus e diabo, autoritarismo e liberdade, desejo e repressão... Mas será que ainda existe alguém vivendo esses conflitos?

O Dr. Sig Mefiz responde sorrindo:

Deus queira que sim! E se não forem esses, sempre existirão outros, não é verdade? Mas veja ali, meu caro Sr. Ruan Sedut, veja bem essa gente estranha... Venha cá, venha até a janela, olhe lá embaixo na rua que procissão de mau gosto, que gente mal cheirosa e feia. Ouça o que eles cantam: Somos a peste, a comunhão universal da peste, cada um de nós vive somente para carregar o próprio cadáver que ainda não foi sepultado! E não adianta fechar os olhos, fechar as janelas, tomar aquela droga e aquele álcool, esconder-se no colo quentinho da mamãe. Os hinos sinistros da peste já estão em seus ouvidos, ela já está aqui! Não pergunte pois quando foi que começou, nem porque, nem como, se é coisa que a ciência explica ou irá explicar, se é maldição lançada por deus ou pelos puros para punir todos que pecaram, pecam ou desejam

pecar contra os bons costumes sexuais, a peste já está conosco há mais de dez anos, que importa se veio para ficar, se é a última peste porque depois dela não haverá mais ninguém. Ou então pergunte sim, conheça o inimigo, faça perguntas, lute contra a peste, descubra seu ponto fraco, sua causa, seus culpados, uns odeiam em silêncio os empesteados, outros negam que poderão ser os próximos, outros descobrem o verdadeiro amor minorando o sofrimento dos empesteados, ainda outros têm orgulho de serem empesteados, nós somos a peste, a peste dos corpos tensos e distantes, da sedução frustrada, do beijo com medo, do desejo pré-castrado, somos a comunhão da peste universal, hoje ou amanhã meu sangue será seu sangue, gemidos fatalistas nos arrepiam com cantos de grande emoção religiosa falando que as águas que correm nos veios da terra estão podres como o sangue infectado que rasteja nas veias dos homens! Sua morte terá que ser minha morte. Na esquina da minha cidade, da sua cidade onde tantas vezes a namorada beijou o namorado agora estão amontoados magros moribundos chorando um choro contaminado e logo voltam a se juntar à procissão de mortos-vivos que se arrastam podres pelas vias mais íntimas de nossos sistemas de circulação! Somos sempre assim nos tempos da peste!

É adorado por mulheres elegantes

Acho que se ele troca mais de mulheres que o comum dos homens, como você está insistindo em dizer, acho que é apenas porque gosta mais de amar que os tais homens comuns, só isso.

Mas será que não é pela incapacidade de se dar?

O sedutor é o que mais se dá. Talvez seja inclusive isso que explique seu fascínio. Só que não se dá no sentido de se perder, de se anular frente à mulher amada. Se dá no sentido de entrar inteiro no jogo, ele se dá ao jogo. Ao jogo da sedução. Sem jogo de sedução pode-se

falar em amizade, companheirismo, nunca em amor. Amor não é um ideal, é jogo, jogo forte!

Ah, mas isso é muito arriscado! Não há jogo sem risco. É preciso pelo menos uma esperança de porto seguro, você não acha?

Todo mundo sabe que o amor é inimigo da monotonia, não é? Por isso o gosto vital do sedutor pela variedade. Mas veja bem, o sedutor não é um fanático trocador de mulheres, isso sim seria instabilidade. Ele só troca quando o campo vivo da sedução se congela na rotina, quando cessa o fundamental jogo da sedução. Veja, dizer que o sedutor está sempre trocando de mulher por ser um insatisfeito, por ser alguém sempre à procura da mulher ideal, irreal, isso é pensar que ele é um místico em busca de algum tipo de transcendência! É precisamente por se satisfazer de maneira completa que necessita de novas satisfações e não de novas repetições. O sedutor é antes de tudo um homem com os pés no chão, é um conquistador! Jamais transmuta desejo em fantasia, as mulheres que ama são de carne e osso...

E o sempre sonhado amor eterno?

Esse tal de amor eterno é ou só pode ser o amor contrariado, não é verdade?

Fora do amor contrariado não existe amor eterno! O mito ou o desejo do amor eterno tem origem na instituição do casamento, na necessidade do papel protetor do pai permanente para os filhos, para o lar, a família, para a própria mulher que dependia muito desse tipo de proteção masculina. E como aceitar isso talvez não fosse nem romântico nem estratégico, a necessidade de segurança sublimou-se em anseio poético de amor eterno...

Françoise Mathieu sorri com prazer durante toda essa conversa.

O dono da argumentação, um jovem intelectual que acaba de conhecer na casa de sua amiga Adèle D'Anjou, começa então a explicar o porquê de seu interesse por esse personagem, o sedutor.

E que estou preparando uma peça com esse tema, entende?

Ah, você é diretor de teatro?

Sou, mas mais no sentido de serei, entende?

Bem, acho que estou quase entendendo... Você não é, mas poderá ser...

Mais ou menos isso. Preciso completar uma cota de patrocínio, já consegui trinta por cento!

Mas você já dirigiu antes? Que peças já encenou?

Não, sou muito jovem ainda, tenho vinte anos. Aqui em Paris, infelizmente, a concorrência é brutal, você sabe, não é?

Não estou entendendo. Primeiro você espera conseguir fechar o patrocínio e só depois é que irá preparar a peça... no momento tem apenas a idéia e essa idéia seria talvez levar o Don Juan de Molière ou o de Tirso de Molina, é isso?

Seria isso se ainda estivéssemos no tempo do teatro de autor, de texto, etc. Veja, os textos sobre um sedutor escritos por Tirso de Molina ou por Molière ou por Da Ponte e Mozart ou Laclos ou Byron ou por Mérimée ou Kierkegaard, por Bernard Shaw, Thomas Mann, por Carnus, em fim esses textos todos são signos, são palavras ou talvez metáforas de um novo discurso, de um discurso não literário, entende?

Não, agora não entendi...

Veja, eu não vou dirigir uma peça que já existe e nem tampouco vou escrever uma peça. Vou, isto sim, criar um jogo cênico de metáforas impactantes!

A campanha toca e é Ruan Sedut que chega para o jantar de poucos convidados que Adèle D'Anjou inventou para que sua amiga Françoise Mathieu o conhecesse.

O apartamento de Adèle é no Quai Malaquais, pertinho da Pont des Arts, as grandes janelas do living dando para o Sena, é no quinto andar, à noite aquela vista especial do rio com o brilho das luzes boiando nas águas, mais adiante a arquitetura solene do Louvre. Além de Adèle, estão Françoise e esse jovem futuro diretor de teatro, Jean Claude, que é namorado da sobrinha de Adèle, Martine, uma garota de olhos grandes e redondos, um rosto suave e muito claro, parece estar o

tempo todo sorrindo, gosta de contar longas histórias, usa uma franjinha de Cleópatra, uma saia curta de couro, um pulôver muito justo, seu namorado, magro, desajeitado, pontua as frases pousando a mão na coxa dela. Junto com Ruan Sedut chega também um casal italiano. Encontraram-se no elevador. E um antiquário de Veneza ou Florença. Sua mulher, como Françoise, igualmente havia pedido, quase implorado à amiga Adèle para conhecer Ruan Sedut.

Com exceção desse antiquário, de Jean Claude, e de Martine os demais estavam ali principalmente por causa de Ruan Sedut, que não gosta muito de ser animal sagrado em ritual de devoração, mas já está acostumado e sabe como ninguém mudar o rumo do jogo. Um de seus truques prediletos é escolher, entre todas, aquela que parece menos interessada nele e procurar mostrar-se interessadíssimo nela e para isso a namoradinha de Jean Claude com seus olhos grandes, rosto sereno e prazer em contar histórias, foi a escolha perfeita. Pelo menos durante o jantar conseguiu não ser o centro ostensivo das conversas, mesmo ao custo de ouvir a garota da franjinha contar tudo que sabia sobre uma tia que mora em Nova York e dirige uma sociedade dedicada à proteção dos esquilos do Central Park. Mas quando todos deixam a mesa de jantar e caminham de volta para o living, Françoise Mathieu pega com carinho o braço de Ruan Sedut e pergunta bem macio como ele se sentiu quando o assunto foi o fascinante tema da sedução:

Talvez para os homens esse assunto não seja tão divertido, não é?
Mas quem falou em sedução?

Ora, você não prestou atenção? Ah, talvez as histórias da sobrinha da Adèle ou os seus lindos olhos grandes... Você então não ouviu mesmo o namorado dela, o Jean Claude, contando tudo o que sabe sobre sedução, sobre Don Juan, sobre charme, carisma, fascínio, o garoto parece mesmo um mestre nesse assunto...

Ah, que pena, gostaria de ter ouvido.

Não seja por isso, pelo jeito ele vai falar só sobre esse assunto até o fim da noite. Mas você agora vai sentar comigo aqui neste canto,

neste macio sofá branco com esta vista linda do Sena lá em baixo e me contar sobre um outro tipo de fascínio, o prazer incrível de ser um colecionador de arte.

Não creio que possa dizer muita coisa. Minha coleção é modesta, apenas alguns quadros.

Mas a gente não se apaixona, não fica ligadíssima por exemplo a um Mantegna, ah, se eu tivesse os quadros que você tem acho que nunca sairia de casa... Não posso imaginar um colecionador indiferente, tem que ser um apaixonado. Ou será que o prazer está apenas no desejo e nos lances emocionantes da conquista do novo quadro? E depois dele colocado na parede de nossa casa se torna tão desinteressante como uma esposa para um sedutor ou um marido para uma sedutora.

Você tem uma agilidade mental deliciosa. Isso é lindo. Mas tenho a impressão de que não está exatamente querendo falar sobre a psicologia do colecionador de arte... Discordo um pouco de você porque não creio que seja uma regra geral isso de se cansar de uma obra de arte ou de um ser humano que amamos somente por poder estar sempre em sua companhia.

Eu não disse e se disse foi sem querer que o desinteresse por aquilo que está sempre à mão, acontece com todo mundo. Disse que o sedutor ou a sedutora parecem gostar mais do jogo da conquista que da pessoa já conquistada. E fiz um paralelo, confesso que não muito original, entre o sedutor e o colecionador, etc.

Está certo. Mas acho que sua pergunta está sendo dirigida à pessoa errada. Conheço colecionadores apaixonados por sua coleção. Conheço esposas que amam seus maridos e vice-versa... Como já te disse, não sou exatamente colecionador, tenho um punhado de quadros e sempre os mesmos. Peças pequenas, nenhuma grande obra daqueles pintores. Desde que me foram dados num testamento, jamais ampliei a coleção, nem uma gravura eu comprei, nada, nada, e olhe que já faz uns bons doze anos. Estão todos nas paredes de uma só sala que por sinal tenho que manter fechada como um cofre forte e o seguro é caríssimo...

Agora, quanto a ter alguma experiência com relação ao outro polo da sua comparação, devo dizer que não sou e nunca fui casado e ter tido como todo mundo alguns poucos casos de amor, nem sempre bem sucedidos, certamente não faz de mim nenhum...

Mas porque está rindo?

Por nada...

Acho que sabe de alguma coisa que não sei.

O olhar de Ruan Sedut passa um tom de brincadeira e agora Françoise ri abertamente:

Só se for o seu nome... Mas acho que você também sabe que se chama Ruan Sedut, não sabe?

Pois é. Tenho esse nome desde bebê.

O que não é argumento porque as mulheres adoram os bebês, não é mesmo?

Sua amiga Adèle tem razão, você é brilhante...

Ruan Sedut se sabe precedido pela própria reputação. Sabe também, é claro, das vantagens e riscos disso.

Agora falando sério! Confesso que há muito tempo queria te conhecer, seu nome é uma lenda! Quantas mulheres lindas já não vi falarem o seu nome como se fala de um objeto de culto! Sempre pensei que fosse qualquer coisa assim como um apelido, como um título de honra e que seu nome verdadeiro não fosse esse.

Não. Meu pai e o pai dele e etc., também chamavam-se Sedut, que é um sobrenome como qualquer outro. Quanto ao Ruan, mamãe me disse uma vez que foi um erro do escrivão que em vez de escrever Juan grafou o J de acordo com a pronúncia espanhola dessa letra...

Na realidade ele não se chama Ruan Sedut. Esse é talvez seu disfarce mais sofisticado. Finge ser o que realmente é para que pensem ser apenas, brincadeira. Dizer com o próprio nome ser um sedutor, é uma proteção, uma máscara.

Se eu fosse aquilo que você imagina que sou, já teria há muito tempo mudado de sobrenome, é evidente.

Mas por que?

Ora, sempre ouvi dizer que a fama de sedutor torna a arte de seduzir quase impossível. Não creio que nenhuma mulher goste de ser apenas mais uma da coleção. Isso sem falar no aumento de armas que reúne quando se sabe alvo de um profissional em encantar, em levá-la a se apaixonar, a perder o controle do jogo, não é?

E por isso, o lobo procura sempre se vestir com a pele do cordeiro?

Exatamente. Do mesmo jeito que o lobo mau não chega perto de uma carneirinha e diz assim, meu nome é Lobo Mau, um sedutor não iria usar um nome como Ruan Sedut, correto?

Parece lógico. Mas nós mulheres sabemos muito bem a força, a mística irresistível que tem um homem, mesmo feio, sem inteligência, com cara de bebê, inexpressivo, se ele vem precedido da fama de sedutor. Uma vez um amigo nosso que já teve a famosa experiência de ver a mulher que ama se apaixonar por um homem em tudo mil vezes pior que ele, e que daí em diante passou a dizer não ter nenhuma dúvida de que as mulheres não conseguem distinguir um grande homem de um boboca e que basta para elas um título disso ou daquilo ou uma cara triste e desamparada ou ainda uma audácia sem maior significado, ou por ter um pescoço forte, essas bobagens e depois de uma viagem ele contou para a Adèle e para outras amigas nossas que havia conhecido na Itália um homem charmosíssimo, disputado pelas mais belas condessas de lá. Para encurtar a história, todas ficamos muito excitadas para conhecer o tal sedutor. Claro que era uma farsa, mas o fato é que todas achamos fascinante o cozinheiro de um pequeno restaurante italiano que contratou para o papel, um homem atarracada de uns quarenta anos, com pouco cabelo, ele suave muito e passava o tempo todo o lenço no rosto, sua figura não tinha nada de agradável, olhava para nós como se fôssemos prostitutas, a certa altura quis me beijar na boca sem mais nem menos, um horror! Pois é, mas enquanto estávamos sob o fascínio do mito do sedutor, a gente desculpava tudo isso, achava

típico de uma virilidade primitiva, prova de vitalidade, de força da natureza, de um homem de verdade, natural, sem os maneirismos decadentes de um elegante parisiense, como se a Itália fosse um país selvagem, não é uma loucura? Vê como o hábito faz muito mais o monge do que se imagina? Vê como a fama de sedutor nem sempre trás prejuízo?

Ruan Sedut parece ter gostado muito dessa história. Um sorriso gostoso está em seu rosto. Mas também pode estar sorrindo porque a mulher do antiquário, uma bela italiana não tira os olhos dele.

E, isso de fato existe, você tem razão. Mas uma coisa nunca consigo entender: como é possível algumas mulheres terem um desejo tão forte e às vezes até agressivo de não serem seduzidas e ao mesmo tempo um outro desejo de sentido oposto, necessitando tanto que alguém a seduza?

Françoise não está acreditando muito na ingenuidade que Ruan Sedut parece demonstrar. Mas finge:

Algumas mulheres? Será que não são todas?

Ruan Sedut sabe que Françoise não está levando suas dúvidas a sério. Mas continua:

E difícil dizer... E, pelo jeito, não será você também que irá me dar uma resposta, uma explicação para esse famoso paradoxo. Mas na realidade, não é tanto essa contradição diabólica de querer sinceramente e não querer sinceramente, essa famosa ambigüidade feminina que mais me intriga. O que nunca consigo decifrar é o porquê dessa necessidade imperiosa que a mulher tem de ser seduzida. Para mim isso continua um mistério que me fascina, mistério delicioso! Veja, eu não consigo entender, por exemplo, que uma mulher visivelmente cheia de charme e com uma inteligência brilhante, bonita, etc., possa precisar que um homem a seduza para que só então venha a se ver como realmente é...

Françoise continua o jogo. Agora com um pouco de ironia:

Mas não seria apenas um homem, um homem qualquer. Seria o sedutor! E quem é o sedutor? Não é justamente aquele que melhor conhece as mulheres, o crítico que distingue a arte de um amador sem talento da obra de um gênio?

Mas Ruan Sedut não está escondendo o jogo. Não se finge de ingênuo. Realmente acha que uma das coisas que tomam as mulheres mais interessantes está no mistério natural, mistério estrutural, coisa só delas. E o desejo angustiante mas gostoso que isso desperta, o desejo de decifrar, de acabar com um mistério que ao mesmo tempo queremos permanente. Françoise entende que é estratégia de sedutor e ironiza, não leva a sério a conversa de Ruan Sedut. Mas, no momento que ele usa o exemplo de uma mulher cheia de charme, de inteligência brilhante, etc., e olha fundo nos seus olhos, não tem nenhuma dúvida de que Ruan Sedut se refere a ela, chega a se emocionar, seu corpo inteiro se aquece, ajeita o cabelo e nesse momento sim Ruan Sedut está de fato praticando sua arte.

Veja, que as mulheres se sintam inseguras no campo de realizações, de performances que tradicionalmente pertenceram aos homens, tudo bem. É fácil entender que ninguém pode ser seguro sem experiência, sem mestria do que faz e isso é ainda agravado pela atitude mesquinha e sádica daqueles que por fraqueza e canalhice fazem tudo para dificultar o aprendizado, etc. Agora, tudo a meu ver se torna bem diferente quando o fato se refere à não segurança de uma mulher, visivelmente bonita ou elegante ou charmosa, quando o assunto é sua capacidade de ser atraente, de seduzir o homem, esse bicho sedento de aceitação feminina, esse bicho de pouca percepção que na grande maioria dos casos nem consegue perceber quando uma mulher está explicitamente enviando sinais de desejo e que em outros momentos interpreta o desinteresse estratégico dela como coisa real e por culpa dele, por sua falta de personalidade, de charme, de técnica, pensa quase sempre que conquistar uma mulher é coisa só do homem, isto é, que tem um só lado e por isso não consegue ver a sedução praticada por ela.

Em dez casos de sedução masculina, pelo menos uns sete não passam de ilusão. Foram elas que fizeram todo o jogo e ainda com o requinte de fazer o bobo pensar que foi ele, você não concorda?

É, você parece nos achar muito especiais... É preciso manter o mito do Eterno Feminino, o doce mistério feminino, não é assim? Não há nenhum mistério nas mulheres, pode acreditar nisso! Apenas não existe nada a explicar. E mesmo que houvesse o que explicar, vocês homens não entenderiam... Mas por que você está rindo?

Simplemente porque ao negar o tal mistério feminino você acabou afirmando que ele existe... Se não entendemos as explicações do como e porque as mulheres agem, pensam, sentem, explicações dadas por elas mesmas, é porque existe um duplo mistério, o do comportamento e o das explicações!

Continuo achando que as mulheres serão sempre misteriosas não só para os homens, mas principalmente para elas mesmas. Do contrário não seriam as inventoras da arte da sedução! Veja bem, será que todo esse seríssimo movimento feminista que está mudando de maneira tão profunda as relações humanas neste fim de milênio, será que não seria mais uma máscara no jogo infinito das seduções femininas?

O que?

Para além de um acerto de contas, para além de um basta à exploração milenar do homem sobre a mulher, não me parece absurdo pensar que existe também embutido nisso tudo um forte componente sedutor. O fervor anti-machista, essa grandiosa emasculação em escala universal, será que não seria uma extrema forma de provocação, de incitação e até mesmo de excitação para acordar a desejada virilidade masculina que por razões culturais vem mostrando crescentes sinais de afrouxamento? Será que não seria um desafio do tipo, reaja, homem, levante e lute, seja homem, mostre sua força, me dê uma resposta bem rija, bem dura para que eu possa ter o prazer de amolecê-la! Volte para o grande jogo do fogo e da água. Sem o gosto de molhar o fogo, de apagar a chama que se pensa poderosa, qual o prazer de ser água?

Dentro dessa hipótese, se é que ela tem algum cabimento, qual a excitação, qual o prazer de jogar com um derrotado que já parece até orgulhoso de sua derrota? O problema nessa coisa toda, me parece estar na possibilidade de um exagero dessa, digamos, imensa provocação. Será que as mulheres não foram longe demais? Será que por outro lado não levaram por demais a sério seu papel de reformadoras do homem? E nesse caso, há o risco de ao lavar o homem de seu machismo num banho de bacia, acabem nos jogando completamente fora junto com a água suja. E isso não é muito inteligente, você não acha? Veja: o maior desejo feminino é o desejo de ser mulher. Para atingir esse objetivo, ao contrário do que muitas pensam, elas não dependem do homem. E bem o contrário que acontece: vocês é que nos levam a torná-las mulheres.

Françoise está olhando firma para Ruan Sedut, com alguma desconfiança, mas fascinada.

Voltando ao mistério feminino, acho bobagem confundi-lo com submissão, fraqueza, etc. não é verdade? Do mesmo jeito, não é bom esquecer que o tão odiado e desprezível pênis que os antigos adoravam em procissão como símbolo sagrado de fertilidade da natureza, não é necessariamente um instrumento cruel de tortura. Talvez ele até continue aparecendo nos sonhos de muitas mulheres com características e funções até agradáveis, você não acha?

O olhar macio e quente da bela italiana prossegue namorando de longe Ruan Sedut, que continua respondendo, encorajando. Ela já cruzou e descruzou várias vezes as coxas morenas pouco cobertas pela saia justa e curta. Deve ter uns quarenta anos.

Os cabelos desalinhados, a barba negra, áspera e um pouco grisalha, os olhos verdes agudos muito próximos um do outro, o nariz adunco, assemelham Ruan Sedut a uma ave das alturas, dos grandes espaços abertos, ele é magro, de carnes firmes, o rosto curtido como de um marinheiro, Ruan Sedut parece um condor, uma águia livre na sua solidão forte. No fim da noite Ruan Sedut irá levar Françoise Mathieu para casa, ela mora pertinho dele, na Rue du Bac. Françoise irá

convidá-lo para entrar, ele dirá que adoraria mas infelizmente deve voltar ao seu apartamento porque espera um telefonema importante, ela pergunta se estará livre no fim de semana, Ruan diz que sim e em seguida estará aceitando um convite para passar o sábado e domingo na casa de campo de Françoise Mathieu não muito longe de Paris a uns cinco quilômetros de Provins. Ainda no apartamento de Adèle D'Anjou os dois voltaram a falar da coleção renascentista de Ruan Sedut. Ela percebeu numa outra conversa que ele na realidade vive mesmo é de vender de vez em quando um daqueles quadros valiosíssimos e sugeriu que talvez fosse uma grande idéia a criação de um museu pequeno mas muito especial, uma Collection. Insistiu sorrindo que isso seria ótimo para a cidade, enriqueceria o patrimônio de museus de Paris, etc. E com os olhos dizendo uma ironia bem leve:

Do contrário vou pensar que você é um egoísta, que quer toda aquela beleza só para você.

E evidente que Ruan Sedut percebeu o jogo das primeiras, segundas e terceiras intenções. Principalmente porque deve ter sido o semeador da idéia que brotou na cabeça dela.

Mas será que dá certo? Até que não desgosto da idéia, um pequeno museu, uma coleção...

E mais. Se achar interessante pode até me convidar para sócia. Posso não ser muito competente, mas sou compreensiva, cordata, trabalhadora... Você participa com os quadros que é o principal e eu entraria com o local, tenho uma casa linda do século dezoito aqui pertinho, um prediozinho de três pisos que dá para um pátio ajardinado, você vai simplesmente adorar!

Mas há todo um inferno de dificuldades junto à Prefeitura, ao Ministério da Cultura, não é?

Há sim, mas eu tenho ótimas relações nessas áreas, você já se esqueceu por exemplo que a Adèle foi casada com o Ministro da Cultura?

Nisso, ao falar do ex-marido de sua amiga, Françoise perdeu um pouco o entusiasmo, lembrou-se do que Adèle lhe tinha contado aquela tarde na livraria sobre a possibilidade dos quadros de Ruan Sedut serem falsos ou até pintados por ele mesmo, etc. Ficou um pouco em silêncio. Ruan Sedut percebeu rápido o que aquilo poderia significar, ele é um leitor muito hábil dos significados das emoções, das pausas, dos silêncios nas conversas e gosta de dizer que aqueles que põem toda a atenção apenas no discurso explícito está no mínimo perdendo tempo porque o que é dito com a linguagem lógica se completa no próprio discurso, pode-se concordar ou discordar mas a coisa já está dita. Por isso, acha que a ênfase deva ser dada na leitura do não dito, que é uma forma de linguagem que se mistura o tempo todo com a outra, etc.

Talvez, Françoise, talvez exista um fato sobre a minha pequena coleção que você desconheça e sem dúvida pesa muito se quisermos levar esse projeto a sério.

Ruan Sedut fez de propósito uma pausa bem demorada, sabia que Françoise iria esperar nada menos que a confissão da falsidade dos quadros. E um pequeno jogo de contraste emocional que continua assim:

Meus quadros estiveram expostos em vários museus internacionais nos últimos anos. Posso citar apenas três: na National Gallery de Londres juntamente com empréstimos de outros colecionadores e foi exibida também no Metropolitan de Nova York e no Prado de Madrid nunca como uma coleção e sim como empréstimos isolados de colecionadores para compor algum tema proposto pelo curador da mostra ou para completar o levantamento da obra de um artista. E recentemente foi lançado um livro com introdução do Diretor da Galeria Uffizi de Florença dedicado às coleções particulares francesas de obras renascentistas... Adèle e eu estivemos folheando esse livro outro dia.

Ou Ruan Sedut é um enganador de nível tão diabólico que possa ter ludibriado instituições de arte respeitadíssimas como essas em que

seus quadros estiveram expostos e no tal livro prefaciado pelo Diretor da Uffizi, essas exposições são documentadas, ou o tal boato que Adèle disse ser do conhecimento de seu ex-marido Ministro, não passa mesmo de boato com finalidade clara de destruir a imagem de Ruan Sedut por motivos que não devem ser incomuns na vida de um sedutor, etc.

Françoise agora está contentíssima, seu corpo inteiro mostra isso:

Mas sabe que tipo de pequeno museu estou pensando? Pois bem, para seguir a onda da gestão empresarial da cultura, poderemos fazer um museu particular, uma empresa como as outras, um museu particular aberto ao público pagante. Claro que com isso o acesso às verbas públicas será inviável mas talvez possamos contar com alguns patrocínios de indústrias, que você acha? Como o acervo já existe e o prédio também, as despesas serão só com a conservação das obras, com funcionários, poucos, com segurança, com impostos, a impressão de um belo catálogo... Não tenho dúvida que da arrecadação, só com a venda de ingressos, essas despesas irão representar no máximo uns 50% do total, ah, e claro, como o local é de minha responsabilidade, fica por minha conta toda a adequação técnica para receber peças tão valiosas, a iluminação especial, os aparelhos para desumidificação do ar, os sistemas eletrônicos de segurança, etc.

Talvez não seja nada fácil saber se Françoise Mathieu quer simplesmente comprar e prender Ruan Sedut com essa proposta ou está mesmo apaixonada pela idéia de criar um museu com ele. Esta última hipótese no momento parece ser a mais verdadeira. Mas no elevador, despedindo-se de Adèle, disse no ouvido da amiga:

Ele é maravilhoso, um charme! Esse homem eu não vou perder de jeito nenhum, custe o que custar!

Quando já em frente ao prédio onde mora Françoise Mathieu, na Rue du Bac, vem saindo sozinha e muito elegante alguém que já foi pintada por Gerard e por David em telas que estão no museu Carnavalet

e no Louvre. Seu rosto se abre numa alegria cheia de charme quando vê Ruan Sedut. Os dois se beijam e ela diz carinhosa:

Você anda muito sumido, chouchou! Mme. Recamier, acaba de sair de mais um sarau político-literário no salão de Mme. De Stael, que é no quinto andar. Mas infelizmente esse encontro com Mme. Recamier foi só um sonho...

Doreen e uma outra

Ruan Sedut chega em casa voltando do jantar no apartamento de Adèle D'Anjou e a imagem da amiga Recamier que viu por um segundo ficou mais forte nele que a de Françoise com quem esteve durante horas. Abre a porta, passa o hall, entra no living e vai logo abrindo as janelas por causa da muita fumaça e do cheiro forte de marijuana. Doreen e uma outra moça de uns dezessete, dezoito anos, estão vendo televisão deitadas em almofadas jogadas no tapete, Doreen diz que conheceu ela num café hoje à noite, não é incrível, descobrimos que íamos viajar amanhã às dez horas para Londres no mesmo vôo e mais incrível ainda, vamos ficar lá no mesmo apartamento que é de uma amiga comum, não é incrível? A nova amiga de Doreen é uma ruiva escocesa de cabelos cortados bem curtos quase raspados, está de short, uma blusa com muitos botões grandes na parte da frente quase todos desabotoados, os seios são firmes, sensuais, quando percebe o olhar de Ruan Sedut, baixa os olhos fingindo timidez. Conversam um pouco sobre Londres, Doreen pergunta se a outra pode dormir também no apartamento porque já fechou a conta do hotel em que estava. Ruan Sedut pede que Doreen prepare a cama do quarto de hóspedes, diz estar muito cansado, com sono, cinco minutos depois já deitado, Doreen aparece para deitar com ele e ainda nem tinham apagado a luz quando a ruivinha bate na porta, Ruan diz para entrar e ela entra, está completamente nua, para um pouco apreciando o impacto que conseguiu, vê o desejo nos olhos dos dois e como uma menina corre

para a cama e entra rápido sob as cobertas se aconchegando entre os corpos de Doreen e Ruan Sedut.

Um meio para o desejo se realizar

Uma vez, quando nossas relações ainda eram ótimas, Hipolita me pediu para seduzir aquela que foi conhecida como a mais bela mulher do mundo. Os príncipes ilustres da Grécia queriam possuí-la, e um deles, Ulisses, sugeriu que caberia a ela e somente a ela o direito da escolha. Os recusados teriam de fazer, e fizeram, juramento de defender o pretendente preferido. Como se sabe, o escolhido foi Menelau. E antes disso o troiano Paris, talvez por ser o homem mais belo do mundo, foi convocado para decidir quem era a mulher mais bela do mundo.

Acho que o fato da mulher que eu iria seduzir, nada menos que a famosa Helena, filha de Leda com Zeus disfarçado de cisne, ter o título de a mais bonita de todas, não era muito bem aceito. Estavam competindo pelo título Afrodite, Atenas e Hera. Esta última não seria exatamente feia, mas para quem gosta do tipo matrona e sendo esposa de Zeus e morrendo de ciúme dele, um troféu daquele poderia muito bem melhorar seu prestígio junto ao marido, sedutor incansável. Hera perdeu, Atenas também. Depois que Eris, mais conhecida como a Discórdia, lançou ao chão a tal da maçã de ouro com a inscrição "A mais bela", cada uma das três teria que oferecer ao juiz Paris algo irresistível não sei exatamente se como suborno ou como demonstração de qualidades, de prendas. Hera ofereceu grandeza. Atenas, sucesso na guerra, Afrodite disse que daria a Paris a mais adorável das mulheres para ser sua. E no fim, Paris recebeu o mandato de Afrodite para ficar com Helena, que acabava de se casar com Menelau. As deusas Hera e Atenas iriam se envolver como esperado, na aventura de Paris. Afrodite preparou o coração de Helena que logo já se mostrava apaixonada pelo príncipe troiano. E é aí que eu iria entrar. Caberia a mim, no plano de Hipolita, raptar a maravilhosa esposa de Menelau antes que Paris o

fizesse. Nada fácil, mas era um desafio formidável, provocante, enganar o homem mais belo do mundo com a mulher que todo mundo considerava a mais bela. Atenas contou a Ulisses dos planos de Paris e Hipolita recebeu do principal herói da Odisséia a missão de esconder Helena. E como Ulisses era o mais astucioso dos homens, teve a idéia de substituir a verdadeira Helena por um simulacro e essa falsa Helena iria ser Hipolita, também mulher de rara beleza. Do mesmo modo que Paris não conhecia Helena, esta não conhecia Paris, um nunca tinha visto o outro. Assim, Hipolita foi raptada e levada para Tróia provocando a famosa guerra. Por outro lado, meu problema não era fácil de resolver. Como Helena iria pensar que eu era Paris se não sou exatamente o homem mais belo do mundo? Não que eu seja feio, mas as mulheres se apaixonam por mim acho que por outros motivos. Até quanto me é dado saber nunca tive fama de homem bonito. Ou melhor, elas acabam imaginando que sou bonito quando começam a se apaixonar mas daí a saírem dizendo para as amigas que sou belíssimo isso é coisa rara. Conheço a arte de mudar a percepção, os sentimentos, os valores básicos das mulheres, mas preciso de algum tempo. Daí o problema. Como fazer Helena pensar que sou Paris, o homem mais belo do mundo? Sugeri a Ulisses que promovesse no seu palácio de Itaca um baile de máscaras como aqueles dos carnavais de Veneza. Helena e Menelau foram convidados. Fantasiado de príncipe da Índia e com aquela meia máscara veneziana sobre os olhos não escondendo muito mas criando mistério e charme, encontrei o momento certo para chegar por trás e dizer baixinho em seu ouvido aquilo que esperava ouvir há vários dias:

Meu nome é Paris, te espero no jardim da ala sul ao lado do chafariz de águas perfumadas.

Cinco minutos depois a mulher mais bonita do mundo estava em meus braços. Mais tarde, quando tirei a máscara para testar meu sucesso ou fracasso. Helena continuou me olhando com aquela ternura gostosa dos apaixonados e me chamando de Paris. Hipolita sofreu

muito com a guerra de Tróia, ajudou aqueles príncipes machistas evitando que um deles fosse corneado por um estrangeiro, etc. e no fim não recebeu nem um muito obrigado. Há quem diga que a partir de então teria começado a odiar os homens. Mas será que foi por isso mesmo? A sedução é um comportamento natural, qualquer coisa como uma tática, um meio, que o desejo produz para atingir seu objetivo, mas é também o aprendizado de uma linguagem que precisa estar sempre sendo praticada. Quantos de nós ou por ficar envolvido só com o trabalho, ou por comodismo, por preguiça de jogar o jogo às vezes complicado e até perigoso das relações de sedução, ou por preconceitos morais, ou principalmente por medo de perder, quantos de nós não vai, sem perceber, abandonando essa prática e quantos outros, tantos outros nem sequer chegam a aprender a vital e emocionante arte de seduzir? Será que o ódio aos homens que levou Hipólita a fundar a gloriosa nação das Amazonas não estaria no desencanto com o seu poder de seduzi-los?

Nietzsche entendia que as mulheres aprendem a odiar quando desaprendem a seduzir. Excelente.

Por sua vez, será que o ódio de Nietzsche às mulheres não estaria no fato de não ter aprendido a seduzi-las?

O desejo que provoca, recarrega seu próprio desejo

O sedutor quase nunca é um gênio do mal e Ruan Sedut está proibido de deixar a cidade de Paris. Nem mesmo pode ir a Provins que é pertinho, na Ille de France, já telefonou para explicar isso à Françoise Mathieu, ela não estava, deixou recado, espera sua ligação, não vai poder passar o fim de semana na casa de campo dela. O sedutor quase nunca é um diabólico manipulador dos pontos fracos da seduzida, um tipo frio, calculista, aproveitador sem escrúpulos, não, isso faz parte do

folclore e do temor-desejo de muitas mulheres e também do discurso político de seus detratores. E como se sabe, estes são homens ou mulheres que não aprenderam ou desaprenderam a arte de seduzir. A atração que tem pela beleza, pela elegância, pelo desenho do rosto, do corpo, pelo estilo, pelo jeito particular dela, o prazer irresistível que sente diante da mulher é que é sedutor! Essa atração, esse prazer diante daquela que deseja é que seduz a desejada. Aquilo que é atraente tem a capacidade de criar um campo gravitacional, um campo de sedução. O desejo do sedutor está sempre se recarregando no próprio desejo que estimula na mulher. O campo de sedução não existe sem campo de desejos mútuos e o telefone toca mas não é Françoise Mathieu e sim:

Jantamos juntos anteontem na casa da Adèle... Lúcia Petrami...

Ah, como vai? Como vai seu marido? Aliás ele ficou de me telefonar, parece que estava querendo conhecer minha pequena coleção... pensei que tivessem retornado a ...

Veneza, somos de Veneza, é lá que o Juliano tem um antiquário...

Pois é, ele já deve estar em Veneza, um cliente de Boston que esperava vir só no fim do mês, antecipou a viagem, o Juliano ligou para a secretaria e soube que o americano já está em Veneza... Eu nem tinha começado minhas compras, adoro fazer compras em Paris...

Adora fazer compras em Paris, mas que pena!

Que pena! Não entendo...

Que pena porque caso adorasse fazer compras em Nova York e achasse minha companhia agradável...

Bem, agora é que não estou entendendo mais nada.

E muito simples, neste momento estou esperando o taxi que chamei para me levar ao aeroporto De Gaulle... Estou de partida para Nova York...

Nova York?

Quantos dias espera ficar em Paris?

Por que?

Devo passar ao máximo três dias em Nova York... Quando voltar posso te telefonar? Talvez possamos combinar um almoço, que tal?

Ótimo, meu marido volta depois de amanhã. Vamos aguardar seu telefonema, tenho certeza de que o Juliano não irá recusar seu convite...

Perfeito, vocês formam um casal simpaticíssimo. Difícil decidir qual dos dois tem mais charme.

Verdade?

Bem, talvez a decisão nem seja assim tão difícil...

O problema é que Ruan Sedut não está mesmo em condições de dar atenção a uma nova mulher, agora não. Ela me pareceu não só bonita e com um corpo bastante sensual, como há nessa italiana qualquer coisa de muito saudável, de cheio de vida, força da natureza! Mas agora não posso, agora ou eu me concentro totalmente em...

O telefone toca novamente e desta vez é Françoise Mathieu,

Claro que não é fácil contar o que aconteceu, mesmo porque no momento tenho a impressão que só ela poderá me ajudar. Estou contando que possa me fornecer um alibi e um advogado do nível que o caso exige, o irmão dela é um dos maiores advogados da França.

Não, não estou doente e nem com nenhum outro compromisso, de jeito nenhum, esse fim de semana era tudo o que eu queria, sei que sua casa de campo é belíssima, é um castelo, não é?

Pois é... e vamos acertar tudo sobre o nosso pequeno museu...

Françoise, o problema infelizmente é sério, é grave, estou sendo vítima de uma calúnia, acabo de ser acusado de uma coisa que não fiz... Você acha possível que um homem como eu que as mulheres atraentes até hoje não consideram, digamos, desprezível, talvez tenha até com algum encanto, você acha crível que esse homem possa sair por aí estuprando meninas incautas? Pois bem, acabo de receber uma intimação da polícia para prestar declarações segunda-feira às nove da manhã porque alguma garota louca foi lá oferecer esse tipo de denúncia contra mim! Moral da história, estou proibido de deixar Paris. E sabe que dia foi que, na cabeça dessa maluquinha, eu a teria estuprado?

Justamente no dia, na noite em que estávamos jantando na casa da Adèle.

O tom de voz de Ruan Sedut é sinceramente de desamparo e se isso é irresistível para a maioria das mulheres, no caso de Françoise Mathieu isso emociona, amolece o coração, desperta um forte prazer, prazer de ajudar, de consolar, de por no colo, mas também acende a chance esperada e negada de comprar Ruan Sedut, de possuí-lo inteiro e com exclusividade, etc. Ela vai hoje mesmo ao apartamento dele para combinarem a estratégia toda, já disse que se preciso irá depor dizendo terem os dois passado a noite toda juntos na casa dela, etc. Assim que desliga o telefone, ele toca de novo e agora é Doreen falando de Londres, ela quer saber se Ruan Sedut encontrou uma pulseira de ouro na cama ou no chão do quarto, ele vai até lá olhar, a tal pulseira está em baixo do travesseiro, volta, diz para Doreen e ela:

Aquela garota que esteve conosco ontem à noite é bem louquinha, viu!

Aliás foi bom você ligar, sabe o que ...

Quase perdi o vôo para Londres esperando por ela que acabou nem aparecendo, é uma louca!

Não, não creio que seja exatamente louca, ela é outro coisa, é uma chantagista perigosa!

O que?

Isso mesmo. Não foi encontrar você no aeroporto porque tudo era uma farsa, ela usou nós dois, se fez de sua amiga, toda boazinha só para se aproximar de mim, vir aqui e deitar em nossa cama. E depois partiu direto para a polícia e me acusou de esturpador!

Eu não acredito!

Pois é, a coisa não está nada boa para o meu lado, vou acabar sendo preso.

Uma senvergonhinha daquela! Será que tem o dedo da mamãe nessa história? Porque não dá para entender como uma garota que nem

eu nem você conhecemos possa de repente fazer um jogo desses! Não é verdade?

Mas como diabo sua mãe poderia ter armado isso?

Um detetive contratado por Marta Morguen está a par de todos os movimentos de Doreen vinte e quatro horas por dia, desde que passou a ter contatos com Ruan Sedut. Lá da Nação das Amazonas, onde se encontra atualmente, Marta telefonou para esse detetive pedindo que recebesse no aeroporto Charles De Gaulle uma menina ruiva de cabelos raspados que vinha da Escócia e que essa menina, treinada entre as Amazonas, precisava urgente conhecer sua filha. E então naquela noite no Lipp's, a ruivinha pôde facilmente se aproximar de Doreen.

Não sei como a mamãe poderia armar mais essa sujeira, não tenho a menor idéia, se for pensar ou tentar entender todas as manobras dela eu fico louca... Ah se eu pegar aquela putinha! Escuta, você quer que eu volte a Paris para te ajudar?

Quem sabe eu posso ir à polícia e dizer que você não dormiu em casa naquela noite... e também que nunca vi aquela safada, que ela nunca esteve em sua casa com ou sem você lá, etc.

Não, não, por favor!

Ruan Sedut ia dizer, não, não pelo amor de Deus!

Não, fique aí mesmo, acho que é melhor assim, você é muito jovem e parece que a carga contra mim está centrada nesse alvo, fique aí mesmo em Londres o maior tempo que puder, me faça esse favor, agradeço de verdade seu interesse, você é mesmo ótima, te adoro... Olhe, vamos fazer melhor, procure esquecer que você esteve aqui em casa, foram dois dias, não é? Então faz de conta que isso não aconteceu, se quiser mesmo me ajudar negue sequer que esteve em Paris nesses dias, pode ser? Não creio que alguém possa provar o contrário. O prédio aqui não tem nem porteiro, como você sabe...

Pode ficar descansado, conte comigo, farei tudo como está pedindo. Mas se precisar de alguma coisa, me telefone, hein! Vou ficar torcendo por você, no fim vai dar tudo certo, quem vai acreditar numa

safadinha daquela, é só olhar para ver... Estupro, estupro, ela avança como uma louca sobre homem e sobre mulher, ela é que é uma estupradora!

Ruan Sedut sai para andar um pouco. Caminha até St. Germain de Prés, passa pelo jardim lateral da igreja, olha o Appolinaire de Picasso, entra pela Rue de l'Abbaye e logo está na pequena Place de Furstenberg que tanto ama. Depois retorna pela Rue Jacob.

Um banco de esperma

Na gloriosa Nação das Amazonas há mais de uma semana que cai sem parar uma chuva péssima com ventos gelados soprando do Mar Negro, tudo é molhado e escuro e Marta Morguen pela primeira vez começa a duvidar se vale mesmo a pena continuar sua ligação com aquela gente obstinada, com aquelas mulheres ideologicamente sem homens. Por outro lado, claro que não dá mais para agüentar a pretensa, a pretensiosa superioridade de um sexo literalmente falido. Aliás para ela a palavra falido deveria ter a mesma raiz etimológica de falo. E ainda por cima são mesmo covardes, fracos, bajuladores, perderam a luta e em vez de mostrar pelo menos alguma dignidade, não, ficam o tempo todo falando e escrevendo artigos e livros dizendo que as mulheres eram mesmo escravas e que isso é um absurdo, fazem discursos contra o machismo, abraçando, apoiando aquelas que não podem mais espezinhar, aderem à causa feminista e o irritante é que aderem por fraqueza, por falta de caráter! Ainda se fosse a amoral estratégia maquiavélica de abraçar quando não pode vencer, tudo bem, seria pelo menos ainda algum resquício de força política, de poder de luta, etc. Marta Morguen está resistindo, não decidiu ainda aderir à alternativa radical de viver num universo particular ou geral onde a figura masculina não exista mais, não tenha mais nenhuma razão de ser. Mas o sexo somente com mulher continua lhe parecendo menos completo, independente de qualquer preconceito, talvez seja um

problema de gosto pessoal ou até de limitação erótica, mas é assim que sente. Isso não torna os homens mais suportáveis, de jeito nenhum. Pensa que está metida até o pescoço na velha armadilha, aquela que diz assim, sofre-se muito vivendo com eles, sofre-se muito vivendo sem eles. Essas Amazonas são lindas e fortes e decididas e cheias de fé no ideal antimasculino delas, mas Marta Morguen talvez tenha medo de dar um salto tão grande, tão definitivo! Tem a impressão que os problemas ligados à identidade sexual são um pouco mais complicados do que parecem. Hipolita continua tentando convencê-la de que a relação afetiva com o homem é impossível, tanto que isso quase nem existe entre os animais. Os homens só servem mesmo para a procriação, nós não precisamos deles nem para o prazer sexual, nem para a proteção e muito menos para o companheirismo, para a troca de sentimentos, de afetos, tudo isso é ilusão, é ideologia de escravo! Às vezes penso que você tem razão, Hipolita... Mas tem uma coisa que ainda não entendi direito. Se vocês, digamos, matam os filhos homens e conservam apenas as mulheres, na progressão desse projeto a própria espécie humana irá desaparecer, não é verdade?

Mas claro que não é verdade, minha querida. Isso seria assim como disse somente no caso de sermos predadoras, o que não somos. Do mesmo jeito que os animais não esgotam a sua reserva de caça, sua reserva de alimento, nós também não saímos por ai matando todos os homens que encontramos e sim apenas aqueles que nascem de nosso ventre!

Então você não tem a intenção de espalhar sua ideologia, sua maneira de viver, seus valores, sei lá, seu estilo de vida, sua religião pelo mundo todo?

Claro que não, por isso existimos há tantos milênios!

Sabe duma coisa? Incrível, essa conversa, essa nova conversa sobre esse assunto me deu agora uma idéia... posso dizer?

Mas claro!

Por que vocês não fazem como os fazendeiros criadores de gado, de cavalo... Porque não formam um plantel, ou seja, um grupo selecionado de animais de raça geneticamente perfeitos, um grupo de homens eugenicamente selecionados e mantidos em cativeiro para serem usados somente para a reprodução e desculpe o vício profissional de banqueira, mas poderiam até vender ou alugar por preços altíssimos esses ganhões para os cruzamentos, que tal?

É uma idéia boa, sem dúvida, mas já foi usada sem bons resultados no nosso longo passado histórico, mais que uma vez, temos registro.

E por que não deu certo?

Simplemente porque, quando no cio, se tornava quase impossível impedir que um grande número de nós invadisse as reservas, os acampamentos dos ganhões, por mais inexpugnáveis que fossem esses lugares, isso sem falar que as próprias amazonas encarregadas da segurança, da guarda do plantel, eram as primeiras a atacar os procriadores, etc.

Entendo...

No dia seguinte a chuva e o vento gelado continuavam castigando a Nação das Amazonas. No café da manhã sempre delicioso na barraca azul onde a rainha recebe hóspedes especiais, Marta Morguen continuava sendo doutrinada por Hipolita. O tema, sempre o mesmo: a inutilidade do homem como companheiro da mulher e seu uso restrito ao ato de procriação. Aí, entre pratos de salmão defumado, torradas com caviar, sucos de frutas raríssimas e um forte café com leite de cabra, Marta Morguen teve uma outra idéia:

E que tal um banco de esperma?

O que?

Já existem muitos atualmente.

Mas o que é? É só para ganhar dinheiro, para cobrar juro?

Não, banco no sentido de lugar para se depositar, para guardar, uma espécie de armazém onde se pode armazenar espermatozóides por longo tempo.

Sim, eu entendo, mas...

É simples, quando se deseja, é só sacar o esperma e praticar a inseminação artificial. Antigamente se fazia isso só nos rebanhos de animais, agora as mulheres que não podem ou não querem ter nenhum contato físico com o homem, por ódio ou por nojo, recorrem a esse método e pronto, seus óvulos serão fecundados sem que o maldito pênis precise penetrar em suas vaginas, é simples assim!

Hipolita pela primeira vez se mostrou um pouco interessada. Pediu que Marta Morguen conseguisse um ou mais cientistas dessa área para virem à Nação das Amazonas fazer palestras, demonstrações sobre inseminação artificial. Mas de qualquer maneira, a eliminação dos filhos homens ou sua devolução às tribos de seus pais logo após o nascimento, é uma tradição que deve continuar. Aí Marta Morguen advogou a tese do aborto.

Mas para que? Assim poderemos matar indistintamente homens e mulheres.

Não, hoje já existem técnicas sofisticadas de se saber o sexo do bebê ainda no primeiro ou segundo mês.

É mesmo? Então me consiga algumas especialistas também nessa área. É, se não há nenhum risco...

Agora minha boa Hipolita, mudando um pouco de assunto, posso te fazer uma pergunta meio pessoal?

Claro! Sobre nossos rituais de purificação? De eliminação dos corpos estranhos?

Não. É sobre Ruan Sedut, ou melhor, sobre o forte desejo feminino de ser seduzida, de ser endeusada! Você acha que nós precisamos realmente disso?

Disso o que?

Ora, de nos sentirmos adoradas, de nos sentirmos de vez em quando um pouco fora desse mundo de solidão ou de tédio e transportadas para um reino encantado através do carinho e da excitação, da fantasia que um verdadeiro sedutor sabe criar.

Bobagem!

Bobagem?... Ah, tinha me esquecido, você é uma rainha e as rainhas vivem permanentemente num mundo encantado, não é?

Não, não é bem isso. A vida aqui é dura, bem real, mas eu sei do que você está falando. Também já fui assim. Mas eu pergunto, será que não é a mesma coisa se uma mulher muito especial, que você considera maravilhosa, uma mulher a quem você admira muito e sonha em ser igual a ela, um modelo que tem beleza e elegância e sensibilidade e inteligência e charme, tudo no ponto exato que você sempre idealizou para si mesma, será que se essa mulher se interessar por você, fizer você se sentir única e a preferida dela, será que isso não é a mesma coisa ou talvez muito mais que o que pode dar um sedutor?

Marta Morguen sentindo que os olhos de Hipolita lhe faziam carinho passeando por todo o seu corpo, mudou um pouquinho o rumo da conversa:

Então você aceita que a gente precisa ser adorada, que isso talvez continue sendo nosso ponto fraco, etc.

De jeito nenhum! Ponto fraco, não. Prazer, sim. E não é privilégio das mulheres. Eles também não conseguem viver sem isso.

Será? Dizem que um político não precisa mais que o amor do público, os artistas também... Sei lá, ainda penso que nós continuamos muito fracas nessa área. Diante de um sedutor a gente se desmancha toda, o coração vira manteiga, será que não é biológico?

É cultural! É cultural! Mudem-se os hábitos e os valores criados pelos homens e não precisaremos mais deles, pode ter certeza, minha querida.

Mas será que sem a consagração dada por um conhecedor, nós poderemos nos saber de fato desejadas, nós poderemos nos saber

verdadeiramente mulheres? Será que um artista pode se sentir artista sem o aval dos críticos e das pessoas que entendem mesmo de arte? Continuo achando esse assunto muito complicado. Claro, se você elimina os homens, o problema fica diferente. Uma coisa é ser mulher na relação mulher-homem. Outra é ser mulher na relação mulher-trabalho, mulher-esporte, mulher-guerra, mulher-política, mulher-mulher, etc.

Nisso Hipolita se levanta da mesa do café e ainda mastigando uma torrada com caviar vai até um canto da tenda onde o fax está mostrando um texto vindo de Paris. Pega a página escrita e lê para Marta Morguen informações detalhadas que dão conta do sucesso do Plano Estupro magnificamente executado pela escocezinha ruiva.

Não te falei que quando bem feito esse tipo de projeto é muito eficiente? Essa menina escocesa merece um incentivo, já é o segundo trabalho desses que realiza e de maneira perfeita. Ela não nasceu aqui. Como você é uma imigrante, uma cidadã que nos honra...

Espere aí, eu ainda não decidi emigrar, ainda estou em dúvida, adoro você! Mas então quer dizer que desta vez Ruan Sedut vai pagar caro os sofrimentos as decepções e abandonos que há tantos anos vem praticando contra as mulheres bem intencionadas que acreditaram na lábia daquele cínico!

Sem dúvida. Mas você vai ter que completar o trabalho.

Como assim?

Espero que concorde em usar todo seu poder de influência, todas suas altas relações para que o processo contra ele corra o mais lentamente possível nos tribunais.

Não entendo. O plano não é condená-lo, colocá-lo atrás das grades?

Não. Isso não adianta muito. As penas não são suficientemente longas e com dinheiro e prestígio acabam logo deixando a cadeia, etc. O mais sábio, a meu ver, é fazer com que ele fique anos e anos, se possível décadas, com um processo nas costas, sempre em suspense, sempre

esperando a qualquer dia uma condenação! Além disso seu campo de ação ficará bem reduzido...

É, parece lógico... Hipólita, posso te fazer uma outra pergunta pessoal? Acho que já falamos sobre isso, eu tenho razões de sobra para odiar Ruan Sedut! Quanto a você ainda não entendi bem suas razões.

Eu tinha uns dezesseis anos e estava estudando num colégio de freiras em Paris. Mamãe, a rainha Hipólita anterior a mim, pretendia que depois entrasse na Sorbonne para estudar ciências políticas. Muito bem. Uma vez todas as meninas do quinto ano andávamos em fila de mãos dadas e de uniforme pelo Boulevard Saint Germain, tínhamos ido fazer um piquenique no Jardim de Luxembourg, Ruan Sedut estava num café tomando um copo de vinho numa daquelas mesinhas redondas sobre a calçada. Fui literalmente atraída pelos olhos dele! Quando dei por mim, vi que as outras meninas já estavam bem longe e eu ali diante de Ruan Sedut como uma hipnotizada, sem falar uma palavra, me lembro até hoje que queria fugir e ficar ao mesmo tempo. Deve ter me enfeitiçado e certamente me deu seu endereço porque no dia seguinte eu já estava fugindo da escola para ir visitá-lo num apartamento que tinha no Boulevard Raspail, parece que ainda mora lá mesmo até hoje. Bom, para resumir, me apaixonei loucamente por ele, larguei os estudos, acabei não cursando ciências políticas na Sorbonne como mamãe queria, vivi anos escondida como uma fugitiva por toda a Europa, as agentes que mamãe enviava para me pegar e levar para casa me perseguiram como se eu fosse uma criminosa, foi uma época terrível, mas nenhum sofrimento parecia me abalar, eu estava amando, apaixonada feito uma louca por Ruan Sedut! Um dia, sem mais nem menos o danado simplesmente desaparece. Mais tarde fiquei sabendo que tinha ido viver em Hong Kong com uma aristocrata inglesa cujo marido era cego, dizem que os três moravam na mesma casa, etc. E eu estava grávida, era inverno, não tinha nenhum dinheiro, passei fome, dormi na rua, fiquei muito doente, tentei suicídio, foi em Londres que o canalha me abandonou! Quando num começo de noite desesperada já

havia subido na mureta daquela ponte que fica ali perto do Parlamento e meu corpo pendia na direção das águas negras do Tâmis, fui salva por duas agentes de mamãe que me trouxeram aqui para a nossa boa terra. Várias antepassadas nossas, está na biblioteca do Palácio em crônicas e diários de rainhas que me precederam, várias delas contam aventuras não muito diferentes vividas com Ruan Sedut!

Que coisa horrível! Horrível e ao mesmo tempo típico, típico de Ruan Sedut, Hipolita, Hipolita, todas as rainhas da Nação das Amazonas sempre se chamaram Hipolita?

Bem, infelizmente essa sua última pergunta eu temo que irá ficar sem resposta.

Não, por favor, não pretendo me intrometer em assuntos de Estado nem em segredos da História do seu reinado, nada disso. É apenas uma curiosidadezinha boba, sem importância, coisa fútil, nem sei como falei isso depois das coisas tristes que me contou...

Mas acontece que para nós esse é um assunto importantíssimo e talvez por isso mesmo o mais secreto de todos. A única coisa que posso dizer e sei que não é muito, é a seguinte: No Egito da pequena dinastia Ptolomáica, os reis se chamavam Ptolomeu e as rainhas tinham o nome de Cleópatra. Não é coisa incomum nas dinastias, mesmo nas européias, pelo menos nos nomes de reis, os Luizes, os Felipes, os Franciscos, etc. só que sem seu correspondente feminino. Mas no nosso caso a coisa é bem mais complicada. Nos quase três mil anos de nossa História não só todas as rainhas se chamam Hipolita como, preste bem atenção, ninguém pode saber com absoluta certeza se se trata de uma sucessão de herdeiras do trono, digamos da número um até essa sua amiga que seria talvez número 70, ou se na realidade todas, inclusive eu naturalmente, somos a mesma Hipolita, a primeira Hipolita. Ou seja, desde o início, há uns trinta séculos, só houve uma Hipolita!

Que viria se reencarnando através dos tempos?

Não, não! Nada de reencarnação. Eu sei que é assustador para você, para sua maneira de ver as coisas, mas seria um fato

aparentemente mais inexplicável que reencarnação ou pelo menos bem mais difícil ainda de se provar... E agora, infelizmente, tenho que abandonar esse assunto. Tire as conclusões que quiser mas posso te assegurar que para nós amazonas isso continua um grande mistério, inclusive para mim que sou a rainha Hipolita. Se quiser um conselho, esqueça que ouviu essas palavras de minha boca. Aqui em nossa terra, este é um dos tabus. E como em outras tribos, os tabus são sempre sagrados e perigosamente invioláveis!

Ordem de prisão

Marta Morguen acaba de desembarcar no aeroporto Charles De Gaulle. Aceitou a missão de acompanhar de perto e dar algum apoio ao incorruptível trabalho acusatório da promotoria no caso do alegado estupro da menina escocesa supostamente praticado por Ruan Sedut. Mas quando está na fila para apresentar o passaporte, percebe que há uma outra pessoa junto ao oficial encarregado daquele serviço e essa pessoa não tira os olhos dela enquanto fala qualquer coisa no ouvido do colega que também começa a me olhar com interesse um tanto solene e então um deles sai do posto, vem até mim, pede que o acompanhe, andamos um pouco por um longo corredor, aparece uma porta, ele abre e entramos numa pequena sala onde dois outros policiais pareciam nos aguardar, o mais velho deles pede que eu me sente enquanto diz: Senhora Marta Morguen, nos parece aconselhável que se comunique o quanto antes com seu advogado!

Como? Mas o que está acontecendo? Eu sou uma cidadã americana! Viajo a negócios, sou presidente do Banco Morguen!

Perdão, eu sinto muito. Mas há uma ordem de prisão contra a Senhora Marta Morguen expedida pela delegacia regional do Primeiro Arrondissement. Seu nome é Marta Morguen, não é mesmo?

Mulher solteira de setenta anos estava como de costume na janela de seu apartamento na Rue Montaigne. Apenas um gato preto vive com

ela. Antigamente costumava conversar com esse gato, mas como ele nunca responde nada nem puxa assunto atualmente evita lhe dirigir a palavra e para não passar por louca se esforça no sentido de também não falar sozinha e como detesta televisão e sua vista se cansa com alguns minutos de leitura, passa grande parte do tempo na janela olhando as pessoas que passam na rua, olha os carros, olha quem entra e quem sai do hotel Plaza Athenée e para não forçar muito os olhos cansados, usa um forte e caro binóculo que sua irmã que morava com ela lhe deixou ao morrer. Essa senhora viu quando um carro após atropelar e matar um senhor que atravessava a avenida, deixar o local com mais velocidade ainda do que quando cometeu o crime. Viu também que havia uma senhora acompanhando a vítima e essa senhora simplesmente retornou rápido ao hotel como se nada tivesse acontecido, nem sequer foi verificar se seu companheiro precisava de socorro! E viu mais, viu que quando o carro se aproximava, essa mulher correu para o lado da avenida de onde tinham saído como se já soubesse o que iria acontecer. Não só viu tudo isso como também anotou o número da chapa do carro. Levou a informação à delegacia de polícia mais próxima. Uns dez dias depois o motorista assassino foi localizado e preso em Dijon. Ao descobrir que esse motorista nem sequer conhecia a vítima, apenas sabia que era para atropelar um homem de cabelos grisalhos, alto e de terno azul que estivesse com Marta Morguen naquela hora atravessando a Avenida Montaigne, ao saber disso, o delegado subornou o motorista com a clássica promessa de lhe conseguir uma redução de pena caso concordasse em denunciar a mandante do crime.

A mulher não sendo esposa, o homem não sendo marido

Ruan Sedut abre a porta do apartamento, esperava Françoise Mathieu. E Françoise Mathieu dentro de um perfume suave tipo colônia, mas um pouquinho excitante, veste um estampado com

grandes rosas desbotadas em tom palha preso aos ombros por alças muito finas, roupa leve para um estilo leve de elegância, Françoise Mathieu parece caminhar, sorrir, gesticular, falar sempre como quando uma borboleta pousa numa flor e um amigo foi mais longe dizendo que ela é uma brisa de carne e osso, mas nada disso a convence de ter um charme especial, continua se achando não exatamente uma feia, mas uma não bonita! Uma riquíssima que os homens educados e os homens ambiciosos costumam agradar com palavras gostosas de se ouvir. O telefone toca, Ruan Sedut vai até o fundo do living atender e sugere que Françoise, se quiser, pode ir conhecendo as famosas pinturas que estão na sala ao lado.

É Doreen, de Londres, querendo saber se Ruan Sedut está bem e se já se preparou direitinho para a defesa contra a acusação infame e sabe duma coisa linda que aconteceu? Estou apaixonada! Isso mesmo, a-pai-xo-na-da! Conheci uma pessoa simplesmente divina e que quer porque quer se casar comigo, não é incrível? O nome dele é Charles Parklay, único herdeiro do banco Parklay, é lindo e forte como um puro sangue... bem, aí tem só um probleminha, o Charles é, digamos, um pouco mais que maníaco por cavalos e parece ser tara de família há muitas e muitas gerações, a gente pensa que é clichê para turista essa coisa de todo inglês aristocrata ser viciado em cavalo, mas é exatamente assim, acaba de cair um na minha mão, bom mas talvez isso não seja tão grave, afinal ele é lindo, é bonzinho, me adora e ainda por cima é um baronete, não é incrível? Mamãe, quando souber, vai ficar roxinha de ciúme, de inveja, de tudo...

Sua mãe? Um momento, pelo jeito acho que ainda não sabe o que aconteceu com ela...

Com a mamãe? Ela teve um enfarte? Não, por favor não me conte os detalhes, mas está viva? Mamãe sobreviveu ao enfarte?!

Não, Doreen, não é coisa assim tão grave. Mas acho bom você aceitar o pedido de casamento do seu cavaleiro inglês. Ele é filho de banqueiro, deve ter sido treinado desde criança para assumir o trono do

pai, deve portanto ser do ramo... Preparada ou não, você agora terá de assumir direta ou indiretamente a presidência do banco Morguen!

Mas conta logo o que aconteceu com mamãe! Teve um derrame? Ficou parálitica, não anda e nem fala mais?

Não, Doreen. Marta Morguen, acaba de ser detida sob acusação de mandante de um assassinato, deu há meia hora na televisão.

Ah, eu sabia, mais cedo ou mais tarde isso iria mesmo acontecer. Depois que papai morreu, depois do tumultuado caso com você, ela veio se tornando uma mulher cada vez mais amarga, mais rancorosa, mais desesperada, sem rumo, passou a se apoiar demais no álcool, recentemente esteve internada numa clínica para alcoólicos na Riviera italiana, anda jogando dinheiro fora como uma louca, mas tudo isso sem dispensar a carga pesadíssima de ódio que tem contra mim, contra você, está apavorada com o problema da idade, soube outro dia que anda freqüentando seitas ocultistas para as quais contribui com verdadeiras fortunas, já estive até na Bulgária participando de rituais com sacrifícios de vidas humanas numa tal de seita que diz reviver os costumes e tradições milenares das lendárias Amazonas, mamãe está muito, muito louca!

Terminando a conversa Ruan Sedut ainda insistiu que um casamento rápido com o inglês por quem se apaixonou poderia ser, de longe, a melhor coisa a ser feita nessa hora, amor hoje em dia não dura mais tanto tempo, case enquanto há paixão, case, case rápido! Primeiro case, depois pense!

Às vezes Ruan Sedut acha possível o casamento. Desde que a mulher não seja esposa e o homem não seja marido, esses horríveis papéis fixos, escravizados a si mesmos...

Mas claro, você ainda não foi preso

Françoise Mathieu telefona para sua amiga Adèle D'Anjou, precisa contar a maravilha que foi aquela tarde, precisava contar com

detalhes de emoção, detalhes de prazer o fascinante que era fazer amor com Ruan Sedut, ele é simplesmente maravilhoso, é um homem divino, um artista, domina sua arte como um gênio, olha, eu nunca imaginei que pudesse haver tanta coisa e tanta coisa gostosa e romântica, é de repente entrar num mundo encantado sem sair da realidade. Olhe, me sentia o tempo todo como se eu fosse uma outra, uma mulher muito, muito especial, uma deusa do amor, sei lá, acho que estou só falando bobagem... estou louca por ele, Ruan Sedut é o homem mais...

Antes do amor, Françoise Mathieu havia telefonado para o seu irmão advogado que por sinal estava de viagem marcada para Nova York. Mas disse que voltaria dentro de uma semana, precisava apenas dar um empurrãozinho nos seus associados do escritório americano num processo movido contra seu cliente francês, uma poderosa exportadora de água mineral acusada nos Estados Unidos de usar aditivo, de adicionar gás, etc. E disse que Ruan Sedut seria muito bem assistido por um dos advogados do escritório parisiense.

Está tudo ótimo!

Já estou livre?

Mas claro! Você ainda não foi preso! Estou brincando. Está tudo ótimo! Meu irmão estava de saída para Nova York, mas volta ainda bastante em tempo de supervisionar todo o seu processo.

Supervisionar?

Exatamente. Segundo ele, que é uma raposa nessa área, o seu caso pede uma advogada, uma mulher, que obviamente será mais simpática aos olhos do júri, do juiz ou juíza, da imprensa. Um homem defendendo um virtual estupro poderia ser visto, no extremo, como um conivente. Uma mulher, ao contrário, daria força moral e sentimental aos argumentos da defesa, etc. Me pareceu um raciocínio bastante lógico, não é verdade?

Só que Françoise Mathieu não viu ou se viu fingiu logo que não estava vendo, não viu que a tal advogada é uma mulher belíssima, muito segura de si. Quando a conheceu, Françoise pensou ter visto

escrito na testa dela: sou uma vencedora! Isso também está fingindo para si mesma não ter visto. O fato é que a tal advogada bonita aos dezoito anos foi uma grande tenista chegando a vencer duas vezes o torneio internacional de Roland Garros e além de advogada com doutorado em Oxford, tem pós-graduação em filosofia do Direito na Universidade de Bolonha é autora de dezenas de artigos e ensaios em revistas especializadas não só da França como dos Estados Unidos e também do Japão e recentemente publicou pela Gallimard "Mais Direitos e Menos Ódio", um pequeno livro ultra-polêmico criticando, de maneira construtiva, os excessos de ressentimento, de espírito de vingança, de desforra e mesmo de ódio inconsciente que algumas tendências do movimento feminista continuam apresentando. Insiste na tese de que o mais importante é não perder de vista a conquista de leis melhores, mais bem elaboradas que alicercem os direitos já adquiridos, ao mesmo tempo que se implantem novas, que se alargue o leque de defesas legais, constitucionais contra os abusos do poder masculino! E falando dos excessos, constrói toda sua tese a partir de um caso, de um processo registrado num tribunal dos Estados Unidos, em Decatur, Illinois, quando o Juiz W.A. Sapporigton não aceitou o argumento de que o réu não podia entender a acusação, um réu acusado de estupro. "Ora, nem o réu, nem eu e nem ninguém que ainda tenha algum senso de equilíbrio não poderá entender uma acusação tão sem juízo como, no caso, essa de condenar a um ano de detenção, mesmo que seja em liberdade condicional, um menino de oito anos, vejam bem, um menino de somente oito anos, por violentar uma menina de dez!"

É, isso parece bem absurdo, mas não adianta fechar os olhos, fechar as janelas, esconder-se no colo quentinho da mamãe, fugir para os possíveis braços fortes do papai, a procissão da morte, os hinos sinistros da peste já estão ali na esquina! Na esquina da minha cidade, da sua cidade onde tantas vezes a namorada beijou o namorado, nunca sabemos mesmo de onde surgem esses moribundos, são mortos-vivos que parecem se arrastar podres pelas vias mais íntimas de nossos

sistemas de circulação. Cada um de nós, cada um de vocês vivemos somente para carregar o próprio cadáver que ainda não foi sepultado! Nós somos a peste, a comunhão universal da peste! Os rostos medonhos, encaveirados, alguns assustando com inesperadas máscaras brancas. Corpos de esqueleto cobertos de farrapos sujos de um cinza esverdeado e esse maldito andar soturno, sem força, cambaleante! Mulheres e homens se arrastando numa procissão tétrica carregando bandeiras imundas que nos mostram gritos de ordem: "Ódio ao Amor! Viva a Morte!." Gemidos tristes e fatalistas nos arrepiam com cantos religiosos falando que as águas que correm nos veios da terra estão podres como o sangue infectado que pulula nas veias dos homens. Nós somos a peste. Somos a última peste! Somos a mais formidável comunhão universal da última peste. Hoje ou amanhã meu sangue será seu sangue. Como o ar que respiramos é o mesmo e podre ar que você respira, nosso sangue doente também será o seu sangue. Minha morte terá que ser sua morte! Você será contaminado! Desejo é morte! Sexo é morte! Hoje somos milhares. Vocês irão nos ajudar a sermos milhões. Uns desprezam e odeiam em silêncio os empesteados, outros descobrem o grande amor minorando o sofrimento dos empesteados, nós somos a peste da sedução frustrada, a peste dos corpos tensos e distantes, do beijo medroso, da dança imóvel à beira do abismo, do desejo castrado que continua desejando! Somos a peste do fim do mundo. Somos sempre assim nos tempos de peste.

Um acerto de contas em outro nível

Marta Morguen acaba de ser libertada sob fiança. Fiança de alguns milhares de dólares que alguns críticos ricos desse procedimento consideram uma forma de imposto para engordar indiretamente os cofres do sistema jurídico, uma vez que seu valor costuma variar com o poder econômico do réu e não com o tamanho do delito, etc. Mas de qualquer maneira, o fato é que Marta Morguen ficou na polícia apenas

sete horas, tendo passado a noite já numa luxuosa suíte do Plaza Athenée na Avenida Montaigne. E por falar em Avenida Montaigne, o advogado de Marta Morguen vai tentar defender sua cliente com a tese de que Jack Lace foi mesmo assassinado por um motorista que dirigia seu carro em alta velocidade naquela avenida. A velhinha que presenciou a cena do crime e fez o relato à polícia, falou a verdade. O tal motorista também merece crédito, mas somente na parte do depoimento em que descreve os detalhes do atropelamento, o dia, o horário e mesmo que foi contratado para aquele, digamos, serviço. Só que na defesa desse advogado, o contratante não é Marta Morguen. Segundo ele, só pode ser o Presidente da Bolsa de Valores de Nova York, Mark Thompson. Ou seja, faz parte do plano desse financista americano incriminar Marta Morguen porque está ainda quente na memória, pelo menos das elites de seu país, as especulações insistentes e ampliadas pela imprensa que André Morguen, o marido, foi envenenado por ela. Tanto que pelo menos dois jornais sensacionalistas anunciaram a morte de Jack Lace com manchetes do tipo: Aranha Negra Devora Segundo Marido em Paris! E quanto às motivações para o assassinato de Jack Lace, a defesa irá afirmar que se o novo marido de Marta não fosse de alguma maneira silenciado, Mark Thompson seria completamente arruinado economicamente: Jack Lace havia descoberto que uma grande empresa na área de computadores que estava lançando no mercado um volume imenso de ações, não poderia realizar essa chamada de capital acionário porque seu balanço financeiro real apresentava situação pré-falimentar. Ou seja, a tal companhia não só divulgou balanços falsos, como conseguiu que o Presidente da Bolsa de Valores, Mark Thompson, oficializasse o lançamento das ações como se fossem de uma companhia sólida, etc. E mais: o advogado de Marta Morguen irá apresentar provas documentais sólidas indicando que Mark Thompson sabia da situação da tal empresa. Só poderia saber pois era um de seus principais acionistas com um significativo volume de ações distribuídas entre dezenas de

pequenas companhias onde seu nome aparece apenas como membro do conselho. E Jack Lace entra nessa história como aquele que precisava ser morto. Jack Lace, segundo a tese do advogado de defesa de Marta Morguen, descobriu o dolo, levantou toda a teia, a ramificação inteira da operação que iria "ludibriar a boa fé dos novos acionistas". E mandou avisar Mark Thompson que se não fizesse uma confissão pública dentro de vinte dias, a denúncia com as provas, fotocópias de documentos, declarações de ex-diretores de algumas das tais pequenas firmas controladas indiretamente pelo Presidente da Bolsa, pareceres de auditores, etc., tudo, tudo estaria nos jornais do dia seguinte. Mark Thompson tentou sem resultado conseguir algum encontro com Jack Lace e mesmo os emissários que mandou com propostas de algum acordo milionário voltaram com a impressão de que o Vice-Presidente do Banco Morguen não estava motivado por nenhum tipo de vantagem econômica. Um deles sintetizou a análise dos diversos emissários afirmando que mesmo não sabendo porque razão, Jack Lace sugeriu de maneira indireta mas enfática que era mesmo um acerto de contas num outro nível e a palavra vingança parecia a ele a mais aplicável ao caso. Muito bem, para o advogado de Marta Morguen, velho amigo de Jack Lace e que o ajudou nesse trabalho para derrotar Mark Thompson, dados esses fatos, qual dos dois poderia ter mais interesse, mais premência em tirar a vida do banqueiro, contratando para isso um motorista assassino? Seria por acaso sua nova mulher Marta Morguen com quem estava em Paris como dois namorados sorridentes de mãos dadas nos museus, um casal alegre naquela primavera da cidade mais romântica do mundo? Ou um financista corrupto, inescrupuloso, capaz de tudo e que de repente se vê com apenas duas saídas? Primeira: da altura de seu posto de Presidente da Bolsa de Valores de Nova York terá de fazer declaração pública de que é um ladrão. Segunda: caso não confesse a falcatura, Jack Lace irá "confessar" por ele com a denúncia e provas que sairão nos jornais. Claro que Mark Thompson tinha forte necessidade de matar Jack Lace! Mas por que Jack Lace trabalhou com

tanto afincado e de maneira tão apaixonada para arruinar Mark Thompson? A resposta tem a ver com Ruan Sedut. Ruan Sedut seduziu há uns quinze anos uma bela americana de Boston chamada Jéssica Kerendy, que ia se casar dentro de uma semana com Jack Lace. A paixão dela por Ruan Sedut foi forte, viajaram três meses pela Europa, o anunciado casamento foi suspenso e no ano seguinte Ruan Sedut já estava ligado a uma nova mulher e Jéssica Kerendy casa-se, mas não com Jack Lace e sim com Mark Thompson. Acontece que essa bela americana de Boston chamada Jéssica Kerendy é nada mais nada menos que filha do poderoso John Kerendy e esse fato iria determinar a ascensão meteórica de seu novo marido que de simples gerente de banco, em cinco anos se torna o que é hoje, um dos barões das finanças da Costa Leste americana. E Jack Lace, que na época era colega de Mark Thompson, ambos gerentes numa das filiais do Banco Morguen em Boston, entendeu que tudo não passou de um golpe bem armado para fazer com que ele rompesse definitivamente com Jéssica e ainda por cima de maneira humilhante. Na cabeça de Jack Lace, seu competidor simplesmente contratou um gigolô barato para aquele papel que lhe abriria o caminho para a reconquista de Jéssica. Sim, reconquista porque os dois vinham disputando Jéssica desde os tempos em que os três eram colegas de ginásio e aos dezoito anos quase que ela ficou noiva de Mark Thompson. Quando, depois de duras penas e quase vinte anos no banco Morguen fazendo tudo o que se deve, mas tudo mesmo, para se chegar ao topo, quando já como Vice-Presidente pode ter acesso a meios sofisticados de coleta de informações altamente sigilosas, quando conseguiu documentos incontestáveis comprovando que o Presidente da Bolsa de Valores de Nova York estava lançando uma avalanche de ações no valor de quatro bilhões de dólares ou melhor, estava com seu cargo avalizando indiretamente a chamada de capital feita por uma grande empresa, respeitável, mas que no momento passava por uma crise pré-falimentar ignorada por todo o mercado, quando se sentiu seguro de que o tiro seria certo e fatal, fez o que

sabemos. E uma semana depois morria atropelado na Avenida Montaigne em Paris.

Marie Aubert, a advogada de Ruan Sedut, entrou com pedido e já recebeu consentimento da Promotoria para seu cliente poder ausentar-se de Paris, desde que informe local e data, etc. No momento Marie Aubert conversa com sua filha:

Aonde?

No Rhumerie, devia ser umas cinco e meia, eu estava passando com uma amiga e ela te achou linda quando eu disse olhe, aquela é a minha mãe, aquela lá na mesinha do fundo com o senhor de barba e eu que já te acho mais que linda estou agora curiosa é para saber quem era ele...

Um cliente, apenas um cliente.

Me pareceu mais que isso... pelo jeito seu de olhar para ele, pela roupa que estava usando, o sorriso super aberto e feliz, você quase nunca sorri assim... e ele também estava com um ar bem mais romântico do que alguém preocupado com algum problema que precisa de advogado... Ah, mamãe, você não vai mesmo dizer quem é aquele quarentão charmoso?

Claro que a mãe não iria dizer quem era o tal quarentão charmoso porque com dezesseis anos sua filha fatalmente iria se interessar, iria fantasiar ou mesmo até, quem sabe como essas coisas caminham, iria meter na cabeça que ele é o homem de sua vida. Idade perigosa? Ou ela, a advogada de Ruan Sedut é que está numa idade perigosa? Existem idades perigosas? Talvez a velhice seja a única idade mesmo perigosa por sua proximidade estatística com o maior perigo que existe.

É um cliente, apenas um cliente. E mais, ele virá me buscar dentro de meia hora, vamos ao teatro.

Ao teatro? Acho que você... bem, talvez saiba o que está fazendo... drinques à tarde no Rhumerie, teatro...

Por que? Sou maior de idade, sou independente.

Claro que é, você é o máximo, é meu modelo de mulher, te adoro, te admiro. Mas... eu não sou advogada, mas ou você está sendo distraída, ou está apaixonada ou então deve ter um plano que eu não compreendo, um plano de aparecer, de se expor em público com um cliente potencialmente perigoso...

O que? Você por acaso sabe quem é o meu cliente? Sabe alguma coisa que eu não sei?

Mamãe, eu conheço suas posições, conheço suas idéias, conheço sua linha dentro do movimento feminista, li seu livro, concordo com tudo, com quase tudo, mas sinceramente não creio que seja bom ser vista com Ruan Sedut em situações meio românticas. O que irá ganhar com isso, o que irá provar, provar que é livre, que não tem medo de homem, que não se importa?

O que? Não estou entendendo. Você sabe até o nome desse cliente?

Eu não sabia. Minha amiga é que me disse.

Sua amiga! Quem é ela? E porque você começou me perguntando quem estava comigo no Rhumerie?

Ah, mamãe, você ficou zangada comigo... claro que nada disso é da minha conta, mas acontece que minha amiga me contou muitas coisas sobre esse famoso Ruan Sedut! Famoso e perigoso, não é verdade?

Famoso. Perigoso. Você e sua amiga estão com as cabecinhas cheias de fantasias, isso sim! É um cliente como qualquer outro.

Qual foi o crime dele?

Crime? Você é ainda muito menina para se preocupar com esses assuntos. Não há crime nenhum!

E desde quando estupro deixou de ser crime?

Quem é essa sua amiga? Agora o assunto é sério! Como ela sabe de coisas que só eu e talvez mais duas ou três pessoas sabem? Você precisa me dizer quem é essa sua amiga!

Muito bem. Não precisa ficar tão brava! Eu digo sim. Nunca escondi nada de você, eu te adoro, te respeito, te admiro.

Estou esperando! Quem é ela, me diga tudo o que sabe! Vamos!

Não sei quase nada. Sei só que ela, essa minha amiga, teve um caso com Ruan Sedut! E ainda é louquinha por ele. Me contou que Ruan Sedut é um Don Juan famoso, que é adorado pelas mulheres mais elegantes e lindas de Paris, de Nova York, de Londres...

Chega, chega, pelo amor de Deus! Quantos anos tem essa sua amiga?

A minha idade, dezesseis anos. Por que?

Gobelins imensos e Chablis gelado

Adèle D'Anjou que há menos de um mês divorciou-se do ex-ministro francês da cultura, está jogando tênis com o advogado Charles Mathieu, irmão de sua amiga Françoise.

Antes, depois e até durante o jogo fica perguntando sobre mil detalhes do processo do divórcio, não quer perder um centavo a que tiver direito. E Charles insiste que o ex-marido dela é um homem muito generoso, somos amigos há longos anos, você não precisa ficar tão ansiosa e além disso o advogado que está te assistindo é excelente, não é?

Creio que sim... Ah, como é que vou saber! Vocês advogados podem tranqüila e legalmente defender tanto o inocente como o culpado! Quem sou eu para saber mesmo de verdade se estou ou não sendo bem atendida?

Olhe que eu conto para ele, hein! Não vale a pena falar mal de médico para médico, nem de advogado para advogado, nem de banqueiro para banqueiro, nem.de...

Nem de marido para marido! Eu sei, eu sei, são todos fanaticamente corporativos, chegam a odiar uns aos outros, mas antes de tudo a honra da corporação... já imaginou se um médico dissesse

assim, olhe, o colega que me antecedeu é um perigo público, mais um pouco e a senhora já não mais estaria entre os vivos, ele errou tudo, tudo, nem sei como lhe deram o diploma, etc. Se todos os médicos e todos os advogados contassem para os clientes tudo o que sabem das derrapagens profissionais dos colegas ou mesmo das operações jurídicas ou cirúrgicas visando exclusivamente a melhor saúde de suas próprias contas bancárias, não haveria mais nenhuma das duas profissões, não tenha dúvida!

Que exagero, Adèle! Você tem certeza de que não está precisando de um bom médico? Que bicho te mordeu?

Você está rindo, é? Mas essas coisas são sérias... também nem sei porque estou falando isso tudo... Não sei direito se sonhei essa noite com meu marido. Ou foi com meu advogado? Sei lá, deve ter sido por isso, sei lá, algum sonho mau, talvez... No entanto até agora não tenho nenhuma razão para duvidar do meu advogado.

Isso, muito bem, essa é a Adèle que eu conheço. Aliás, você hoje está linda, está tão cheia de vida e não pense que perdi este jogo por cavalheirismo, não, você tem um serviço que é um tiro e...

Ah! Que ótimo, eu estava precisando de uns elogios, mesmo que eu saiba que você é um anjo, um amigo divino que tem prazer em me ver contente da vida, gosto de pensar que está realmente encantado comigo. Por isso vou usar a frase que vocês médicos e advogados, a máfia de branco e a máfia de beca, mais gostam de usar quando um membro da corporação é pego com a boca na botija: como em todas as demais profissões há bons e maus médicos, bons e maus advogados e você, meu querido Charles é o melhor advogado do mundo, pena que seja também o melhor amigo de meu ex-marido.

Françoise Mathieu, com um amigo jovem e pintor chamado Stassen, tomam um Chablis gelado à beira da piscina. A casa de campo com essa piscina, a quadra de tênis e um bosque de velhos pinheiros onde agora Ruan Sedut anda a cavalo com uma bela mulher de nome Jeannette Jardin, está na família Mathieu há quase cem anos. E um

castelo não muito grande, como alguns daqueles menores entre os maiores castelos renascentistas do Vale do Loire e que foi construído para um cardeal amigo de Maria de Médicis. Um edifício retangular de três andares atualmente cor de limão, estátuas de mármore no alto junto à mureta que fecha o telhado, há lá dentro pinturas de Rubens, de Durer, de Turner, de Holbein, dois Gobelins imensos, seis Matisses, Van Goghs e vários Picassos. Jeannette Jardin, que está cavalgando junto de Ruan Sedut, é namorada e mora com Charles Mathieu. Diz ter mestrado em Psicologia pela Universidade Colúmbia de Nova York e estar escrevendo um longo ensaio sobre o narcisismo nas relações afetivas. Mas parece que não deu grande importância às aulas na Colúmbia, nem está muito envolvida com o tal ensaio. O que de fato apaixona Jeannette Jardin é o conhecimento prático dos pontos fracos que os homens exibem quando uma mulher começa a seduzi-los. Acha esse estudo, essa observação direta ultra interessante, tem paixão por isso e costuma anotar tudo num caderno. Já encheu vários cadernos com essas anotações. Mas, desculpas intelectuais à parte, acho que só recentemente Jeannette Jardin passou a se sentir uma sedutora, o que quer que isso queira dizer. Disse desconfiar que talvez sua maior paixão seja seduzir somente os inseduzíveis. Por incrível que pareça, tenho a impressão de que lá no fundo, se é que existe mesmo esse tal de lá no fundo, há nela um certo preconceito contra a sedução. Qualquer coisa assim como se seduzir fosse coisa meio feia, pouco digna de mulher, digamos, séria. Claro que deve dizer para si mesma que tudo isso é bobagem, fruto do medo arcaico dos códigos egoístas criados pelos homens, faça o que eu mando, não faça o que eu faço, etc. Ou será que eu estou imaginando essas coisas todas só para tornar Jeannette Jardin mais desejável? Bom, seja o que for, o fato é que eu e ela acabamos de entregar os cavalos aos criados na cocheira e estamos agora entrando no longo gramado lateral da casa onde está a piscina. Jeannette faz questão de dar passos curtos, caminha exageradamente devagar, acho que está querendo talvez mostrar aos outros que estaria sendo seduzida por mim,

para um pouco para rir de corpo inteiro de uma frase sem nenhuma graça que acabo de dizer e encosta a cabeça no meu ombro. Jeannette está vestindo culote, botas, o chapeuzinho preto de equitação, blusa branca e os cabelos loiros que são longos presos num coque por uma fita de veludo. Eu estou de camiseta e calça branca mais um chapéu panamá e tudo junto com uma barba negra sei que forma aos olhos dos outros uma figura explicitamente viril e é tudo intencional.

O jovem pintor amigo de Françoise vê de longe Ruan Sedut, sorri e diz bem irônico que o amigo dela mais parece um daqueles "macho-man" dos medíocres filmes americanos passados na América Central. Mas Françoise não ri, nem Adèle D'Anjou e Charles Mathieu que ainda em roupa de tênis estão deitados em espreguiçadeiras. Charles tirou a camisa para tomar sol, ele não só não riu como ainda provocou o pintor: veja bem o que está dizendo, cuidado que Ruan Sedut é exatamente isso que você falou, só que de verdade, é machíssimo!

E logo, fingindo estar só brincando: e caso venha a lhe dar uns cascudos não pense por um minuto que vou te defender. Por isso, boquinha fechada, viu!

Não, não, eu estava só expressando meu olho clínico, minha deformação profissional, meu olhar é muito sensível a figuras, a tipos, o simples detalhe de um chapéu panamá...

Françoise também aproveita para cutucar o pintor, só que como amiga:

Que nada, conversa, você não pinta retratos, nem sequer figuras, na realidade você nem pinta mais, você apenas rouba talheres de restaurantes chiques do mundo inteiro e gruda tudo em grandes painéis como na sua última participação na Bienal de Veneza, ou foi na Documenta de Kassel?

Foi em Tóquio. Você não gostou, minha adorada Françoise?
Gostei sim. Mas Ruan Sedut é meu amigo e um grande...

Nossa, não sabia que ainda existiam machões com tanto prestígio, esse deve mesmo ter algum grande segredo especial...

E aí o pintor segredou no ouvido de Françoise: E eu que não sabia, hein, você está apaixonada! Pode contar comigo, estou com você, mas tome cuidado com a Jeannette, sei coisas incríveis sobre ela que tenho certeza de que você nem suspeita... O jovem Stassen não gostou nada da maneira que Charles falou com ele, como se fosse uma criança ou talvez como alguém que discrimina opções sexuais diferentes, etc. Quem pensa que é? Está crente que Jeannette deita somente com ele!

E Françoise Mathieu então disse que dali uns vinte minutos no máximo o sino para o almoço iria tocar, quem quisesse tomar banho...

Ah, o almoço não vai ser aqui na piscina? Não vai, não, Adèle, você está cansada de saber que esse meu irmão aí é muito formal, é muito velhas-famílias-francesas, muito deliciosamente solene com almoços e jantares, mas ele é um amor, não acham?

Françoise, claro, não disse que Charles Mathieu acha o fato de ser francês sempre melhor que ter outra nacionalidade qualquer e insiste que se o imigrante pobre reivindica o direito à diferença, também o verdadeiro francês deve lutar pelo direito à diferença, deve marcar bem claro a sua diferença!

Françoise deu um beijo no irmão, fez novo aviso sobre o horário do almoço agora para Jeannette e para Ruan Sedut que chegavam e eram apresentados ao jovem pintor. Dois garçons, um só para as bebidas, serviram o almoço que foi mesmo deliciosamente solene. Talvez naquela grande sala com aquela grande mesa, os quadros famosos, as tapeçarias, os espelhos, os móveis autênticos do século dezoito, os pesados talheres de prata, a louça finíssima com brasões, talvez não pudesse ser de outra maneira, deliciosamente solene ou solenemente delicioso, um almoço com menu à altura, La raie de la cote vermeille, Le cassoulet de Castelnaudary, Coeur d'artichauds bourgeois, Fromages, Pêches Cardinale, Café. Os vinhos: Chateau Vieux Certan, o Chateau Pontet-Canet e o Chateauneuf du Pape. E as

conversas não chegam a ser solenes, claro, mas quase deliciosas na maior parte do tempo e picantes e irônicas e apoiadas no vinho acabam convergindo para um único assunto: os problemas de Ruan Sedut com a justiça mas a diplomacia de Françoise consegue que ele não seja exatamente um dos pratos de maior sabor. E quando Adèle D'Anjou pergunta a Charles Mathieu a razão da advogada Marie Aubert estar saindo com o cliente por toda Paris como que se exibindo ao lado dele, Françoise não consegue ser muito imaginativa e diz que o tempo lá fora está mudando, talvez venha chuva! A intenção de Adèle D'Anjou não era de sugerir um caso de Ruan Sedut com a advogada, o que magoaria sua amiga Françoise, mas justamente insinuar que a outra dava em cima dele, etc. Queria talvez que Charles Mathieu puxasse a orelha de Marie Aubert.

Fui eu que sugeri isso à Marie Aubert, que aliás não tenham dúvida, é uma excelente advogada!

Está bom, está bom, meu querido Charles. Se ela trabalha com você só pode mesmo ser excelente, tudo bem. Mas porque diabo uma mulher bonita e atraente como ela fica por ai em público dando a impressão de que...

Não, Adèle, não, nada disso! E apenas uma estratégia simples. Como Marie Aubert é uma feminista bastante conhecida em Paris, achei que esta seria uma boa idéia para evidenciar a inocência do nosso cliente... Claro que uma escritora, uma defensora respeitada dos direitos das mulheres, jamais iria a um teatro ou a um restaurante acompanhada de alguém que desrespeita esses mesmos direitos, certo?

E ai Jeannette Jardin achou ótimo provocar um pouco Charles Mathieu e Ruan Sedut ao mesmo tempo:

Eu adoro essas frases do tipo, abuso sexual, violência sexual. A mulher vai lá na polícia e diz que sofreu violência sexual, diz que foi abusada sexualmente, etc. Mas como se pode provar se ela está mentindo ou não? O tal monstro estuprador deixou marcas, hematomas, etc., tudo bem... Mas como saber se foi aquele que ela acusa ou um

outro? E mais, como traçar o limite onde termina o prazer, o gozo sexual com suas posturas e transgressões, etc., e onde começa esse tal de abuso de violentação? Ah, mas é fácil: com consentimento da mulher pode tudo, sem consentimento não pode nada, etc. Ótimo, muito bem, mas também aí há um porém: como provar se houve ou não consentimento?

Ruan Sedut olhou para Charles Mathieu com ar de quero ver você sair dessa e o advogado disse para Jeannette que se algum dia você passar por uma tragédia dessa, o que espero nunca venha acontecer, tenho certeza que irá entender melhor o ponto de vista das feministas e da justiça.

Ah, quanta demagogia, meu anjo... é isso que vocês advogados chamam de ciência jurídica? E depois, eu ainda não me convenci que você seja assim tão feminista...

Não, eu nunca disse que sou feminista, eu apenas defendo na medida do possível as causas que julgo justas, tanto no plano individual como no social, não se pode abrir precedentes no que tange a abusos físicos do forte sobre o fraco!

Você agora está nos discriminando, está nos colocando do lado dos fracos, a velha estratégia machista de rotular as mulheres de fracas, o sexo fraco, só para depois oferecer proteção, proteção que como se sabe sempre foi desculpa para dominação... Sexo fraco coisa nenhuma! Aliás, se eu fosse homem e aparecesse uma dessas mulheres mais fogosas que gostam de morder, de arranhar para aumentar o prazer, se uma dessas ninfomaníacas fizesse isso comigo, se eu fosse homem, ah, não tenha dúvida, iria correndo na primeira delegacia de polícia e apresentaria queixa contra abuso sexual, violência física, etc.

O pintor parece estar adorando as conversas, mas sem coragem de entrar nelas, meio intimidado com a presença de Ruan Sedut, teme uma agressão, alguma frase machista, maldosa, cheia de preconceitos, mas olha para Françoise o tempo todo que Jeannette fala, com os olhos procura falar, olha aí, eu não disse que ela é mesmo perigosa? Ruan

Sedut parece estar de verdade meio ausente, apenas concentrado em comer e beber. Jeannette, para provocar Charles e impressionar Ruan Sedut, termina assim:

E você o que acha? Aposto que concorda comigo. Afinal de contas não deve ser nada divertido ser acusado de lobo-mau, de devorador de donzelas incautas, não é?

Aprendi nos filmes que tudo o que eu disser poderá ser usado contra mim no tribunal. Nesses assuntos só minha advogada é que fala por mim. Sou um castrado verbal!

Castrado verbal? Mas que expressão exagerada... só mais uma coisinha. Você não acha que atualmente a balança da justiça está meio desequilibrada, está pendendo mais para o lado das mulheres?

Me explicaram direitinho que estou sub-júdice, não devo opinar nessa área... Mas o fato é que desde Hamurabí até hoje os códigos morais e os desejos, as paixões, não conseguiram chegar a um acordo. Talvez o bicho homem goste disso, ou precise disso para viver, do contrário já teria acabado há muito tempo com esse conflito. Quem sabe sem esses jogos morais sobraria tempo demais para pensar e talvez pensar na morte.

O jovem Stassen sorriu para Ruan Sedut, achou que ele não era um machista, um autoritário, Françoise olhou com amor para Ruan Sedut, teve finalmente certeza daquilo que sua afeição queria acreditar, teve certeza de que ele era mesmo um homem diferente, melhor que os outros. Ruan Sedut devolveu o sorriso para o pintor, o olhar de amor para Françoise enquanto saboreava o vinho e a satisfação gostosa de haver tocado fundo a emoção de um e de outra.

Repressão do desejo de amar

As mulheres diante de um sedutor se sentem fortemente atraídas por uma ameaça! A famosa atração do perigo, mas que tipo de perigo? O medo está sempre ligado a uma noção de perda. Claro, quanto mais

importante para nós o objeto sob ameaça, maior nosso medo. Se esse objeto então somos nós mesmos, como realidade física ou como idealização, o medo será proporcional ao auto-amor. Não existiria medo se não tivéssemos apegos, sem apego a pessoas, a coisas, a nós mesmos, não haveria o medo de perder. Não haveria medo. Quando ser virgem era possuir um bem valorizado pela cultura, perder a virgindade fora do casamento era um desejo que dava medo. Quando a fidelidade ao marido era um tabu rigoroso, um grande medo e uma grande tentação cercavam o adultério. E hoje, neste final do século vinte, quando as mulheres conquistaram várias liberdades, principalmente a liberdade de ser dona de seus desejos sexuais e uma desejada autonomia afetiva, quando podem dizer de cabeça erguida, eu só vou para a cama com quem eu quero, quem manda em mim sou eu mesma e mais ninguém, quando a mulher já atingiu esse grau de independência frente ao homem, que perigo poderá representar um sedutor? O que poderá perder? O homem não é mais o dono da virgindade dela. O homem não é mais o juiz e carrasco da infidelidade feminina. Não haveria mais o medo do descaminho e suas punições. Assim, o sedutor não seria mais nem um perigo e nem uma tentação. Mas acontece que agora a independência frente ao homem é o bem mais valorizado pela mulher. A perda desse bem então causa medo. E o sedutor seria justamente o melhor preparado para enfraquecer sua autodefesa. Perder a virgindade era mais um problema de honra social, mais um sofrido desprestígio junto à família, à comunidade, do que propriamente um sentimento de auto-desvalorização. A mesma coisa com o adultério: as censuras, os castigos vinham do marido, da sociedade. Para ela mesma, enganar o marido até que dava um certo orgulho, um aumento de auto-estima, sensação de poder, etc. Agora, o sedutor é aquele que potencialmente poderá lhes tirar a iniciativa, o domínio do jogo, poderá devolvê-las aos superados papéis femininos, passivos! Antes, elas aceitavam a posição passiva, subalterna, e sem dúvida até gostavam disso, mas desde que houvesse amor, desde que amassem o macho

dominador. O homem, que antes era o dominador, quando apaixonado, até que aceitava ser o dominado. Hoje, o grande perigo para a mulher é se apaixonar por um homem! Apaixonando-se poderá baixar a guarda, poderá amolecer e permitir a si mesma alguma passividade. Ou dão as cartas ou não há jogo. As mulheres agora temem muito mais perder-se. Temem perder a nova identidade diante dos próprios olhos e dos olhos das outras. Ficou muito difícil para a mulher amar um homem. E o perigo de se perder agora é um problema muito pessoal. Ser iludida por um homem é igual a deixar de ser ela mesma, é perder o que mais ama, seu novo papel social! Sua recém-conquistada superioridade! E isso não é pouca coisa. Para muitas, para quase todas não há homem que tenha esse valor! Daí a forte repressão contra os desejos de entrega, contra os envoltivos afetivos mais profundos. Daí também a maior tentação no rumo desses desejos. De maneira diferente, o sedutor continua sendo um perigo. Antes era um prazer corajoso quase masculino sair da prisão mandando às vezes para o inferno as proibições dos pais e dos maridos. Hoje talvez o mesmo prazer, o mesmo pecado gostoso poderá ser, às vezes, brincar de mulher feminina, mas no maior segredo, de maneira excitadamente secreta?

E aí sua advogada, Marie Aubert, falou assim:

É possível. Mas do mesmo jeito que nós humanos nunca mais voltamos a usar as mãos como patas dianteiras, também as conquistas do feminismo são irreversíveis!

E Ruan Sedut pensou mas não falou: É isso. Vou mesmo continuar sendo esse fascinante personagem que as mulheres odeiam amar.

O presidente do supremo tribunal

Apasionada discretíssima, Françoise Mathieu quer Ruan Sedut. A bela e competente Marie Aubert gostaria de não querer, mas quer Ruan Sedut. E Jeannette Jardin, sensual e sedutora e namorada do

ciumento Charles Mathieu, quer Ruan Sedut. Nunca soube que em situações como esta, duas ou três ou mais mulheres tirem a sorte ou façam fila para que assim cada uma tenha a sua vez e tudo sem maiores aborrecimentos. Nem mulheres, nem homens quando apaixonados chegam a esse grau de autocontrole e por isso se eu não agir com alguma sabedoria, tenho a impressão de que Paris irá ficar muito, muito quente para mim. E mais: Françoise Mathieu é irmã de Charles Mathieu que seria capaz de gestos radicalmente protetores para que sua Françoise não venha a sofrer e no momento ele está apaixonado por Jeannette Jardin. Charles Mathieu disfarça mas age como um discreto pai possessivo com relação a Marie Aubert, tem um apego ciumento por ela pertencer ao seu escritório, por ser sua discípula como advogada, etc. Mesmo que Marie Aubert e Charles Mathieu se dediquem à defesa de Ruan Sedut com total objetividade, isto é, sem deixar que outros sentimentos criem predisposição no sentido de não se esforçarem muito para impedir sua condenação, mesmo que isso venha a ocorrer, mesmo que Marie Aubert querendo muito Ruan Sedut, não se sinta diminuída por ele preferir ao mesmo tempo duas outras que não ela e Marie Aubert é sempre muito bem informada, mesmo que Charles Mathieu não ligue nem um pouco para a possibilidade de Ruan Sedut estar namorando sua irmã e sua amada, mesmo que ambos apesar de tudo isso ainda tenham entusiasmo em defender um cliente acusado de estuprar uma menor, acaba de surgir um fato novo para provocar a possível desgraça jurídica de Ruan Sedut.

O Presidente do Supremo Tribunal Federal, além de obviamente ser o mandante máximo de um dos três poderes do Estado, é o juiz de última instância que poderá presidir a absolvição ou a condenação definitiva de Ruan Sedut após todas as lutas jurídicas nos tribunais menores, sua decisão em conjunto com um punhado de colegas tem a força inquestionável de poder de Zeus ou Jeová, etc., o Presidente do Supremo Tribunal Federal, Juiz Jean Jacques Bertin, é simplesmente pai adotivo da menina escocesa que teria sido estuprada por Ruan

Sedut. Há mais ou menos um ano ela saiu de caso e isso explica o fato de apenas ontem a notícia de sua queixa na delegacia e as preliminares do processo terem chegado a seu conhecimento. Hoje à tarde Charles Mathieu, parceiro de tênis de um dos irmãos do Presidente do Supremo, um grande empresário da construção civil, ficou sabendo por este não só desse fato arrasador para as chances de defesa de seu cliente Ruan Sedut, mas também... Bem, aqui é preciso esclarecer primeiro o seguinte: esse empresário irmão do Presidente do Supremo, há uns oito anos atrás ficou quase que completamente arruinado quando seu irmão deu ganho de causa a uma empreiteira rival que lutou numa longa batalha jurídica para provar o crime de suborno e falsificação de documentos que lhe permitiu vencer uma licitação para construir uma usina nuclear que no final das contas acabou nem sendo construída por causa dos protestos veementes dos movimentos ecológicos. Por esse lado dos valores morais, o juiz Bertin é impecável, difícil encontrar alguém mais rigoroso no combate aos desvios de leis e normas que regem, digamos, o direito comercial. Por outros ângulos da moral, ele também é rigoroso, mas se no campo dos negócios, das vantagens pecuniárias, jamais deixou-se corromper, no setor das paixões propriamente afetivas e suas conseqüências, não policia a si mesmo com o mesmo rigor que pune os demais infratores. E é justamente sobre esse fato que o seu irmão acabou dando algumas informações, sem dúvida maldosas, ao seu parceiro de tênis e de boas doses de whisky: Se essa menina fosse filha de sangue do meu irmão, eu diria que ele tem uma paixão incestuosa por ela! Mas claro que não foi o autor da iniciação sexual da infeliz garota quando ainda com dez ou onze anos, não acredito que seria capaz de algo tão baixo, tão brutal e asqueroso! Mas a verdade é que no ano passado minha mulher acabou tendo que intervir pois a esposa do meu querido irmão já estava desesperada com o crescente relacionamento pouco sadio entre ele e a menina, etc. Felizmente minha mulher é uma excelente psicóloga e soube lidar com aquela patologia encoberta, não que tenha tentado curar meu irmão,

claro, mas conseguiu que a menina saísse da casa dele, conseguiu que fosse estudar em Londres ou em Glasgow sei lá, num colégio interno, etc. E agora acontece esse escândalo... Ainda se meu irmão aprendesse que seu posto de supremo magistrado na França não lhe dá direito de fazer uso nada cristão do corpo de uma menina para seu próprio prazer, se tomasse consciência, se percebesse fundo o mal que causou à sua filha adotiva, se se arrependesse, tudo bem, mas infelizmente isso não irá acontecer. Minha mulher explicou que o Jean Jacques, meu querido irmão, simplesmente irá aproveitar esse caso de estupro para projetar no réu, que dizem ser um famoso sedutor, tudo o que de libidinoso e sórdido existe nele mesmo, ou seja esse tal de Ruan Sedut será agora o bode expiatório que servirá para lavar a alma carregada de pecados do Jean Jacques. Faz muito sentido essa análise da minha mulher, não é verdade?

Jeannette Jardin e Ruan Sedut

O herói, o gênio, o sábio, são habitantes do fio da navalha.

A vida de um herói é tecida de riscos, um passo em falso, um momento de fraqueza, de dúvida e pronto, lá vai o coitado à condição de bode expiatório, entende?

Bem, não penso exatamente assim, mas continue.

Pois é, quanto ao herói eu até que entendo, mas quando se trata do gênio e principalmente do sábio, aí não dá mesmo para acreditar na verdade dessa frase tão bonita, nesse negócio de habitantes do fio da navalha. Veja, até quando minha cabecinha alcança, acho que sábio é a pessoa tranqüila, resolvida, sem conflitos, segura, menos agressiva, menos ativa em termos de ficar por aí inventando perigos, criando situações arriscadas onde possa provar sua coragem diante da morte, etc. Diga se não estou certa.

Continue, fale também do gênio.

Isso, o gênio, o gênio, bem, o gênio, sei lá do gênio!

Nunca conheci nenhum, bem também nunca conheci nenhum sábio, olhe, vou falar do gênio como falei do sábio e do herói, certo?

Herói você já conheceu algum?

Ai que conversa mais boba! Mas agora vou até o fim, claro que nunca conheci nenhum desses três tipos, mas como todo mundo fala das coisas muito mais por ouvir dizer ou por imaginar ou desejar que elas sejam assim ou assado, ou ainda por ter lido ou visto personagens nos livros ou nos filmes com roupas disso ou daquilo e dizendo frases como essa que deu início a esse meu maldito discurso estropiado, então a gente fica sabendo que herói ou gênio ou sábio são do jeito que nos mostraram e por isso não tenho a menor dúvida de que herói e, como acabei de dizer, sábio também e gênio, deixa eu ver, gênio é uma pessoa meio louca, temperamental, de pavio curto prestes a explodir a qualquer momento e que faz grandes descobertas científicas, pinta quadros como Leonardo da Vinci ou o Van Gogh, escreve livros como o Shakespeare ou Kafka tudo como um gênio, como alguém capaz de fazer coisas tão geniais que só mesmo eles conseguem fazer, etc., está gostando do meu discurso? Acho que sou capaz de alguns bem melhores, este está realmente próximo do ridículo, mas estou me divertindo, acho delicioso falar bobagem!

Continue, está ótimo.

Pois é. Mas o que eu estava falando mesmo? Ah, o gênio, o gênio, o gênio não vive, desculpe, não habita o fio da navalha, claro que não. Nem poderia se é que entendo direito o que vem a ser exatamente essa imagem de fio da navalha.

Talvez seja quando com precipícios de ambos os lados caminhamos sobre o fio finíssimo de uma navalha, os dois precipícios laterais são o desaparecimento, a descrença radical em verdades preestabelecidas para a esquerda ou para a direita, para o bem ou para o mal, não há mais redes protetoras tecidas de ideais políticos, éticos, religiosos, nem filosóficos e ao menor descuido, à mínima queda de concentração, é a morte! É preciso um equilíbrio supremo, mas não um

equilíbrio estático porque aí a queda é certa, o equilíbrio tem de ser dinâmico concentrando as forças opostas, equilíbrio afirmativo, cheio de vida. Nenhum sentimento negativo, nenhum ressentimento pode ser carregado por quem caminha no fio da navalha. Nenhuma dúvida crônica pode estar com você, mas as dúvidas dinâmicas não só podem como devem. Nenhum desejo que não seja vital, nenhum desânimo, quem caminha no fio da navalha não vai cheio de crenças nisso ou naquilo, não se alimenta com idéias fixas mas não acredita também em evolução, não é idealista e muito menos cínico, não é hipócrita quem caminha no fio da navalha, é quem vive além da moral por que é um belo instinto de vida vivendo, é uma força sadia, uma vontade nobre, uma potência livre, é um herói, é um sábio, é um gênio!

E por que não também um sedutor, uma sedutora?

Ruan Sedut não respondeu, beijou Jeannette Jardin e deixou a cama e o quarto para ir tomar um banho. Foi para o banheiro ainda nu mas o que pretendia de fato era ganhar tempo para entender uma coisa estranha que de repente percebeu naquela conversa ou melhor, aquele discurso de Jeannette Jardin sobre herói, gênio, sábio e tudo o que ele mesmo acabou falando e a frase final de Jeannette sugerindo que o sedutor e a sedutora também habitariam o fio da navalha, etc., tudo muito estranho, tudo parecendo a repetição de uma conversa que havia tido com outra mulher. Mas o que mais estava intrigando Ruan Sedut era o fato de se lembrar muito bem que somente uma vez na vida falou ou pensou sobre isso, um tema sem dúvida fascinante. A sedutora, o sedutor, claro, habitavam também o fio da navalha, mas será que só por isso seria aceitável equipará-los em atingimento criativo ou social a esses três personagens meio míticos e meio reais como são o herói, o sábio e o gênio? Ruan Sedut adora pensar enquanto toma banho, nem o prazer sensual um tanto narcísico que sente quando seu corpo forte é tocado pela força do chuveiro vitalizando sua pele, seus músculos, nem isso atrapalha sua capacidade de concentração quando no banho tenta entender alguma sobre si mesmo, sobre os outros, sobre a arte de viver,

etc. E aí percebe a confirmação de que realmente já havia falado uma vez aquele assunto com uma mulher e era uma mulher que não lhe interessava muito mas que talvez tivesse alguma capacidade, algum feitiço no sentido de instigá-lo a falar, a se apaixonar falando de alguma coisa, a se entusiasmar por assuntos que talvez viessem de regiões que psicanalistas chamam de inconsciente individual ou coletivo, etc. O fato é que só falou mesmo sobre isso com essa mulher de quem não se lembra mais. E foi, é evidente, num momento em que estava auto-fascinado por seus talentos na arte da sedução, coisa aliás não muito comum de acontecer. Geralmente, Ruan Sedut não dá muita importância à realidade de ser um mestre nessa arte, nem o orgulho natural e tão comum nos mestres em alguma arte, nos campeões nisso ou naquilo a gente pode perceber em Ruan Sedut que não demonstra nem para o observador mais competente e agudo talvez porque não tenha esse orgulho para si mesmo. Acha isso bem natural como não é coisa do outro mundo um sabiá cantar, etc. Como diabo Jeannette Jardin poderia não só puxar aquele assunto e ainda mais seduzi-lo a ponto de novamente se entusiasmar a repetir o mesmo discurso? Após o banho voltou nu para o quarto, para a cama e achou Jeanette Jardin ainda mais desejável. Parecia mais bela, mais misteriosa. Mas poderia ter uma pele um pouco mais macia...

De uma coisa não tenho dúvida: nunca para mim foi tão arriscado deitar com uma mulher, deitar com Jeannette Jardin. Mas como resistir ao desafio de seduzir o objeto de paixão daquele que no momento detém um grande poder a favor ou contra mim? Há quem negue que os obstáculos estimulam os desejos, mas agora já não estou mais em meu apartamento fazendo amor com Jeannette Jardin, agora acabo de chegar ao café Deux Magots acompanhado de Adèle D'Anjou, esperamos uns cinco minutos por uma mesa e finalmente nos sentamos numa de frente para o boulevard Saint Germain e no momento que o garçom sempre muito mais importante que qualquer dos clientes como são os garçons parisienses em geral e do Deux Magots em particular, no momento em

que esse exagero do orgulho profissional estava anotando nosso pedido, dois copos de vinho Muscadet e Chablis, vi que lá no outro lado do boulevard um pouquinho abaixo do café Lipp's quase na esquina da Rue de Rennes acabava de estacionar um velho Rolls Royce preto, o motorista fardado saiu, abriu a porta de trás e esperou cortesmente que descesse uma senhora elegantíssima acompanhada de uma outra mais velha e ambas caminharam muito cuidadosas pela faixa de segurança, atravessaram na direção aqui do Deux Magots olhando receosas para os carros temendo ser atropeladas e agora estão paradas bem na nossa frente enquanto esperam que vague uma mesa, a mais jovem além de elegante e finíssima é sem dúvida uma das mulheres mais lindas que já vi e Adèle D'Anjou está ainda mais deslumbrada do que eu e chegou até a gaguejar quando apertando meu braço diz você ainda não percebeu quem é ela? Bom, que é uma mulher maravilhosa dessas que a gente raras vezes tem a sorte de ver, acho que não há dúvida, mas realmente não sei mesmo quem seja, parece uma daquelas duquesas belíssimas de muito antigamente que quando jovens costumamos adorar nos quadros dos museus... Sabe que você acertou! Acertei o que? Claro que acertou, nós estamos agora frente a frente da duquesa de Aquitânia e condessa de Poitiers, da esposa do trovador Guilherme IX, não é o máximo? Talvez seja o máximo se não dermos muita importância à passagem do tempo, se acreditarmos que o tempo é de fato uma ilusão, etc., porque do contrário... Mas que coisa, Ruan, que racionalismo mais fora de moda, por que essa rigidez historicista, esse cronologismo linear, nós hoje vivemos no tempo simultâneo não no tempo linear! O passado o presente e o futuro estão acontecendo agora, acabou essa coisa de antes e depois, etc., e só você acho que ainda não sabe disso e em vez de divertir-se com esse espetáculo raríssimo e especial que é estarmos a um metro da duquesa de Aquitânia em carne e osso, nossos corpos quase roçando o dela, e você fica aí com essas bobagens de impossibilidade histórica ou cronológica, sei lá. E aí vaga uma mesa a uns cinco metros da nossa e a duquesa e sua acompanhante sentam-se.

A outra deve ser sua dama de companhia, pelas roupas, você não acha? Bom, não entendo muito de fantasias, de história da moda, por isso não posso mesmo saber se aquela roupa é ou não a que as damas de companhia usavam no século onze, mas se você está dizendo... A duquesa e sua companheira, claro não estavam com roupas medievais, mas se pode ver que a mais idosa se veste de maneira sóbria, uma blusa marrom fechada no pescoço e uma saia verde escuro discreta e larga cobrindo os joelhos, um sapato preto de salto baixo. A bela duquesa de Aquitânia usa um tailleur chanel ligeiramente amarelo, axadrezado. O cabelo muito curto, ruivo, o rosto claro e bem desenhado. Os olhos são azuis de princesa, seu pescoço é longo e a cabeça discretamente erguida. Ela parece ver tudo sem olhar para nada. Adèle jura que olhou para mim mais de uma vez mas sinceramente não notei. No momento as duas conversam de maneira tranqüila e a duquesa parece estar conversando apenas para ter oportunidade de mostrar o tempo todo um maravilhoso sorriso como se esse fizesse parte do assunto, etc. Adèle D'Anjou começa a me contar que pelo fato de os romanos terem permanecido por muito tempo no sul da França, principalmente o Languedoc mas também a Aquitânia foi muito influenciada pelos costumes, pelas leis, pelo direito vigentes na Roma republicana de Júlio Cesar e em boa parte do império e até o século doze ou treze as esposas dos nobres de quase todo o Midi gozavam de igualdade jurídica relativamente ao homem e por isso podiam dispor livremente de bens próprios, mesmo que fossem casadas. Pois é, meu querido Ruan Sedut, nessa área só muito recentemente que nós mulheres começamos a recuperar um direito que nossas antepassadas já tinham há dois mil anos atrás, pelo menos em Roma, não é incrível? Mas eu estou falando isso só para te dizer que aquela beleza de aristocrata ali, aquele puro sangue que está fazendo você esquecer que sua amiga aqui existe, não só é riquíssima, uma das maiores fortunas da França pois aquele sul ou quase todo foi ou é de seu marido, como também ela pessoalmente pode dispor quando quiser de tudo que herdou de seus antepassados tão ou

mais ricos que os do duque. Que tal? Por isso que os trovadores provençais, dizem as más línguas, versejavam com tanto ardor as virtudes e a beleza daquelas damas, eles esperavam receber dádivas econômicas! Os primeiros não, que eram nobres de círculos mais elevados como o poeta marido dela, mas com o tempo e no auge da moda trovadoresca eles já eram da pequena nobreza com poucas rendas ou nascentes burgueses igualmente sem recursos e sedentos de conseguir dessas damas mecenas ajuda financeira ou recomendações para cursos e boêmia poética aqui em Paris, etc. Por isso, meu caro, muita atenção que ela está mal acostumada, não irá jamais se impressionar, como nós meras burguesas de hoje, apenas com um corpo forte e bonito, um olhar sedutor ou um belo automóvel, um apartamento bem decorado, uma conversa falando de barcos e bolsas de valores e paraísos fiscais e temporadas de esqui no lugar da moda ou da bela casa de praia numa ilha particular, tudo isso é muito sedutor para nós que nunca fomos cortejadas por um cavalheiro que mata dragões e centenas de mouros ferozes e engole fogo e ainda por cima escreve e canta poemas de alto nível literário e tudo em homenagem à mulher que quer agradar, tudo dedicado com amor e profundo respeito àquela que um dia, quem sabe, poderá permitir que ele tenha o direito não de ser correspondido, mas apenas de amá-la sem nenhuma esperança de retribuição... Qual é sua chance, meu pobre Ruan Sedut?

Ruan está achando tudo isso fascinante, a bela duquesa, essas observações de Adèle D'Anjou, esse mundo excitante das damas inatingíveis, dos bravos cavalheiros que morrem por elas, os trovadores que sabem amolecer o coração e o cofre das duquesas e começa sem perceber a criar um plano que irá incluir amor e muito risco num desafio onde a duquesa de Aquitânia será seduzida e provavelmente sua vida irá sofrer mais uma metamorfose tão grande ou maior que outras por que já passou e algumas foram só para se divertir.

Adèle D'Anjou continuava falando com entusiasmo, parecia identificada com a idealização que fazia da duquesa e de seu mundo

encantado. Ruan Sedut aproveitou para continuar brincando com o tal plano, também com entusiasmo.

Implicava num risco enorme, era sem dúvida um desafio tão grande como o dos heróicos sedutores da Idade Média: esse raro prazer de dançar à beira do abismo, o gosto perigoso de deitar com a mulher de um advogado ciumento que iria salvá-lo ou lhe abrir a porta da cadeia, a provocação arriscada do ciúme, da competição entre mulheres que poderiam a qualquer hora unirem-se contra ele, etc. Talvez se soubesse do fato de o Presidente do Supremo Tribunal ser o apaixonado pai adotivo da menina que o acusou de estupro, talvez de posse dessa informação não creio que tivesse algum desejo de inventar a aventura que neste momento está excitando seu impulso criativo e após dez minutos a duquesa e acompanhante deixam o Café. Na calçada junto às mesas do Flore e aqui do Deux Magots passa um grande grupo de jovens caminhando na direção da Saint Michel, os rostos pintados de branco, malhas negras cobrindo todo o corpo, passam calados, as cabeças e ombros como que caídos por uma tristeza de morte. Não exibem bandeiras, nem faixas, nem frases no peito. Um desfile suave e tétrico de sombras. Há um longo silêncio por onde passam. Minutos depois, sem comentar o desfile sinistro, Adèle D'Anjou volta a falar das damas e cavalheiros provençais e Ruan Sedut já tem seu projeto muito bem estruturado. Chama o garçom para a conta e enquanto paga pergunta se por acaso não conhecia algum piloto de prova, um desses malucos maravilhosos que adoram uma oportunidade para fazer acrobacias, vôos arriscados, etc. O garçom riu e perguntou para que dia precisava e se era coisa realmente fantástica. Bom, não sei se você considera uma coisa fantástica aquela loucura que alguns tipos fabulosos já fizeram mais de uma vez, ou seja, passar com o avião por baixo do Arco do Triunfo! O garçom pareceu ficar fascinado com idéia e disse ter um primo que era a pessoa exata que eu estava procurando. No dia seguinte fiquei sabendo que o tal primo não existia e era o próprio garçom do Deux Magots que iria pilotar o jatinho, ele é sócio de

um dos aeroclubes de Paris mas foi logo avisando que seu nome jamais poderia ser revelado, do contrário seria expulso do clube e demitido do Deux Magots, emprego do qual qualquer garçom parisiense só aceita sair se for por morte ou avançada velhice. Quis saber então por que diabo iria arriscar a vida. Respondeu seguro que por dinheiro e pelo desafio. Publicidade, nem pensar, não estava em seus planos ficar famoso com aquilo. Achei ótimo porque meu plano é justamente assumir de público o vôo e dedicar o ato de coragem à beleza e às virtudes da duquesa de Aquitânia. Expliquei parte do projeto para o garçom que deu uma boa gargalhada, mas o senhor acha mesmo que precisa de tudo isso para conquistar uma mulher, hoje em dia? Só tem um problema. Se o senhor não tiver brevê nossa brincadeira não vai dar em nada. Por acaso Ruan Sedut ainda tem com ele o brevê que uma amiga arranjou para tirá-lo de uma situação difícil, qualquer coisa assim como um álibi contra um casamento e Ruan Sedut em vez de ser o amante seria apenas o piloto de um jatinho que ela alugava às vezes, etc. O garçom insistiu: tem certeza mesmo que não quer fazer o vôo comigo? Como isso não estava exatamente nos meus planos mesmo porque somente a dama a ser conquistada é que era medieval e sedenta de tributos imensos, de gestos grandiosos, ficou combinado que como o tempo andava chuvoso e frio poderíamos tentar a seguinte manobra: no dia certo iríamos ao aeroclube com a seriedade necessária e lá o garçom ficaria escondido no banheiro e eu pagaria por uma hora de vôo, preencheria uma exigente ficha onde o nome dele constaria como sócio convidante responsável, deixaria com eles o meu brevê, etc. Isso feito eu iria ao banheiro, lhe daria a ordem de vôo recebida, os desejos de boa sorte, as chaves, enfim o kit completo, tomaria seu lugar no banheiro escondido uma hora enquanto o garçom do Deux Magots faria o vôo sob o Arco do Triunfo que não é exatamente perto pois o aeroclube dele fica fora da Ille France e quando voltasse, combinou o tempo exato comigo, eu deveria já estar no campo, próximo ao local que iria me indicar, ele me garantiu que com aquele tempo horrível que

estava fazendo o aeroclube estaria quase deserto e tudo iria dar certo. O garçom diria depois nunca ter me visto na vida, etc. e o resto do plano incluía telefonemas para jornais e noticiários de televisão avisando que iria tentar o tal vôo não só audacioso como proibido. À noite ligaria para o hotel da duquesa, ainda precisava descobrir qual era e se apresentaria como o autor da façanha dedicada com profundo respeito às sublimes virtudes e rara beleza da dama que no dia anterior no Deux Magots havia enfeitado seu coração e mudado o rumo de sua vida, etc. Ruan Sedut viu a duquesa de Aquitânia no Deux Magots numa terça-feira à tarde. Na quarta acertou os detalhes do plano com o garçom. Na quinta foi realizado o tal vôo sob o Arco do Triunfo da Etoile, um sucesso absoluto, a televisão deu grande destaque talvez para desviar o assunto meio perigoso de protestos com incêndios e invasões de lojas, depredações, acontecidos durante os últimos dias em três banlieux, um jovem algerino morto por policiais, etc., ou também para criticar o sistema de segurança de Paris que até aquele momento não havia prendido o autor daquela ameaça à vida dos franceses e turistas na Champs Elisée, etc. As televisões informaram ter recebido telefonemas de mais que uma pessoa assumindo a autoria da aventura. E deram destaque ao nome de Ruan Sedut dizendo se tratar de um socialite, um colecionador de arte e bon-vivant muito conhecido nos meios mais sofisticados de Paris. Na sexta-feira às cinco da tarde a duquesa de Aquitânia e sua dama de companhia entravam no apartamento de Ruan Sedut no Boulevard Raspail. Mas na noite anterior, quem esteve em meu apartamento foi minha advogada, Marie Aubert. Estava furiosa e assustadíssima. Primeiro me disse:

Mas você ficou louco?! Aonde já se viu uma coisa dessas?

Então eu respondi que era tudo invenção da imprensa, neguei com todas as forças que tinha feito uma loucura daquelas. Com certeza só pode ser obra de alguém que não gosta de mim, algum marido ou namorado que pode ter interpretado mal alguma gentileza minha às mulheres deles, coisas desse tipo, é claro, só pode ser isso.

Aí Marie Aubert ficou mais calma, aceitou sentar e tomar um copo de vinho. Mais tranqüila, fez um rosto muito sério, parecia de fato preocupada comigo. E aí contou a Ruan Sedut a história que acabava de saber pelo Charles Mathieu. Não, não foi a história do caso atual que mantenho com Jeannette Jardin que isso nem Charles, nem Marie ainda não sabem. Foi a história da paixão, digamos incestuosa, entre o Presidente do Supremo Tribunal da República e sua filha adotiva que Ruan Sedut teria estuprado, etc. E foi nessa quinta-feira após essa informação que meu projeto de metamorfose ganhou maior dimensão e urgência. Às vezes, talvez na maioria das vezes por mais que a gente se esforce para ter uma idéia brilhante, nada acontece, mas não é incomum acontecer mesmo com as pessoas menos criativas de repente aparecer nunca sabemos de onde nem exatamente porque uma solução inesperada e bem vinda para nos tirar do maior buraco: realmente ainda não consigo descobrir por que diabo me veio logo após a saída de Marie Aubert de meu apartamento, me apareceu a idéia de me transformar em um psicanalista argentino. Comecei os passos para essa metamorfose já no dia seguinte e quando a duquesa de Aquitânia atendendo meu telefonema ultra poético e respeitoso e romântico e exageradamente devoto de um admirador humilde de sua esplendorosa beleza e virtude, quando essa bela aristocrata que me entusiasmou dos pés à cabeça aceitou minha corte e na conversa soube que eu além de herói da aviação e apaixonado por ela era também um conhecido colecionador de arte, ficou fácil para convidá-la a vir me visitar, naturalmente escoltada por sua sisuda dama de companhia. E minha sorte foi total quando a duquesa, estudiosa e amante de artes plásticas se encantou não só pelos meus quadros como igualmente pelo meu apartamento, disse que sempre sonhou em ter um cantinho charmoso em Paris e que o Boulevard Raspail era o lugar mais fascinante que conhecia, achava aquela arquitetura dos prédios que chamou de quase art-nouveau simplesmente divina, etc. Para encurtar a história, uma semana depois meus quadros e o apartamento já tinham sido vendidos para a duquesa

de Aquitânia. Mas isso antes de me transformar em psicanalista argentino. Claro que ela é duquesa e riquíssima. Mas apenas uma bela descendente de Guilherme IX...

A essa altura dos problemas nascidos após a interferência daquela diabinha enviada pela soberana Hipólita das Amazonas para levá-lo à desgraça e mais as seduções arriscadas da irmã e da namorada de Charles Mathieu, poderoso advogado que precisaria estar completamente do seu lado e não contra, e essa agora do ódio de um juiz incestuoso e ciumento, etc., não resta mesmo outra saída a Ruan Sedut a não ser transformar-se em uma outra pessoa. A única razão que ainda está retardando um pouco o começo da metamorfose, é que os olhos da duquesa de Aquitânia, seu perfume, seu jeito de sorrir e sobretudo aquele tipo de elegância olímpica, a cabeça erguida, a coluna reta numa postura de toureiro na arena ou de um belo cavalo no movimento do salto, elegância forte e segura e no caso da minha duquesa, também elegância suave, acolhedora, quase maternal como se fôssemos velhos amigos, ela parece passar ou passa mesmo uma gostosa sensação de segurança, de um amor amigo e doce, aquele sonho de uma mulher maravilhosa que irá me amar e fazer feliz para sempre sem nunca deixar de ser bela e inteligente e amiga e desejável e me amar sobre todas as coisas, etc., é isso, só isso e como isso é maravilhoso, isso sendo a única e poderosa razão do atraso da transformação de Ruan Sedut em um psicanalista argentino. Estou realmente em dúvida se desapareço hoje ou daqui alguns dias, se me transformar agora ainda posso salvar meu pescoço da guilhotina, esse Presidente do Supremo a essa altura já deve estar sabendo de mim, eu o seu demônio, seu bode expiatório, claro, ainda mais depois que meu nome saiu nos noticiários da TV, nos jornais e não é nada impossível que também o duque de Aquitânia, homem bravo acostumado a lutar de armadura e com aquelas espadas pesadíssimas que mal conseguimos levantar do chão com as duas mãos, não será improvável que esse duque que corta cabeças nas guerras com a mesma naturalidade com

que hoje vemos filmes de guerra na televisão, também já esteja interessado em saber direitinho quem é esse louco que ousou se engrajar com a mulher dele e não creio que vá se impressionar com a hipótese de ter sido o inventor de Ruan Sedut etc. Quando telefonei para a imprensa insisti que aquele grande gesto era uma homenagem, um tributo às virtudes e à beleza únicas da duquesa de Aquitânia, durante uma semana todos os jornais não pararam de publicar matérias especiais sobre a musa de Ruan Sedut, mulher da mais antiga e pura nobreza da França, seus hábitos, preferências, colégios em que estudou, línguas que fala, seu gosto e conhecimentos sobre pintura, fotos dela no castelo perto de Toulouse brincando com o filho de três anos e próximo duque, de número dez, da Aquitânia, etc., ela e eu somos nestes dias o par amoroso mais célebre da França, fazem até comparações com Heloisa e Abelardo, etc. Felizmente a imprensa não costuma ter fotos minhas nos arquivos, que não é do meu estilo esse tipo de prestígio, do contrário talvez seria ainda mais difícil a metamorfose que serei obrigado a realizar o mais breve possível. Péssima hora esta de amar, de me apaixonar por alguém e acho que estou mesmo apaixonado pela minha maravilhosa duquesa. Heloisa e Abelardo, não me vejo como Abelardo, não gosto nem de teologia, nem de amores impossíveis e muito menos de, como ele, ser vítima do ódio religioso do tio monge de Heloisa que mandou uns bandidos me castrarem, quer dizer, cortarem o sexo de Abelardo, mas estou achando que por razões nada medievais meu amor pela duquesa acabará mesmo tendo de ser impossível, não por ela ser casada, não por eu ser um pobre trovador, mas porque, sei lá, joguei muitas e pesadas pedras para o ar e não vai dar mesmo para sair de baixo, ontem finalmente ela concordou em vir sozinha ao meu apartamento. Ao contrário do que eu esperava, não foi dificuldade maior levá-la ao que nós dois queríamos. Incrível como no fundo todas as mulheres são mesmo duquesas, princesas e necessitam serem vistas como tais. Sem isso, sem ficarem convencidas de que o homem será capaz de tudo só para fazer amor com elas, sem esse desejo irresistível

de divindade e sua satisfação, mesmo que tudo seja apenas simulado pelo conquistador, não se chega nem próximo do coração delas, e talvez o motivo mais profundo seja mesmo a necessidade biológica de preservação da espécie, que se precisa para isso instintivamente só se dar ao homem que será um pai perfeito, sadio, protetor e não um espertinho qualquer que faz amor e desaparece, o candidato a procriador, a semente da espécie precisa provar bravura, coragem, persistência, precisa ser um homem de verdade e sobretudo responsável, quer dizer, protetor eterno dos filhos e da mãe destes, etc. Mas tudo isso talvez tenha ficado lá atrás na Idade Média ou no século passado. Também ao contrário do que eu esperava, a minha bela condessa de Aquitânia é quentíssima e gosta de fazer carinho. Errei mesmo na previsão, felizmente, mas como eu poderia imaginar isso de uma dama da Idade Média prisioneira no castelo do marido, tendo um padre repressor de todos os desejos, não, de todos os pensamentos, de todos os anseios como confessor, como conselheiro material e espiritual e não um discípulo de Freud que liberta desejos reprimidos até de quem nunca reprimiu ou sequer desejou, etc. Minha querida duquesa é a coisa mais linda que já me aconteceu. É possível, como algumas já me disseram, ah, aposto que você diz isso para todas, talvez seja possível, mas no momento não me lembro de nenhuma vez que tenha gostado tanto de alguém... E, essa coisa de amor impossível não pode haver nada mais fascinante. Acho que vou mudar de vida também nesse item e só me ligar de agora em diante a amores impossíveis, quanto mais melhor. Tenho a impressão de que ela também está apaixonada por mim, sou o homem mais feliz do mundo! Bom, quem sabe depois de minha transformação eu ainda possa continuar com ela, afinal não sou o médico que vai se transformar em monstro. E ri de sua própria piada: talvez um monstro que vai virar médico psicanalista. Sou apenas o Ruan Sedut que vai se tomar um novo personagem, com nome, endereço, aparência... Ai Ruan Sedut sorri, é isso, exatamente isso, posso começar agora mesmo o processo de transformação, claro,

por que não? Depois irei ter o grande prazer de novamente seduzir a duquesa de Aquitânia. Talvez por ter se lembrado de que poderia experimentar uma segunda vez a delícia de seduzir sua amada ou pela consciência de que mais um dia em Paris como Ruan Sedut poderia ser fatal, seja como for saiu de casa e foi até a margem do Sena ali perto da Notre Dame, conhecia um vendedor de livros velhos que já lhe tinha mais de uma vez indicado alguém do chamado submundo para um serviço não muito ortodoxo, desta vez precisava de um passaporte argentino com um visto de permanência por mais de um ano, coisa difícilíssima, mas Ruan Sedut acabava de vender um apartamento de três quartos, dois banheiros e ampla sala num dos lugares mais caros de Paris e também uma coleção de oito telas de pintores renascentistas, era muito, muito dinheiro e assim seu amigo livreiro mandou que procurasse em seu nome aquele que considerava o maior especialista europeu no assunto, ele é sério, muito bem estabelecido, é de toda a confiança, seus clientes são da elite, além disso é um artesão antigo, um senhor de cabelos brancos muito respeitável, pode ir lá sem medo, não há nenhum risco e ele pode lhe arrumar até título legítimo de nobreza se for o caso. Não, não, não preciso de tanto, pretendo apenas ser um argentino. Com direito de morar e trabalhar por um ano ou mais em Paris. Ah, só isso? Será fácilimo, pode ficar descansado. Comprei oito de seus livros mais raros e caros e ele ficou muito contente. De fato o falsificador é mesmo ótimo, já estou com meu passaporte devidamente carimbado e assinado e com permissão para ficar seis meses renováveis por mais seis meses e ele me disse que na hora da próxima renovação é só lhe entregar o passaporte que ele providencia para mim e do mesmo jeito depois do primeiro ano, etc. Já aluguei um conjunto de salas na Rue Bonaparte quase na esquina do Boulevard Saint Germain, decorei com divã e tudo mais, um diploma de psicólogo da Universidade de Buenos Aires que o falsificador me fez de graça e já emoldurei e está pendurado bem à vista do cliente na sala de espera, na decoração usei alguns itens copiados de fotos do consultório de Freud não me lembro

se o de Viena ou o de Londres aquelas estantes com pequenas estatuetas em grande quantidade, deusa de fertilidade, miniaturas de deuses gregos, etc., e o grande e largo divã bem belle-epoque forrado com um tecido parecendo tapete persa e lembrando uma cama de odalisca e comprei também uma vistosa mesa tipo Luiz XV onde coloquei caríssimo tinteiro de cristal, pastas de couro com cantos dourados, enfim, ficou um consultório luxuoso para o reverente respeito de qualquer senhora muito rica que precise de meus serviços profissionais. Por sorte, não falo mal o castelhano, mas prefiro por segurança falar sempre em francês, com sotaque naturalmente. Já estive na Embaixada da Argentina, fiz charme com uma funcionária muito bonitinha da recepção, ela me adorou, dei-lhe alguns dos cartões que já mandei imprimir com meu novo nome, Dr. Juan de San Martin e endereço, pedi que me recomendasse junto à colônia argentina de Paris, etc., também deixei cartões com as gerentes de alguns hotéis próximos ao consultório. Como não tenho nem carreira, nem currículo, nem confraria de colegas de fato psicanalistas, é obvio que nenhum terapeuta sério irá mesmo me enviar clientes. Mas isso virá com o tempo, estou confiante em minha capacidade ou pelo menos em meu fascínio pelas artes da psicologia, qualquer coisa me diz que serei um bom terapeuta, aliás mais de uma vez já me imaginei nesse papel, uma maravilhosa profissão que contém numa só, o filósofo, o médico, o pajé, o escritor e acima de tudo o sedutor, acho que a prática, os segredos da clínica virão com o tempo, é só não receitar remédio nem aceitar cliente psicótico, já comprei uns trinta livros bem didáticos com títulos de Teoria e Prática da Psicanálise, O significado dos Sonhos, A psicanálise no Consultório, Como fazer a Entrevista, Como Cobrar, Técnicas de Interpretação, A Escuta Analítica, Os Segredos da Transferência, etc., aliás sobre transferência segundo já andei lendo não vou ter maiores dificuldades, tenho impressão que as clientes irão me contar tudo e sem resistência, tudo sobre o amor que sentem por figuras idealizadas na infância e li também que não existem bons ou maus

analistas e sim o importante é se a transferência se verifica ou não, não vejo a hora de começar a clinicar! Pois é. Uma semana depois que comecei a freqüentar todos os dias religiosamente meu consultório das duas às sete da noite, uma voz feminina me telefona. Deu seu nome e fiquei frio! Não podia de jeito algum esperar aquilo. Meu nome é Jeannette Jardin. Foi uma amiga, namorada de um cônsul argentino que me recomendou o senhor, disse que é um dos maiores senão o maior terapeuta de Buenos Aires e que atende alguns meses aqui em Paris, então... Ruan Sedut achou logo que seria arriscado mas risco com ele tem um outro sentido e marcou a consulta. Sua barba já havia sido raspada para a foto do passaporte, seu cabelo agora é loiro, passou a usar óculos, suas roupas e estilo de se vestir são completamente outros e sua maior arte sempre foi assumir com tal perfeição a imagem, a expressão de outra pessoa, a maneira de sorrir, de gesticular, agora havia também o sotaque argentino, às vezes fazia apostas que sem mudar de roupa ou de cabelo, barba, essas coisas mais evidentes, apenas dando ao rosto e corpo uma nova expressão, uma nova gestalt, um novo, digamos, campo de percepção para o outro, só com isso poderia não ser reconhecido até por uma pessoa íntima e ganhava sempre essas apostas, Ruan Sedut é um mestre nessa arte e hoje já é o dia que Jeannette Jardin tem hora marcada comigo. Estou morrendo de curiosidade, será que ela irá me reconhecer? Será que irei bem na estréia dessa maravilhosa profissão? Já faz duas semanas que venho todos os dias aqui ao consultório, para fingir ter muitos clientes marquei a entrevista para uns cinco ou seis dias após o pedido, etc. Venho estudando com paixão os manuais que comprei, me sinto seguro, vamos ver se me saio mesmo à altura do que estou esperando de mim. Jeannette Jardin chega pontualmente na hora marcada. Peço que se sente. Me pareceu bastante ansiosa, pedi que ficasse bem à vontade, lhe ofereci um copo de água, procurei criar um campo favorável ao relaxamento, à sensação de segurança, me lembrando de situações semelhantes quando tive de transmitir confiança e um estado de bem

estar a algumas mulheres mas em outras circunstâncias, claro, bem outras, etc. E aí, de repente Jeannette Jardin começa a contar que seu nome verdadeiro não era aquele e sim Marta Morguen! Eu sofri um terrível acidente, um incêndio, que me desfigurou e aí aproveitei para mudar tudo, principalmente o rosto com várias e caríssimas cirurgias numa clínica do Rio de Janeiro, adormeci com o cigarro aceso entre os dedos, há muitas mortes na minha vida, dois maridos meus já morreram, minha filha não fala mais comigo, não sei se foi loucura, mas num momento de desespero resolvi mudar de nome, de papel social, de tudo, eu já não era mais a mesma fisicamente... Hoje estou namorando um famoso advogado aqui de Paris o Dr. Charles Mathieu, não sei se o senhor conhece, já fui casada, meu primeiro marido era o banqueiro americano André Morguen, eu também sou americana, deve ter percebido pelo sotaque... ah, acho que estou falando demais e tudo numa vez mas é que estou muito nervosa, claro que o senhor está vendo, desculpe ficar sempre dizendo que o senhor já sabe, claro que já sabe, ah doutor eu estou mesmo precisando urgente de ajuda, não quero mais tomar remédios, nem ser internada e minha amiga me garantiu que o senhor é um psicanalista ortodoxo, que não dá remédio de jeito nenhum e é contrapor convicção, é contra as crueldades praticadas pelos psiquiatras. No momento continuo apaixonada por um homem chamado Ruan Sedut mas ele desapareceu!... Mas sabe, tem qualquer coisa no senhor que me lembra muito ele. Os psicanalistas chamam isso de Transferência, não é?

